

E SE EXISTE
ALGO QUE A MEDICINA
AINDA NÃO EXPLICA?

SINTOMAS
SEM RESPOSTA.
VERDADE
EM ALGUM LUGAR.

CLÍNICA MÉDICA

NEM TODAS AS DOENÇAS
TÊM NOME.
ALGUMAS TÊM
APENAS MISTÉRIO.

HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO

MEDICINA
É BUSCAR RESPOSTAS.

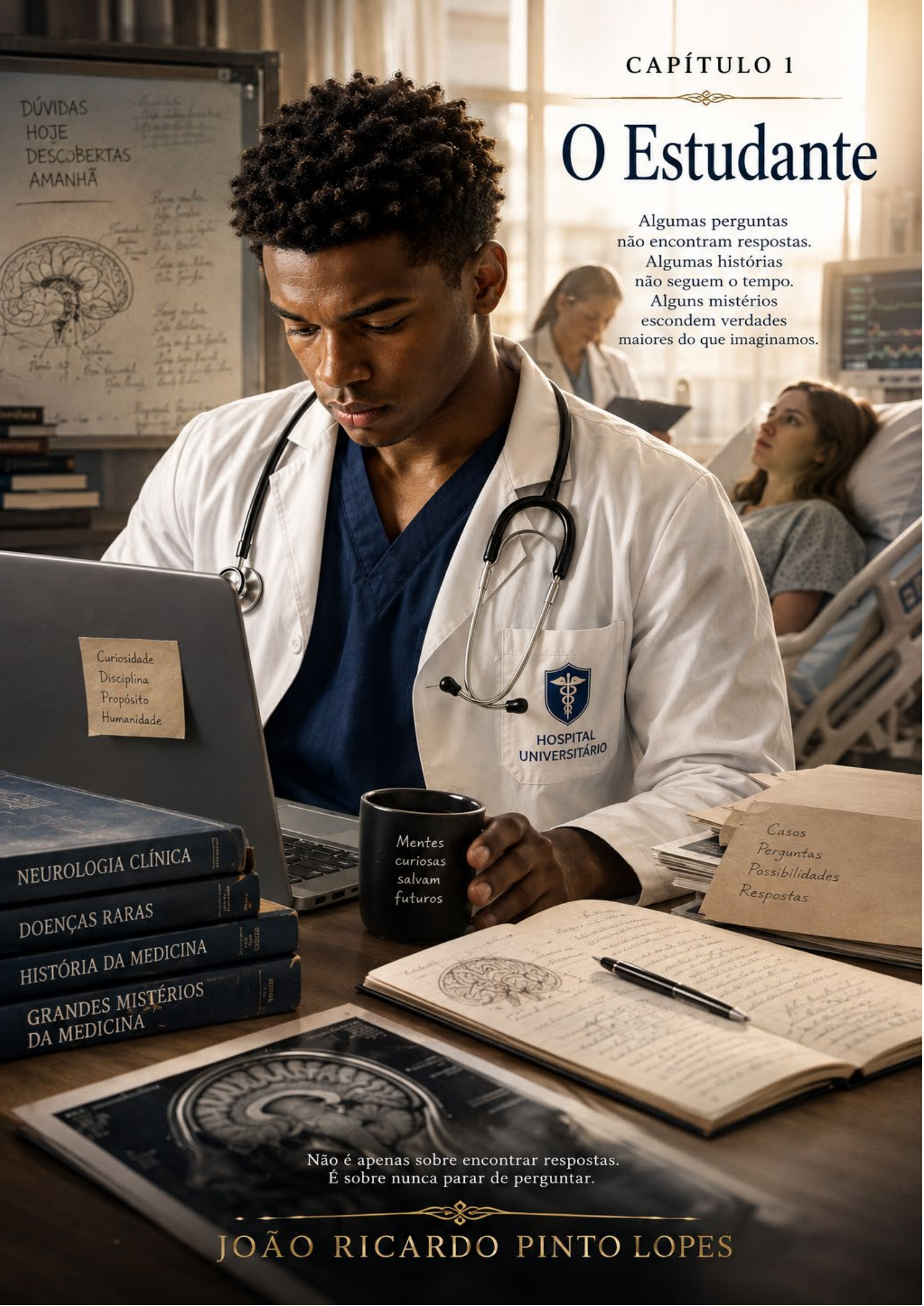
A SÍNDROME DE ATLAS

ALGUNS MISTÉRIOS NÃO PERTENCEM AO PASSADO.
ELES APENAS ESPERAM POR ALGUÉM QUE ESTEJA
DISPOSTO A ENXERGÁ-LOS.

L . M . A N D R A D E

O Estudante

Algumas perguntas
não encontram respostas.
Algumas histórias
não seguem o tempo.
Alguns mistérios
escondem verdades
maiores do que imaginamos.



Curiosidade
Disciplina
Propósito
Humanidade

Mentes
curiosas
salvam
futuros

Casos
Perguntas
Possibilidades
Respostas

Não é apenas sobre encontrar respostas.
É sobre nunca parar de perguntar.

JOÃO RICARDO PINTO LOPES

— Bom dia — respondeu.

A manhã transcorreu sem grandes novidades. Visitas aos pacientes internados, discussões clínicas, solicitações de exames e orientações terapêuticas. Tudo seguia a rotina habitual de um hospital universitário. Nada indicava que aquele seria o dia que mudaria sua vida. Por volta das dez horas, enquanto a equipe discutia um caso na enfermaria, a porta se abriu e uma residente de neurologia entrou acompanhada de uma jovem e de uma mulher que aparentava ser sua mãe. Lucas observou imediatamente a paciente. Ela parecia ter cerca de dezenove ou vinte anos. A pele excessivamente pálida contrastava com os olhos cansados e marcados por noites mal dormidas. Havia algo particularmente inquietante em sua expressão. Não era apenas confusão. Era medo. Um medo profundo e silencioso. A jovem segurava a mão da mãe com tanta força que seus dedos estavam esbranquiçados.

— Temos uma nova admissão — anunciou a residente.

A equipe voltou sua atenção para ela:

— Ana Clara Santos, dezenove anos. Encaminhada para investigação de episódios recorrentes de desorientação, alterações de memória e confusão mental.

O professor responsável franziu a testa:

— Diagnóstico?

— Ainda indefinido.

A residente passou a relatar os exames realizados até aquele momento. Tomografia computadorizada sem alterações. Ressonância magnética normal. Punção lombar sem anormalidades. Sorologias negativas. Avaliação psiquiátrica inconclusiva. Painel autoimune normal. Exames toxicológicos negativos. Nenhum resultado oferecia uma explicação plausível para o quadro clínico. Lucas sentiu imediatamente o despertar daquela curiosidade que tantas vezes o colocara diante de casos incomuns. O professor aproximou-se da paciente.

— Você sabe onde está?

Ana Clara permaneceu em silêncio por alguns segundos. Seus olhos percorreram lentamente a enfermaria, como se tentasse reconhecer um lugar que jamais havia visto.

— Estou... em uma escola?

A mãe abaixou a cabeça, claramente abatida.

— Ela faz isso o tempo todo — explicou em voz baixa. — Às vezes não reconhece nem a própria casa.

O professor continuou a avaliação.

— Qual é o seu nome?

A jovem demorou alguns segundos para responder.

— Acho que é Ana.

— Você acha?

Ela assentiu lentamente. Um silêncio desconfortável tomou conta do ambiente. Lucas observou a paciente com atenção. Não parecia apenas uma pessoa esquecida. Havia algo mais. A expressão em seus olhos transmitia a sensação de alguém completamente perdido, como se estivesse presa em um lugar inacessível para todos os outros. A visita prosseguiu. Outros pacientes aguardavam atendimento. Mas Ana Clara permaneceu ocupando seus pensamentos. Naquela tarde, Lucas decidiu acessar o histórico completo da paciente. O que encontrou apenas ampliou suas dúvidas. Os sintomas haviam começado cerca de três meses antes. Inicialmente surgiram febres baixas e esporádicas. Em seguida vieram os esquecimentos. Depois apareceram episódios cada vez mais frequentes de desorientação temporal. Em uma consulta, Ana Clara afirmara estar vivendo no ano de 2018. Em outra, acreditava ter quarenta anos de idade. Nenhuma dessas informações fazia sentido. Mas havia um detalhe ainda mais intrigante.

Todos os episódios eram precedidos por sonhos extremamente vívidos. Sonhos que ela descrevia com riqueza impressionante de detalhes. Pessoas desconhecidas. Lugares jamais visitados. Eventos aparentemente sem qualquer conexão lógica. Lucas fechou o prontuário e apoiou-se na cadeira. Algo naquele caso o incomodava profundamente. Não parecia apenas mais uma doença rara. Havia alguma coisa diferente. Algo que os exames não conseguiam detectar. Na manhã seguinte, decidiu conversar diretamente com a paciente. Encontrou Ana Clara sentada próxima à janela do quarto. A luz suave do sol iluminava parte de seu rosto, conferindo-lhe uma aparência mais tranquila do que nos dias anteriores.

— Posso fazer algumas perguntas? — perguntou.

— Claro.

— Você se lembra dos sonhos?

A mudança em sua expressão foi imediata. Os olhos se arregalaram e seu semblante ficou tenso.

— Sim.

— O que acontece neles?

Ela permaneceu em silêncio por alguns segundos.

— Eu vejo pessoas.

— Pessoas conhecidas?

— Não.

— Quem são elas?

Ana Clara engoliu em seco.

— Não sei.

Fez uma pausa.

— Mas elas parecem me conhecer.

Lucas sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Pela primeira vez desde que iniciara o curso de Medicina, teve a sensação de estar diante de algo que escapava completamente aos limites do conhecimento científico. Algo que talvez ninguém tivesse compreendido antes. Naquele momento, ele ainda não sabia. Mas aquela conversa marcaria o início de uma investigação que atravessaria continentes, desafiaria paradigmas científicos e colocaria sua própria vida em risco. E tudo começara ali. Em um quarto silencioso de hospital. Com uma paciente que ninguém conseguia diagnosticar. Essa versão mantém a mesma trama, mas apresenta um ritmo mais próximo de um romance publicado comercialmente, com transições suaves, descrições mais ricas e menos fragmentação narrativa.

CAPÍTULO 2



O Caso Impossível



*“Às vezes, a verdade não se revela nos exames,
mas no que a mente insiste em lembrar.”*



CAPÍTULO 2

O Caso Impossível

Lucas passou o restante da semana pensando em Ana Clara. Durante as visitas médicas, nas discussões clínicas e até nos breves momentos de descanso entre um plantão e outro, sua mente voltava sempre à mesma pergunta: O que estava acontecendo com aquela paciente? Ao longo da residência havia acompanhado doenças autoimunes raras, encefalites de difícil diagnóstico, síndromes paraneoplásicas e infecções improváveis. Casos complexos nunca o intimidaram. Quase sempre existia um fio condutor: um exame alterado, um marcador inflamatório, uma imagem suspeita, algum detalhe capaz de orientar a investigação. Com Ana Clara era diferente. Os exames permaneciam impecavelmente normais. Era como tentar solucionar um crime sem vítimas, sem testemunhas e sem evidências. Na sexta-feira, antes da visita da equipe, Lucas decidiu voltar ao quarto. Encontrou Ana Clara sentada na cama, observando a chuva fina que escorria pela janela. Ela parecia mais tranquila:

— Bom dia.

— Bom dia.

— Como está hoje?

— Melhor... acho.

Lucas puxou uma cadeira.

— Você se lembra da nossa conversa?

Ela assentiu.

— E dos sonhos?

Por alguns segundos, Ana Clara permaneceu em silêncio.

— Sonhei de novo.

— O que viu?

Ela baixou os olhos.

— Um acidente.

— Que tipo?

— Um ônibus.

Lucas manteve a expressão serena.

— Você costuma assistir televisão antes de dormir?

— Não.

— Então por que acha que era um ônibus?

Ela ergueu lentamente a cabeça.

— Porque eu estava lá.

A resposta o desconcertou.

— Estava... onde?

— Dentro dele.

Lucas pegou discretamente o bloco de anotações.

— O que aconteceu?

— Estava chovendo muito. A estrada era estreita. O motorista tentou desviar de alguma coisa... depois ouvi gente gritando.

— Você reconheceu o lugar?

— Não.

— Alguém conhecido?

Ela demorou alguns segundos para responder.

— Havia uma menina usando um casaco amarelo.

— E depois?

— Acordei.

Lucas anotou cada detalhe. Era apenas um sonho. Precisava ser apenas um sonho. Ainda assim, havia algo estranho na maneira como Ana Clara descrevia as cenas. Ela não parecia alguém lembrando de um pesadelo. Parecia alguém prestando depoimento. Naquela tarde, Ana Clara apresentou novo episódio de confusão. Quando a equipe entrou no quarto, encontrou-a extremamente agitada.

— Vocês precisam avisá-los!

A mãe segurava suas mãos.

— Filha, calma...

— O menino está desaparecido!

O neurologista aproximou-se.

— Que menino?

Ana Clara apontava para um canto vazio do quarto.

— O de camisa azul!

— Qual é o nome dele?

Ela respondeu sem hesitar.

— Gabriel.

— Gabriel... o quê?

— Não sei.

Poucos minutos depois, a crise cessou tão abruptamente quanto havia começado. Ela voltou ao estado habitual. Não se lembrava de absolutamente nada. A equipe registrou mais um episódio de alteração neuropsiquiátrica. Lucas, porém, permaneceu inquieto. Naquela noite, em casa, decidiu rever toda a literatura médica disponível. Abriu o computador. PubMed. Scopus. Web of Science. Pesquisou encefalites autoimunes. Síndromes límbicas. Doenças priônicas. Distúrbios dissociativos. Alterações do sono. Epilepsias temporais. Horas passaram. Nenhuma hipótese conseguia explicar o conjunto dos sintomas. Às duas da manhã fechou o notebook. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu a desagradável sensação de não saber sequer em que direção procurar.

Na manhã seguinte, acordou com o celular vibrando incessantemente. O grupo dos residentes estava repleto de mensagens. Um colega havia compartilhado uma notícia. Durante a madrugada, um ônibus tombara em uma rodovia estadual sob forte chuva. Diversos feridos. Entre as vítimas havia uma criança usando um casaco amarelo. Lucas permaneceu imóvel. Leu a reportagem uma segunda vez. Depois uma terceira. Tentou convencer a si mesmo de que era apenas coincidência. Precisava ser. Mesmo assim, uma inquietação silenciosa começou a se instalar. Horas depois voltou ao hospital. Encontrou Ana Clara acordada. Mostrou discretamente a notícia. Ela empalideceu.

Os olhos permaneceram fixos na tela.

— Foi assim...

— Como assim?

— A chuva.

A estrada.

O ônibus.

Ela respirava cada vez mais rápido.

— Eu vi isso acontecer.

Lucas tentou manter a calma.

— Não, Ana Clara.

Você teve um sonho.

Ela ergueu lentamente os olhos.

— Então por que aconteceu exatamente daquele jeito?

Pela primeira vez desde que iniciara a residência, Lucas percebeu que não possuía uma resposta. Dois dias depois, um novo episódio. Desta vez, Ana Clara estava completamente calma. Sentada na cama. Olhando para um ponto invisível.

— Ainda não encontraram o menino.

Lucas aproximou-se.

— Que menino?

— Gabriel.

— Quem é Gabriel?

Ela respondeu como quem descreve algo evidente.

— O garoto desaparecido.

— Onde?

— Minas Gerais.

— Como sabe disso?

Ela demorou alguns segundos. Quando voltou a falar, sua voz era quase um sussurro.

— Porque a mãe dele não para de chorar.

Lucas permaneceu imóvel. Não anotou nada. Não perguntou mais nada. Naquela noite, já em casa, abriu um portal de notícias. Uma manchete chamou sua atenção. Família procura criança desaparecida em área rural de Minas Gerais. O menino chamava-se Gabriel. Lucas leu toda a reportagem. Depois pesquisou outras fontes. Não encontrou qualquer relação entre Ana Clara e aquela família. Nem geográfica, nem social, tampouco temporal. Nada. Sentiu um desconforto que não conseguia explicar. Pela primeira vez, a hipótese da coincidência começou a parecer insuficiente. As semanas seguintes apenas ampliaram o mistério. Os episódios tornaram-se mais frequentes. E mais específicos. Ana Clara descrevia cidades onde jamais

estivera. Relatava conversas entre pessoas desconhecidas, narrava acontecimentos ocorridos a centenas ou milhares de quilômetros dali. Alguns relatos eram impossíveis de confirmar. Outros, entretanto, coincidiam com fatos divulgados dias depois. Lucas passou a registrar tudo. Datas, horários, frases, detalhes. Precisava encontrar um padrão. Decidiu investigar o passado. Solicitou acesso ao arquivo eletrônico do hospital. Durante horas examinou prontuários esquecidos. A maioria não apresentava qualquer semelhança. Até que encontrou um registro de oito anos antes. Paciente feminina. Vinte e dois anos, febre baixa, alterações de memória, sonhos recorrentes, desorientação temporal. Exames normais. Diagnóstico final: Transtorno psiquiátrico não especificado. Continuou pesquisando. Encontrou outro caso. Depois mais dois. Todos semelhantes. Nenhum diagnóstico conclusivo. Era como se uma doença atravessasse décadas permanecendo invisível simplesmente porque ninguém acreditava que ela pudesse existir.

Nas semanas seguintes, Lucas ampliou discretamente a investigação. Entrou em contato com colegas de hospitais universitários de Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília e Curitiba. As respostas começaram a chegar. Havia pacientes semelhantes espalhados pelo país, pouquíssimos. Mas suficientes para formar um padrão. Todos apresentavam: febre baixa inexplicada, alterações de memória; desorientação temporal; sonhos extremamente vívidos; exames laboratoriais e de imagem sem alterações. Lucas organizou tudo em uma planilha. Enquanto observava aqueles dados, sentiu uma estranha mistura de fascínio e inquietação. Ana Clara não era um caso isolado. Talvez nunca tivesse sido. Naquela noite, antes de deixar o hospital, decidiu passar mais uma vez pelo quarto. Encontrou-a dormindo. O ambiente permanecia silencioso. Apenas o monitor cardíaco marcava o ritmo constante do tempo. Lucas apagou a luz da antessala e caminhou em direção à porta. Foi então que ouviu seu nome.

— Lucas...

Parou imediatamente.

Virou-se.

Ana Clara continuava de olhos fechados.

Aproximou-se lentamente.

— Como sabe meu nome?

Nenhuma resposta. Por alguns segundos acreditou ter imaginado tudo. Então ela murmurou, quase sem mover os lábios:

— Você precisa encontrar o homem de 1954.

Lucas sentiu um arrepio percorrer a espinha.

— Que homem?

Silêncio. Ana Clara respirava profundamente, como alguém mergulhado em um sono comum. Ele permaneceu imóvel por longos segundos. Depois saiu do quarto. Ao fechar a porta, compreendeu que sua investigação havia deixado de seguir apenas as regras da medicina. Pela

primeira vez, teve a inquietante sensação de que alguém, ou alguma coisa, parecia conhecer o caminho antes dele. E, de alguma forma inexplicável, estava tentando conduzi-lo até lá.

CAPÍTULO 3

O Padrão Oculto



“Às vezes, a verdade não se revela nos exames,
mas no que a mente insiste em lembrar.”

CAPÍTULO 3

O Padrão Oculto

Lucas quase não dormiu naquela noite. A frase de Ana Clara permanecia ecoando em sua mente como um sussurro impossível de silenciar. *"Você precisa encontrar o homem de 1954."* Tentou racionalizar o que havia acontecido. Talvez ela tivesse escutado alguma conversa entre médicos. Talvez tivesse visto uma data em um prontuário esquecido sobre a mesa. Talvez tudo não passasse de mais um episódio de confusão mental provocado pela doença. Nenhuma dessas hipóteses, entretanto, parecia suficientemente convincente. Principalmente porque Lucas jamais mencionara a ela os registros antigos que vinha pesquisando. Ana Clara não tinha como saber que, nos últimos dias, ele havia encontrado documentos descrevendo pacientes com sintomas semelhantes aos seus. Ainda assim, ela sabia. Ou, pelo menos, agia como se soubesse. Na manhã seguinte, chegou ao hospital antes das seis horas. Os corredores ainda estavam vazios. Apenas a iluminação amarelada dos refletores rompia a penumbra, refletindo sobre o piso encerado e criando sombras alongadas nas paredes. Enquanto caminhava em direção ao setor administrativo, sentia uma inquietação difícil de definir. Era uma mistura de ansiedade, curiosidade e receio, como se estivesse prestes a abrir uma porta que permanecera fechada durante décadas por um motivo muito maior do que imaginava.

O arquivo histórico do hospital ocupava uma sala esquecida nos fundos do prédio principal. Poucos funcionários ainda frequentavam aquele lugar. A responsável era Dona Margarida, uma mulher próxima da aposentadoria que trabalhava ali havia mais de trinta anos e conhecia cada estante como quem conhece os cômodos da própria casa. Prontuários antigos ocupavam fileiras intermináveis de estantes metálicas que alcançavam o teto. Caixas de papelão cobertas de poeira permaneciam empilhadas sobre prateleiras altas. O cheiro característico de papel envelhecido, tinta desbotada e madeira antiga dominava completamente o ambiente.

Ao vê-lo entrar, Dona Margarida levantou os olhos por cima dos óculos:

— Você de novo?

— Preciso pesquisar alguns registros antigos.

Ela sorriu discretamente.

— Mais casos misteriosos?

Lucas respondeu com um sorriso cansado.

— Algo assim.

Ela apontou para uma mesa de madeira próxima à janela.

— Desde que não derrube minhas caixas.

Durante as horas seguintes, Lucas mergulhou em documentos que remontavam a várias décadas. O trabalho exigia paciência quase arqueológica. Cada prontuário precisava ser aberto, examinado e comparado. Havia anotações manuscritas praticamente ilegíveis, laudos incompletos, folhas amareladas pelo tempo e registros parcialmente deteriorados pela umidade. A maioria não trazia nada de relevante. Entretanto, pouco antes do meio-dia, encontrou um relatório que imediatamente chamou sua atenção. Era de setembro de 1982. Paciente masculino, vinte e sete anos, desorientação temporal, alterações importantes de memória, relatos frequentes de sonhos extraordinariamente vívidos, febre persistente sem causa identificada. O diagnóstico final era breve e frustrante: *"Encefalopatia de origem indeterminada."* Lucas anotou cuidadosamente todas as informações. Pouco depois encontrou outro prontuário.

1976.

Os mesmos sintomas. Alguns minutos mais tarde surgiu outro.

1961.

Novamente o mesmo conjunto de sinais. Seu coração acelerou. Não eram coincidências isoladas. Havia um padrão. E, à medida que recuava no tempo, esse padrão tornava-se cada vez mais evidente. Já no final da tarde, quando imaginava encerrar a pesquisa, encontrou um envelope diferente dos demais. Estava separado dos outros documentos, cuidadosamente protegido por uma capa de papel grosso já bastante desgastada. Na frente havia apenas uma inscrição escrita à mão. Arquivo pessoal – Dr. Álvaro Montenegro.

Lucas abriu o envelope com extremo cuidado. Dentro havia correspondências, relatórios clínicos, folhas soltas repletas de observações e um pequeno caderno de capa preta, já bastante desgastado pelo tempo. Ao folhear as primeiras páginas, um arrepio percorreu-lhe a espinha. As anotações haviam sido escritas em 1954. O autor era neurologista. E os pacientes descritos apresentavam características assustadoramente semelhantes às observadas em Ana Clara. Respirando lentamente, começou a leitura. *"Paciente feminina, dezenove anos. Apresenta episódios recorrentes de desorientação temporal. Refere sonhos extraordinariamente vívidos. Afirma presenciar acontecimentos futuros. Todos os exames disponíveis encontram-se normais."* Lucas virou a página. *"Paciente masculino, trinta e dois anos. Descreve memórias incompatíveis com sua história de vida. Relata conhecer pessoas jamais encontradas. Durante episódio agudo afirmou lembrar-se da morte de um soldado ocorrida décadas antes de seu nascimento."* A respiração tornou-se mais curta. Era exatamente o mesmo quadro clínico. Os mesmos sintomas. As mesmas descrições. As mesmas perplexidades. Era como se alguém tivesse copiado os prontuários de Ana Clara setenta anos antes. Continuou lendo, cada vez mais absorvido pelas anotações. Então encontrou uma frase destacada em tinta vermelha. *"Não acredito que os pacientes estejam delirando. A hipótese psiquiátrica não explica a consistência dos relatos. Existe algo que ainda não compreendemos."* Lucas permaneceu imóvel durante vários segundos. Décadas antes, outro neurologista havia chegado exatamente à mesma conclusão. Sem ressonância magnética. Sem genética molecular. Sem imunologia moderna. Mesmo assim, percebera que estava diante de algo que escapava às explicações convencionais. Algo real. Nos dias seguintes, Lucas dedicou-se integralmente ao estudo daquele material.

As anotações do Dr. Álvaro Montenegro revelavam uma investigação meticulosa. Entre 1949 e 1954, o neurologista acompanhara vinte e três pacientes com manifestações praticamente idênticas. A evolução clínica repetia-se com uma regularidade inquietante. Muitos acabavam internados em hospitais psiquiátricos após receberem diagnósticos de psicose ou esquizofrenia. Outros morriam sem que jamais se estabelecesse uma explicação definitiva. Nenhum recebera um tratamento realmente eficaz. Entretanto, era nas últimas páginas do diário que se encontrava a observação mais impressionante. O neurologista havia tentado identificar um padrão histórico. Segundo seus registros, médicos de diferentes regiões haviam descrito pacientes semelhantes também nos anos de 1910, 1911, 1912 e 1913. Os intervalos não eram perfeitamente regulares. Às vezes quarenta anos. Outras vezes cinquenta. Era como se o fenômeno desaparecesse durante décadas inteiras para, subitamente, reaparecer em pequenos surtos que logo voltavam a desaparecer. Lucas observou aquelas datas repetidas vezes. Não queria acreditar. Mas a sequência estava registrada muito antes de Ana Clara nascer. Muito antes de ele próprio existir. Naquela semana, sua investigação tornou-se quase obsessiva. Passava noites inteiras consultando bibliotecas digitais, arquivos médicos, periódicos antigos e bancos de dados internacionais. Frequentemente esquecia de comer. Em outras ocasiões, percebia que amanhecera sem ter dormido sequer uma hora. Quanto mais pesquisava, mais relatos encontrava, na França, Alemanha, Inglaterra, Japão, Estados Unidos...

Os diagnósticos variavam conforme a época e o conhecimento disponível. Em alguns lugares falava-se em encefalite atípica. Em outros, psicose febril, histeria, delírio infeccioso ou encefalopatia inexplicada. Os nomes mudavam. Os sintomas, porém, permaneciam praticamente idênticos. Sonhos extraordinariamente vívidos. Memórias incompatíveis com a história pessoal. Desorientação temporal. Febre persistente. Exames laboratoriais normais. Já não era possível tratar tudo aquilo como mera coincidência. Numa noite chuvosa, enquanto organizava mapas, cronologias e cópias de artigos espalhados pela sala de seu apartamento, ouviu baterem à porta. Era Helena Vasconcelos. A residente de neurologia segurava uma pequena pilha de prontuários. Ao entrar, observou o ambiente em silêncio. Papéis cobriam praticamente toda a mesa. Linhas ligavam datas escritas em folhas diferentes. Mapas estavam marcados com alfinetes coloridos. Diagramas preenchiam um quadro branco. Aquilo lembrava muito mais uma investigação policial do que um estudo médico. Helena balançou a cabeça.

— Você realmente enlouqueceu.

Lucas sorriu discretamente.

— O que quer dizer?

— Está há duas semanas perseguindo fantasmas históricos.

Ela caminhou lentamente até a mesa.

— Meu Deus...

— Eu sei.

— Não... você não sabe.

Pegou um dos documentos e começou a ler. Nos primeiros minutos sua expressão demonstrava apenas curiosidade. Depois surgiu a surpresa.

Por fim, uma preocupação silenciosa.

— Isso é real?

— Sim.

— Todos esses pacientes existiram?

— Sim.

Helena sentou-se lentamente.

— Os sintomas são praticamente iguais.

— Exatamente.

O silêncio que se seguiu pareceu durar vários minutos. O único som era o ventilador girando lentamente no teto. Foi então que Helena formulou a pergunta que Lucas vinha evitando fazer a si mesmo.

— E se não for uma doença rara?

— Como assim?

— E se for algo completamente novo?

Lucas não respondeu. Porque aquela possibilidade o assustava mais do que qualquer diagnóstico conhecido. Uma doença rara ainda podia ser estudada. Podia ser compreendida. Talvez até tratada. Mas algo completamente novo significava atravessar uma fronteira onde a medicina ainda não possuía linguagem suficiente para descrever o que estava acontecendo. Na manhã seguinte, ao chegar ao hospital, Lucas recebeu uma ligação. Era um colega de um hospital universitário em Recife.

A voz demonstrava evidente tensão.

— Lucas, encontrei outro caso.

— Com os mesmos sintomas?

— Sim.

— Quantos anos?

— Vinte.

— Alteração de memória?

— Sim.

— Sonhos vívidos?

Houve um breve silêncio.

Depois veio a resposta.

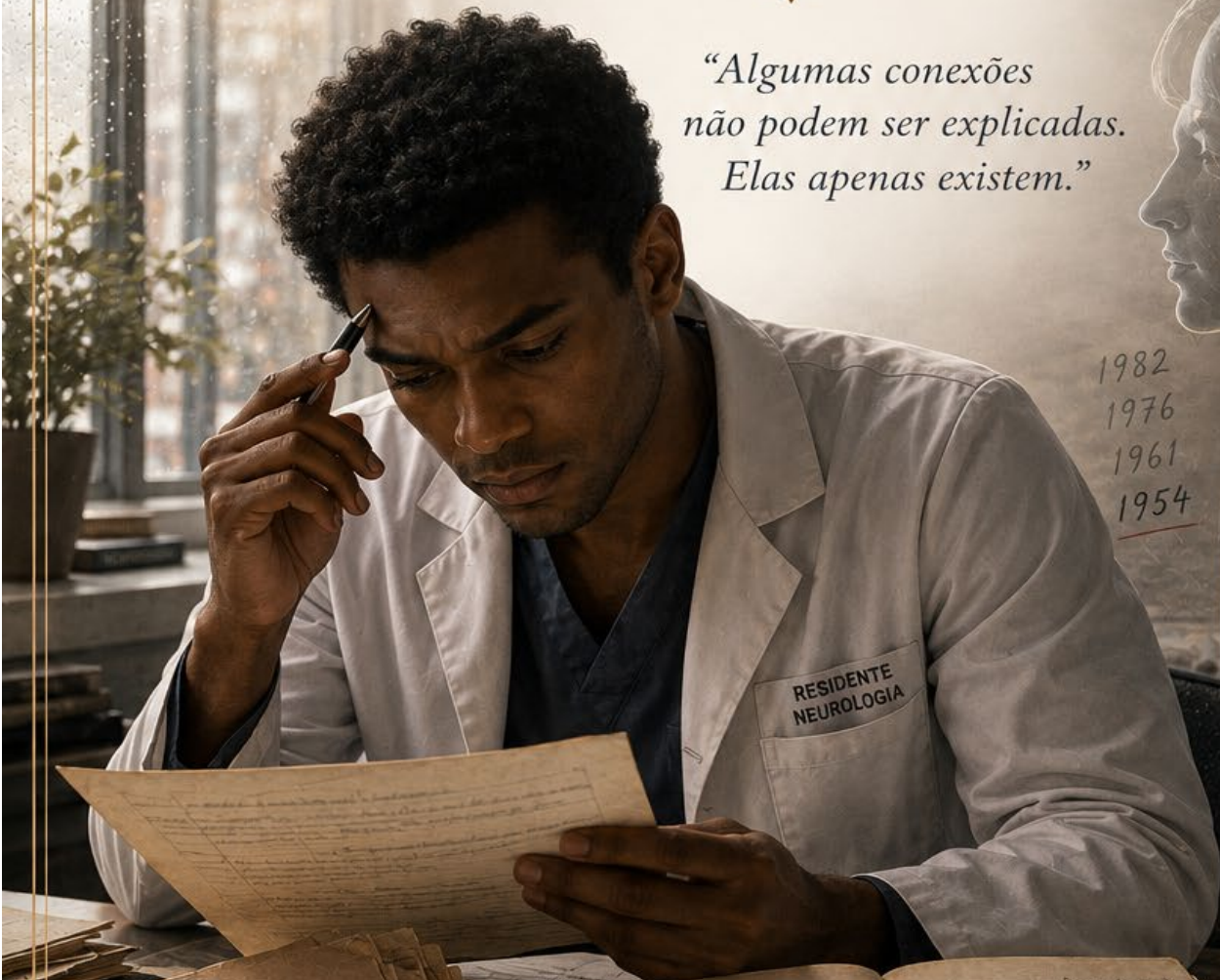
— Exatamente.

Lucas fechou os olhos por um instante. O padrão não estava diminuindo. Estava crescendo. E agora já não podia mais ser ignorado. Quando desligou o telefone, caminhou até a janela do corredor. No jardim do hospital, Ana Clara passeava lentamente ao lado da mãe. Parecia tranquila, quase saudável. O vento balançava seus cabelos enquanto ela caminhava entre as árvores. Então, como se percebesse que estava sendo observada, ergueu lentamente a cabeça. Olhou diretamente para Lucas. Mesmo separados por dezenas de metros, seus olhos encontraram os dele. Ela sorriu. Não era um sorriso de alívio. Nem de gratidão. Era um sorriso sereno, quase enigmático. O sorriso de alguém que já conhecia uma verdade que os outros ainda estavam apenas começando a descobrir. Naquele instante, Lucas compreendeu que sua investigação havia ultrapassado os limites da medicina clínica. Já não estava apenas estudando uma doença desconhecida. Estava seguindo vestígios espalhados ao longo de gerações, como pegadas deixadas deliberadamente através do tempo. E, em algum ponto daquele caminho, décadas antes, o Dr. Álvaro Montenegro já havia percorrido a mesma trilha. Talvez tivesse encontrado respostas. Talvez tivesse chegado perigosamente perto delas. Ou talvez tivesse descoberto algo tão perturbador que preferiu escondê-lo nas páginas silenciosas de um velho caderno de capa preta.

CAPÍTULO 4

A Residente

*“Algumas conexões
não podem ser explicadas.
Elas apenas existem.”*



1982
1976
1961
1954

PRONTUÁRIOS
HISTÓRICOS
1954

Dr. Álvaro Montenegro
1954

Não acredito que os
pacientes estejam delirando.
A hipótese psiquiátrica
não explica a consistência
dos relatos. Existe algo
que ainda não
compreendemos.



CAPÍTULO 4

A Residente

A chuva caía sobre a cidade desde o início da manhã. Do sexto andar do Hospital Universitário, as ruas pareciam rios cinzentos serpenteando entre prédios antigos e árvores agitadas pelo vento. Encostado à ampla janela da sala dos residentes, Lucas observava o movimento quase hipnótico da água enquanto organizava, pela enésima vez, a pilha de documentos acumulados nas últimas semanas. Havia prontuários amarelados pelo tempo, anotações manuscritas do Dr. Álvaro Montenegro, cópias de registros hospitalares e uma sequência de datas que pareciam conectadas por um padrão invisível. Quanto mais analisava aquele material, mais se convencia de que estava diante de algo que a medicina jamais havia descrito. Ainda assim, faltava-lhe o elemento essencial de qualquer descoberta científica: uma prova incontestável. Até aquele momento, possuía apenas coincidências inquietantes, relatos semelhantes e uma sucessão de eventos que desafiavam a lógica, mas que ainda podiam ser explicados pelo acaso. Era pouco. Cientificamente, insuficiente. Humanamente, perturbador. A porta da sala abriu-se silenciosamente.

— Você ainda está aqui?

Lucas ergueu os olhos e viu Helena entrar carregando dois copos de café fumegante. Só então percebeu que o hospital já estava quase vazio. Olhou o relógio. Já passava das sete da noite.

— Nem percebi o horário.

Ela lhe entregou um dos copos.

— Isso está ficando preocupante.

— O quê?

— Sua obsessão.

Lucas sorriu discretamente.

— Você também está aqui.

Ela respondeu com um leve sorriso.

— Estou aqui porque resolvi ajudá-lo.

— Então admite que existe alguma coisa estranha?

Helena permaneceu alguns segundos em silêncio antes de responder. Durante toda a residência em neurologia construíra a reputação de ser a médica mais racional da turma. Não aceitava hipóteses sem evidências, desprezava especulações e acreditava que toda pergunta

tinha uma resposta baseada em dados. Justamente por isso, sua mudança de postura surpreendia até a si mesma.

— Admito que existem coincidências demais.

— Coincidências demais costumam ser pistas.

— Ou armadilhas.

Lucas tomou um gole de café.

— Encontrou alguma coisa?

Helena colocou sobre a mesa uma pasta volumosa.

— Talvez.

Retirou várias folhas cuidadosamente organizadas.

— Passei os últimos dias pesquisando casos semelhantes em hospitais de diferentes estados. Consegui acesso a vinte e três prontuários.

Lucas aproximou-se imediatamente.

— E?

— Alguns pacientes relataram sonhos praticamente idênticos.

Ele franziu a testa.

— Idênticos?

— Não semelhantes.

Ela deslizou três folhas sobre a mesa.

— Idênticos.

Lucas começou a ler. Paciente de Recife. Ano de 2018. *"Sonhei diversas vezes com uma casa branca próxima a um lago. Havia uma árvore enorme no quintal."* Outro registro. Curitiba. Ano de 2021. *"Vejo constantemente uma casa branca ao lado de um lago. Existe uma árvore muito grande na entrada."* Mais uma ficha. Fortaleza. Ano de 2024. *"Sonho repetidamente com uma casa branca cercada por água. Uma árvore enorme cobre parte do telhado."* Lucas permaneceu imóvel. Sentiu um arrepio percorrer-lhe a nuca.

— Eles se conheciam?

— Não.

— Algum vínculo familiar?

— Nenhum.

— Trabalharam juntos? Estiveram na mesma cidade?

— Também não.

Ela cruzou os braços.

— Como três pessoas, vivendo em extremos diferentes do país, podem sonhar exatamente com o mesmo lugar?

Lucas permaneceu em silêncio. Não porque discordasse. Mas porque simplesmente não possuía qualquer explicação. Nos dias que se seguiram, os dois passaram a trabalhar lado a lado. O que começara como uma colaboração motivada pela curiosidade científica transformou-se, pouco a pouco, numa verdadeira parceria de investigação. Entre plantões, consultas e reuniões clínicas, encontravam tempo para comparar prontuários, revisar exames, pesquisar publicações antigas e discutir hipóteses que dificilmente ousariam apresentar a qualquer outro colega. Compartilhavam refeições rápidas na cafeteria do hospital, permaneciam horas diante do computador confrontando dados e frequentemente deixavam o hospital muito depois do encerramento dos plantões. A convivência revelou o quanto suas personalidades se completavam. Lucas enxergava possibilidades onde ninguém via nada além de coincidências. Helena, por outro lado, desmontava cada teoria com perguntas difíceis, procurando inconsistências e exigindo evidências concretas. Ele imaginava caminhos. Ela eliminava os impossíveis. Aos poucos, perceberam que justamente essa diferença tornava a investigação mais sólida. Pela primeira vez desde que encontrara o diário de Álvaro Montenegro, Lucas deixou de sentir que carregava aquele peso sozinho.

Enquanto isso, Ana Clara piorava. As crises tornavam-se mais frequentes, mais prolongadas e muito mais intensas. Já não eram apenas episódios breves de desorientação. Havia momentos em que parecia completamente desconectada da realidade por longos minutos, retornando depois sem qualquer lembrança do ocorrido. Certa manhã, ao entrar no quarto, a equipe encontrou uma cena inesperada. Ana Clara estava sentada no chão, cercada por dezenas de folhas espalhadas ao redor da cama. Desenhava compulsivamente, como se tentasse registrar imagens antes que desaparecessem de sua mente. Lucas aproximou-se lentamente. Os desenhos chamaram sua atenção imediatamente. Eram incrivelmente detalhados. Havia paisagens montanhosas, corredores antigos, praias desertas, edifícios históricos, ruas desconhecidas e dezenas de rostos que pareciam retratos feitos por alguém que conhecia intimamente cada pessoa retratada.

— Ana...

Ela levantou lentamente a cabeça. O rosto transmitia exaustão.

— Eles continuam chegando.

— Quem?

— As lembranças.

Lucas ajoelhou-se ao lado dela.

— Que lembranças?

Ela apontou para os desenhos.

— Dessas pessoas.

— Você as conhece?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Então por que as desenhou?

Ana Clara demorou alguns segundos antes de responder.

— Porque elas existem.

Naquela mesma tarde, Helena levou as ilustrações para analisar com mais cuidado. Esperava encontrar elementos fantasiosos, construções impossíveis ou qualquer indício de imaginação criativa. Em vez disso, descobriu algo muito mais inquietante. Diversos cenários correspondiam a lugares reais. Uma praça histórica em Lisboa. Uma antiga estação ferroviária em Berlim. Um templo japonês escondido entre montanhas. Uma rua estreita de Buenos Aires preservada desde o século XIX. Comparando fotografias disponíveis na internet com os desenhos de Ana Clara, percebeu que inúmeros detalhes arquitetônicos haviam sido reproduzidos com precisão impressionante. Janelas, fachadas, esculturas e até pequenas imperfeições das construções coincidiam quase perfeitamente. Ana Clara jamais havia saído do Brasil. Nunca estudara arquitetura nem demonstrara qualquer interesse por geografia.

— Isso não faz sentido.

Lucas observava as fotografias ao lado dos desenhos.

— Não...

Sua voz saiu quase como um sussurro.

— Nada disso faz.

Na semana seguinte, a investigação tomou um rumo completamente inesperado. Durante uma crise particularmente intensa, Ana Clara começou a pronunciar nomes e frases desconexas. A equipe decidiu registrar tudo em vídeo. Lucas permanecia ao lado da cama quando ouviu algo que fez seu coração disparar.

— Ele estava certo...

— Quem?

— Álvaro.

Lucas sentiu o sangue gelar.

— Como você sabe esse nome?

Ela manteve os olhos fixos no vazio.

— Ele tentou avisá-los.

— Avisar quem?

— Os outros médicos.

— Sobre o quê?

Então Ana Clara voltou lentamente o rosto para ele. Seu olhar havia mudado. Não parecia mais o olhar de uma jovem de dezenove anos. Havia algo antigo. Profundo. Como se outra consciência ocupasse seu lugar por alguns instantes.

— Sobre o que estava vindo.

O quarto mergulhou num silêncio absoluto. Até os alarmes dos monitores pareciam mais distantes. Lucas aproximou-se ainda mais.

— O que estava vindo?

Ana Clara respirou lentamente. Então respondeu numa voz baixa, porém firme.

— Nós.

Horas depois, assistindo repetidamente à gravação, Lucas percebeu algo que lhe escapara durante a crise. Não era apenas o conteúdo das respostas que chamava atenção. Era a maneira como Ana Clara falava. Seu vocabulário transformava-se completamente. Utilizava construções gramaticais pouco usuais, expressões antigas e palavras praticamente ausentes do português contemporâneo. Em alguns momentos, sua entonação lembrava a de alguém pertencente a outra época. Helena percebeu exatamente a mesma coisa.

— Parece outra pessoa.

— Também tive essa impressão.

— Talvez esteja reproduzindo memórias.

Lucas permaneceu olhando para a tela.

— Memórias de quem?

Helena não respondeu. Porque qualquer hipótese pareceria absurda demais para ser pronunciada em voz alta. Naquela noite, depois de um plantão particularmente exaustivo, decidiram caminhar pelos jardins do hospital. A chuva finalmente havia cessado, deixando no ar o cheiro característico de terra molhada. As luzes da cidade refletiam nas poças espalhadas pelos caminhos de pedra, criando pequenas manchas douradas que tremulavam ao vento.

Caminharam durante vários minutos sem trocar uma palavra. Cada um parecia preso aos próprios pensamentos. Foi Helena quem rompeu o silêncio.

— Você acredita nisso?

Lucas continuou caminhando.

— Em quê?

— Que pode existir uma doença que a medicina nunca identificou?

Ele sorriu discretamente.

— A medicina deixou de identificar milhares delas ao longo da história.

Ela balançou a cabeça.

— Não estou falando disso.

Parou diante de um banco vazio.

— Estou falando de algo completamente novo. Algo capaz de mudar tudo o que sabemos.

Lucas permaneceu alguns segundos observando o céu ainda coberto por nuvens. Depois respondeu:

— Acho que toda grande descoberta científica começou exatamente assim. Com algo que parecia impossível.

Helena voltou a caminhar.

— E se estivermos errados?

— Então encontraremos outra explicação.

Ela respirou fundo.

— E se estivermos certos?

A pergunta permaneceu suspensa entre os dois. Nenhum deles respondeu. Porque ambos compreendiam o verdadeiro significado daquela possibilidade. Se estivessem certos, não estavam diante de uma síndrome rara nem de um transtorno psiquiátrico desconhecido. Estavam diante de um fenômeno capaz de desafiar os próprios fundamentos da neurologia. Da memória. Talvez da consciência humana. Na manhã seguinte, Lucas encontrou um envelope pardo cuidadosamente colocado sobre sua mesa na sala dos residentes. Não havia remetente. Apenas seu nome escrito à mão com uma caligrafia elegante e antiga. O papel parecia envelhecido. Abriu-o lentamente. Dentro havia apenas uma folha: uma fotocópia de um recorte de jornal datado de 1955. A manchete ocupava quase toda a página. *"Neurologista desaparece após alegar descoberta de fenômeno desconhecido."* O nome estampado logo abaixo fez seu coração acelerar. Dr. Álvaro Montenegro. O mesmo médico cujo diário iniciara toda aquela

investigação. O neurologista de 1954. O primeiro homem a suspeitar que existia algo além do que a medicina conseguia explicar. Segundo a reportagem, Álvaro desaparecera poucos meses após concluir suas pesquisas. Não deixara carta, despedida ou qualquer pista sobre seu paradeiro. As buscas mobilizaram autoridades durante semanas, mas seu corpo jamais foi encontrado. O caso acabou arquivado como desaparecimento sem explicação. Lucas releu a reportagem uma vez. Depois outra. E mais uma. Foi então que percebeu algo que passara despercebido. No verso da folha havia uma frase escrita à mão. Poucas palavras. Mas suficientes para provocar um frio intenso percorrendo-lhe a espinha. *"Ele encontrou a resposta. Procure onde tudo começou."* Não havia assinatura. Nem data. Nem qualquer indicação de quem enviara aquela mensagem. Lucas levantou lentamente os olhos.

Pela primeira vez desde que iniciara aquela investigação, teve a inequívoca sensação de que não estava apenas reconstruindo um mistério antigo. Alguém acompanhava cada um de seus passos. Alguém conhecia a verdade. Alguém sabia exatamente o que acontecera com Álvaro Montenegro. E, talvez, também soubesse o que estava prestes a acontecer com Ana Clara.

OS ESQUECIDOS



HOSPITAL PSIQUIÁTRICO ESTADUAL

ÁLVARO MONTENEGRO
NEUROLOGISTA

REGISTROS MÉDICOS
1940 - 1960

*Ele encontrou a resposta.
Procure onde tudo
começou.*

CAPÍTULO 5

Os Esquecidos

Lucas permaneceu vários minutos imóvel diante da folha de jornal sobre sua mesa. A fotografia granulada de Álvaro Montenegro parecia agora carregar um peso completamente diferente daquele que possuía poucas semanas antes. Até recentemente, tratava-se apenas de um nome perdido entre arquivos antigos, um neurologista praticamente esquecido pela história. Agora, porém, sua figura ocupava o centro de uma investigação que parecia crescer a cada nova descoberta. Fora o primeiro médico a descrever o fenômeno. O primeiro a perceber que existia um padrão invisível ligando pacientes separados pelo tempo e pela distância. E, ao que tudo indicava, também o primeiro homem a desaparecer por tentar compreender algo que talvez jamais devesse ter sido descoberto. Lucas virou novamente a folha e observou a frase escrita no verso. A caligrafia firme contrastava com o papel amarelado pelo tempo. *"Ele encontrou a resposta. Procure onde tudo começou."* Não havia assinatura. Nenhuma data. Nenhuma pista sobre quem deixara o envelope em sua mesa. Ainda assim, uma estranha convicção crescia dentro dele. Aquela mensagem não era um simples aviso. Era um convite. Ou talvez um pedido de socorro atravessando mais de setenta anos. Naquela mesma tarde, Lucas mostrou o documento a Helena. Ela leu a reportagem em silêncio. Quando terminou, permaneceu alguns segundos olhando para o papel.

— Isso está ficando estranho.

— Também acho.

— Quem enviou isso?

— Não faço ideia.

Ela tornou a examinar o envelope.

— Como alguém conseguiu entrar na sala dos residentes?

Lucas permaneceu calado. Também havia pensado nisso desde que encontrara o documento. O setor possuía controle eletrônico de acesso, câmeras nos corredores e circulação restrita. Pouquíssimas pessoas poderiam entrar ali sem chamar atenção. Mesmo assim, alguém depositara o envelope exatamente sobre sua mesa, sem deixar qualquer registro. Helena voltou os olhos para a frase escrita à mão.

— "Procure onde tudo começou."

Ela ergueu o olhar.

— Talvez não esteja falando da doença.

— Então do quê?

Ela apontou discretamente para a fotografia de Álvaro Montenegro.

— Talvez esteja falando dele.

A hipótese permaneceu ecoando na mente de Lucas durante toda a noite. Dois dias depois, iniciaram uma nova etapa da investigação. Utilizando registros antigos do Conselho Regional de Medicina, arquivos públicos e documentos digitalizados, reconstruíram parte da trajetória profissional de Álvaro Montenegro. Descobriram que, antes de atuar no Hospital Universitário de Salvador, ele trabalhara durante vários anos em um antigo hospital psiquiátrico estadual, localizado nos arredores da capital baiana. Foi naquele lugar que iniciara seus estudos sobre pacientes considerados incuráveis. Pessoas que não se encaixavam em nenhum diagnóstico conhecido, que transitavam entre a neurologia e a psiquiatria sem jamais encontrar uma explicação satisfatória. Eram pacientes ignorados pela medicina da época. Esquecidos pelas famílias. Esquecidos pela sociedade. Talvez esquecidos até por si mesmos.

Na manhã seguinte, Lucas e Helena seguiram de carro até o antigo hospital. A instituição havia sido desativada havia décadas. O prédio permanecia abandonado, cercado por vegetação densa, como se a própria natureza tentasse esconder sua existência. Quando estacionaram diante da construção, permaneceram alguns instantes em silêncio. As janelas quebradas pareciam olhos vazios observando os visitantes. As paredes descascadas revelavam décadas de abandono, e parte do telhado havia cedido sob o peso do tempo. Helena respirou fundo.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia?

Lucas sorriu discretamente.

— Não.

Ela respondeu com ironia.

— Ótimo. Pelo menos estamos sendo honestos.

Empurraram o pesado portão enferrujado e entraram. O interior era ainda mais impressionante. Corredores longos desapareciam na escuridão. Armários metálicos enferrujados permaneciam encostados às paredes. Restos de mobiliário hospitalar espalhavam-se pelos cômodos, cobertos por uma espessa camada de poeira. Em alguns setores ainda era possível ler placas indicando antigas enfermarias, consultórios e salas de observação. O silêncio era absoluto, interrompido apenas pelo som distante da água pingando em algum lugar do edifício. Caminhar por aqueles corredores era como atravessar um museu dedicado ao esquecimento.

Durante horas exploraram salas abandonadas, arquivos parcialmente destruídos e depósitos repletos de documentos deteriorados. Grande parte do acervo havia sido removida quando o hospital foi desativado, mas muitos registros permaneciam esquecidos em armários e gavetas que jamais voltaram a ser abertas. Foi em uma antiga sala administrativa que Lucas encontrou uma gaveta parcialmente emperrada. Depois de forçá-la algumas vezes, conseguiu abri-la. Dentro havia dezenas de fichas médicas cuidadosamente organizadas em pastas já consumidas pela umidade. Eram registros de pacientes internados entre as décadas de 1940 e 1960. Lucas começou a examiná-los rapidamente. Os diagnósticos repetiam o padrão comum da psiquiatria da época: psicose inespecífica, esquizofrenia atípica, delírios persistentes, transtornos dissociativos. No entanto, ao avançar pela leitura, percebeu algo muito mais

importante do que os próprios diagnósticos. Diversos relatos descreviam sintomas praticamente idênticos aos apresentados por Ana Clara. Alterações inexplicáveis da memória. Episódios de desorientação temporal. Sonhos recorrentes envolvendo lugares desconhecidos. Febres sem causa aparente. Sensação de recordar acontecimentos impossíveis. Lucas sentiu a respiração acelerar.

— Helena.

Ela aproximou-se imediatamente.

— O que foi?

Lucas entregou-lhe algumas fichas.

— Leia isso.

Os dois passaram a examinar os documentos lado a lado. A cada novo prontuário, o padrão tornava-se mais evidente. Não se tratava de casos isolados. Havia dezenas de pacientes apresentando o mesmo conjunto de manifestações clínicas. Talvez centenas. Pessoas que haviam sido classificadas como portadoras de doenças psiquiátricas simplesmente porque ninguém conseguira compreender aquilo que realmente lhes acontecia. A medicina dera um nome ao desconhecido. Não porque o entendesse, mas porque precisava encaixá-lo em alguma categoria.

Entre todas as fichas, uma chamou imediatamente a atenção de ambos. Paciente: Miguel Oliveira. Idade: vinte e dois anos. Data de internação: 1953. O relatório descrevia episódios repetidos de confusão mental, alterações comportamentais e perda parcial da identidade. Porém, o último parágrafo fez Lucas interromper a leitura. *"Paciente afirma recordar acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, apesar de ter nascido após o conflito."* Helena aproximou-se ainda mais. Lucas continuou lendo. *"Os relatos apresentados são compatíveis com experiências vividas por um soldado alemão morto em 1944, incluindo detalhes históricos desconhecidos pela equipe médica."* O silêncio instalou-se entre os dois. Aquilo era impossível. Absolutamente impossível. E, ao mesmo tempo, era exatamente o que Ana Clara vinha descrevendo. Memórias incompatíveis com a própria existência. Recordações pertencentes a outra vida. Experiências que jamais poderiam ter sido vividas por quem as narrava. Enquanto prosseguiam na pesquisa, encontraram outra descoberta igualmente inquietante. Diversos pacientes simplesmente desapareciam dos registros. Os prontuários terminavam abruptamente. Não havia anotação de alta hospitalar, transferência para outra instituição, certidão de óbito ou qualquer justificativa para o encerramento do acompanhamento. Era como se aquelas pessoas simplesmente deixassem de existir. Helena fechou lentamente uma das pastas.

— Isso não faz sentido.

Lucas permaneceu olhando para os documentos.

— Talvez faça.

Ela voltou-se para ele.

— Como assim?

— Pense na época. Estamos falando de pessoas consideradas mentalmente doentes há mais de setenta anos. Muitos não tinham família. Outros haviam sido abandonados anos antes. Se desaparecessem... quem sentiria falta?

A pergunta permaneceu sem resposta. Porque ambos conheciam a resposta. Quase ninguém. Já era fim da tarde quando encontraram um armário de madeira trancado nos fundos da sala administrativa. A fechadura estava completamente enferrujada, mas, depois de alguns minutos de esforço, conseguiram forçá-la. No interior havia várias caixas contendo documentos pessoais de antigos médicos da instituição. Correspondências, fotografias, relatórios clínicos e cadernos de anotações permaneciam intactos, protegidos do tempo. Em uma das caixas, Lucas encontrou uma pasta identificada com um nome que imediatamente fez seu coração acelerar. Dr. Álvaro Montenegro. Suas mãos tremiam enquanto retirava cuidadosamente o conteúdo. Havia cartas nunca enviadas, fotografias de pacientes, recortes de jornais científicos e um pequeno caderno de capa preta, muito menor do que o diário encontrado anteriormente. Abriu-o lentamente. Na primeira página havia apenas uma frase. *"Eles não estão loucos."* Lucas levantou os olhos. Helena permanecia imóvel. Nenhum dos dois disse uma palavra. Continuaram lendo. À medida que avançavam pelas páginas, perceberam que aquelas anotações pertenciam ao período imediatamente anterior ao desaparecimento de Álvaro. O neurologista descrevia pacientes capazes de fornecer informações impossíveis de serem conhecidas. Alguns reconheciam pessoas que jamais haviam encontrado. Outros descreviam cidades estrangeiras com riqueza de detalhes. Havia quem narrasse acontecimentos históricos sob a perspectiva de testemunhas que morreram décadas antes. Inicialmente, Álvaro atribuíra tudo à coincidência. Depois à psicose. Mais tarde a um distúrbio neurológico desconhecido. Porém, quanto mais estudava aqueles pacientes, mais suas certezas desmoronavam. Em uma das páginas escreveu: *"A hipótese psiquiátrica está incorreta."* Poucas folhas depois: *"A hipótese neurológica é insuficiente."* Mais adiante, quase ao final do caderno: *"Os pacientes parecem acessar memórias que não lhes pertencem."* Lucas fechou lentamente os olhos. Era exatamente a conclusão à qual ele próprio começava a chegar. Uma conclusão absurda. Inaceitável. Mas sustentada por um número crescente de evidências.

Já anoitecia quando alcançaram a última anotação do caderno. A caligrafia estava irregular, como se tivesse sido escrita às pressas ou sob intensa tensão emocional. *"Descobri onde tudo começou."* A frase seguinte estava parcialmente apagada pela umidade. Mesmo assim, algumas palavras ainda podiam ser distinguidas. *"Fazenda..." "Interior..." "Bahia..."* E, na última linha, quase ilegível: *"Se eu desaparecer... procurem o lago."* Lucas levantou lentamente a cabeça. Helena já o observava. Nenhum dos dois precisou dizer nada. O lago. Os sonhos. A casa branca. A árvore gigantesca. O mesmo cenário descrito por pacientes separados por décadas e milhares de quilômetros. Pela primeira vez, sonhos e realidade deixavam de ser apenas coincidências. Agora existia uma ligação concreta. Uma pista real. Talvez a primeira deixada deliberadamente por Álvaro Montenegro. Quando deixaram o prédio abandonado, a noite já havia tomado completamente o céu. Nuvens espessas escondiam as estrelas, e uma brisa fria percorria os jardins tomados pelo mato. Durante todo o trajeto de volta permaneceram em silêncio. Nenhum dos dois conseguia organizar a quantidade de perguntas que surgiam a cada nova descoberta. Foi Helena quem finalmente rompeu o silêncio.

— Você percebe o que isso significa?

Lucas manteve os olhos na estrada.

— Acho que sim.

— Se Álvaro estava certo... centenas de pessoas receberam diagnósticos errados.

— Sim.

Ela respirou lentamente.

— E se eles nunca estiveram delirando...

Não conseguiu terminar.

Lucas concluiu em voz baixa.

— Então estavam tentando contar algo que ninguém era capaz de compreender.

Quando chegaram ao hospital, perceberam imediatamente uma movimentação incomum na enfermaria. Médicos, residentes e enfermeiros permaneciam reunidos diante do quarto de Ana Clara. O ambiente transmitia uma tensão incomum. Lucas correu pelo corredor, seguido por Helena. Ao entrar no quarto, encontrou Ana Clara sentada na cama. Os olhos permaneciam abertos, serenos e extraordinariamente lúcidos. Não havia qualquer sinal de confusão mental. Sua expressão transmitia uma tranquilidade que jamais demonstrara desde a internação. Ela voltou lentamente o rosto para Lucas. Sorriu. Um sorriso discreto. Quase acolhedor. Então pronunciou, com absoluta naturalidade:

— Vocês encontraram o caderno.

O silêncio que se seguiu pareceu congelar o tempo. Helena permaneceu imóvel. Os médicos trocaram olhares de absoluto espanto. Lucas sentiu o sangue desaparecer de seu rosto. Porque ninguém. Absolutamente ninguém. Sabia da existência daquele caderno. Exceto ele. E Helena. Mesmo assim, Ana Clara acabara de mencioná-lo. Não como quem fazia uma pergunta. Mas como alguém que acompanhara cada passo da investigação. Como alguém que estivera presente dentro daquele hospital abandonado. Como alguém que, de alguma forma impossível de explicar, já sabia exatamente o que eles haviam encontrado antes mesmo de retornarem.

Ele encontrou
a resposta.
Procure onde
tudo começou.

CAPÍTULO 6

O HOMEM DE 1954

“Você precisa encontrar
o homem de 1954.”



Setembro de 1954

CASOS REGISTRADOS				
ANO	LOCAL	IDADE	SEXO	
1962	Salvador	32	M	
1977	Recife	41	F	
1987	Fortaleza	28	M	
1994	São Paulo	50	F	
2001	Curitiba	37	M	



Dr. Augusto Valença
Neurologista

DESAPARECIDO
EM NOVEMBRO
DE 1954

SALVADOR
RECIFE
FORTALEZA
SÃO PAULO
CURITIBA

A verdade
está em algum
lugar do
passado.

- Trabalhos sobre memória, epilepsia e consciência
- Investigou pacientes com Alvaro Montenegro
- Desapareceu em novembro de 1954

- ☑ Perda de memória recente
- ☑ Sonhos compartilhados
- ☑ Reconhece desconhecidos
- ☑ Antecipação de acontecimentos
- ☑ Exames normais

Olhos cinzentos...
profundos...
carregam um sofrimento.

CAPÍTULO 6

O Homem de 1954

Lucas não conseguiu dormir naquela noite. A frase pronunciada por Ana Clara permanecia ecoando em sua mente, repetindo-se com a mesma nitidez perturbadora de quando a ouvira pela primeira vez.

— Você precisa encontrar o homem de 1954.

Ela não falara como uma paciente em delírio, nem como alguém que tentava organizar pensamentos confusos. Havia convicção em sua voz. Uma certeza fria, quase solene, como se estivesse transmitindo uma mensagem recebida de outra pessoa. Sentado diante do computador na sala dos residentes, Lucas observava as dezenas de anotações espalhadas sobre a mesa. Prontuários, fotografias, transcrições de entrevistas e registros médicos formavam um mosaico desordenado de informações aparentemente impossíveis. Todos os pacientes apresentavam manifestações semelhantes: perda progressiva da memória recente, sonhos compartilhados, sensação de reconhecer desconhecidos, episódios de antecipação de acontecimentos e exames laboratoriais persistentemente normais. A medicina possuía explicações para milhares de doenças. Sabia identificar infecções, tumores, transtornos metabólicos, síndromes genéticas e alterações psiquiátricas complexas. No entanto, não havia qualquer diagnóstico capaz de explicar pessoas que carregavam lembranças de vidas que nunca haviam vivido. Lucas abriu uma nova planilha e começou a organizar cronologicamente todos os casos encontrados. Salvador. Recife. Fortaleza. São Paulo. Curitiba. À medida que preenchia os dados, percebeu algo que lhe escapara nas análises anteriores. As idades variavam amplamente. Havia homens e mulheres, jovens e idosos, pessoas de diferentes profissões, religiões e origens geográficas. Nenhuma relação familiar ou social parecia uni-los. Contudo, existia uma coincidência recorrente. Quase todos descreviam um homem. As características mudavam de um relato para outro. Alguns pacientes o viam idoso, com o rosto marcado pelo tempo. Outros afirmavam que era jovem. Em alguns sonhos vestia um terno escuro; em outros, aparecia com roupas antigas ou usando um jaleco branco. Apesar das diferenças, um detalhe permanecia constante: os olhos. Todos os relatos mencionavam olhos cinzentos, profundos e melancólicos, como se carregassem um sofrimento grande demais para pertencer a uma única pessoa. Lucas sentiu um arrepio.

Naquele instante, o celular vibrou sobre a mesa. Era uma mensagem de Helena. *"Encontrei uma coisa. Precisamos conversar."* Na manhã seguinte, encontraram-se em uma sala reservada da biblioteca da faculdade. Helena já estava à espera, com uma caixa repleta de jornais, fotografias, relatórios médicos e documentos retirados do arquivo histórico da Universidade Federal da Bahia. Sua expressão deixava claro que havia descoberto algo importante.

— Você não vai acreditar no que encontrei.

Lucas sentou-se diante dela.

— Depois de tudo o que aconteceu, acho que consigo acreditar em quase qualquer coisa.

Helena retirou cuidadosamente uma fotografia amarelada e colocou-a sobre a mesa. A imagem mostrava um grupo de médicos reunidos diante da entrada de um hospital. Alguns sorriam para a câmera. Outros mantinham uma postura rígida, típica das fotografias institucionais da época. No canto inferior direito havia uma data escrita à mão: setembro de 1954. Lucas sentiu o coração acelerar.

— Meu Deus...

— Observe este homem.

Helena apontou para uma figura posicionada na última fileira. Era um médico alto e muito magro, de rosto alongado, cabelos escuros penteados para trás e expressão profundamente séria. Vestia um jaleco branco. Mesmo na fotografia desbotada, seus olhos chamavam atenção. Eram claros. Cinzentos. Exatamente como os descritos pelos pacientes. Lucas permaneceu imóvel.

— Quem é ele?

— Doutor Augusto Valença.

— Nunca ouvi esse nome.

— Quase ninguém ouviu. Passei a noite procurando informações sobre ele.

Helena abriu um caderno no qual havia organizado suas descobertas.

— Augusto Valença era neurologista. Foi considerado um dos médicos mais promissores de sua geração. Publicou trabalhos sobre memória, epilepsia e alterações da consciência durante a década de cinquenta.

— Ele trabalhou com Álvaro Montenegro?

— Durante alguns meses. Existem registros de que os dois investigaram juntos pacientes do antigo hospital psiquiátrico.

Lucas voltou a observar a fotografia.

— E o que aconteceu com ele?

Helena hesitou antes de responder.

— Desapareceu.

Lucas ergueu os olhos.

— Como Álvaro?

— Exatamente como Álvaro. Sem despedida, sem corpo e sem qualquer pista sobre seu paradeiro.

— Quando?

— Em novembro de 1954.

Lucas tornou a examinar o rosto do médico. Algo naquela fisionomia o incomodava. Não eram apenas os olhos descritos nos prontuários. Havia uma familiaridade inexplicável em seus traços, como se já o tivesse encontrado em algum lugar. Talvez em uma fotografia antiga. Talvez nos desenhos de Ana Clara. Talvez em um sonho do qual não conseguia se lembrar. Naquela mesma tarde, Lucas e Helena viajaram para Salvador. Precisavam consultar documentos que ainda não haviam sido digitalizados e que permaneciam guardados no subsolo de um antigo hospital universitário. O responsável pelo arquivo era o senhor Anselmo, um homem de mais de setenta anos, cabelos completamente brancos e memória surpreendentemente precisa. Ao ouvir o nome que procuravam, ele interrompeu imediatamente o que estava fazendo.

— Augusto Valença...

O arquivista retirou os óculos e os limpou lentamente com a ponta da camisa.

— Faz muito tempo que ninguém pergunta por ele.

— O senhor chegou a conhecê-lo? — perguntou Lucas.

— Não pessoalmente. Eu ainda era criança quando ele desapareceu. Mas trabalhei com pessoas que o conheceram.

— E o que diziam?

O semblante de Anselmo tornou-se sério.

— Que era um homem brilhante. E que enlouqueceu.

Helena aproximou-se.

— Por que pensavam isso?

— Porque ele começou a afirmar que seus pacientes compartilhavam lembranças.

Lucas e Helena trocaram um olhar.

— Lembranças? — perguntou ela.

— Ele fazia questão de distinguir uma coisa da outra. Dizia que não eram sonhos, fantasias ou alucinações. Eram lembranças reais.

— Isso ficou registrado?

Anselmo permaneceu alguns segundos em silêncio antes de se levantar.

— Uma parte.

O arquivista caminhou até uma estante metálica e retirou uma pasta protegida por uma capa plástica. Colocou-a cuidadosamente sobre a mesa.

— Esses documentos deveriam ter sido enviados para outro arquivo há muitos anos. Por algum motivo, nunca foram.

Lucas abriu a pasta e começou a examinar os relatórios médicos escritos à mão. À medida que avançava pelas páginas, sentia o estômago se contrair. Os relatos eram assustadoramente semelhantes aos casos contemporâneos. Pacientes sem qualquer parentesco ou contato entre si descreviam sonhos idênticos, reconheciam pessoas desconhecidas e afirmavam carregar experiências pertencentes a outros indivíduos. Alguns perdiam progressivamente as lembranças da própria infância enquanto adquiriam recordações de lugares jamais visitados. Outros antecipavam acontecimentos que se concretizavam dias depois. Em diversos registros, os pacientes descreviam um homem de olhos cinzentos que surgia durante os sonhos, algumas vezes tentando conduzi-los e, em outras, implorando para que despertassem. Era exatamente o mesmo fenômeno que Lucas vinha investigando, mas registrado setenta anos antes. No alto de uma das páginas, Augusto Valença utilizara pela primeira vez uma expressão para designá-lo: Síndrome de Atlas.

Helena tocou discretamente o braço de Lucas.

— Então não foi Álvaro quem criou o nome.

— Não.

Lucas continuou observando a anotação.

— Foi Augusto.

As páginas seguintes revelavam que Álvaro Montenegro e Augusto Valença haviam trabalhado juntos durante parte de 1954. Enquanto Álvaro estudava os aspectos clínicos dos pacientes, Augusto tentava compreender a possível transmissão das memórias. A parceria, no entanto, parecera terminar de forma abrupta. Os últimos relatórios eram assinados apenas por Augusto e apresentavam uma caligrafia cada vez mais irregular. Ao final da pasta havia uma única folha datada de 12 de novembro de 1954. Tratava-se do último documento conhecido escrito por ele. As letras estavam trêmulas e desorganizadas, como se tivessem sido traçadas sob intenso sofrimento.

Lucas começou a ler em voz alta.

— “Se alguém encontrar estas anotações, saiba que fracassei.”

Helena aproximou-se da mesa.

— Continue.

— “Os pacientes não estão doentes.”

Lucas interrompeu a leitura e respirou profundamente.

— “Eles estão conectados.”

O silêncio tomou conta do arquivo.

— “Existe algo que atravessa as memórias humanas como uma corrente invisível. Não compreendo sua origem. Não compreendo seu propósito. Mas sei que existe.”

Lucas sentiu o coração bater mais rápido.

— “Aquilo que chamamos de identidade talvez seja apenas uma barreira. Uma parede frágil construída para impedir que todas as lembranças se misturem.”

Helena apoiou as mãos sobre a mesa.

— Há mais alguma coisa?

Lucas prosseguiu.

— “Quando um paciente morre, suas lembranças não desaparecem.”

Sua voz tornou-se mais baixa.

— “Elas migram.”

Ninguém falou durante vários segundos. O único som no ambiente era produzido por um ventilador antigo que girava lentamente no teto. A frase parecia absurda. Memórias não eram organismos. Não viajavam entre cérebros nem abandonavam um corpo após a morte. Ainda assim, aquela hipótese explicava os sonhos compartilhados, o reconhecimento de desconhecidos, as lembranças de acontecimentos históricos e as experiências pertencentes a pessoas mortas. Também explicava a deterioração progressiva da memória pessoal dos pacientes. Talvez novas recordações não fossem simplesmente acrescentadas. Talvez ocupassem espaço. Talvez substituíssem tudo o que existia antes.

— Isso é impossível — murmurou Helena.

— Eu sei.

— Memórias dependem de estruturas cerebrais. De sinapses, redes neurais, proteínas...

— Eu sei.

Lucas observou novamente o documento.

— Mas alguma parte disso está acontecendo.

Anselmo apontou para o verso da folha.

— Ainda tem mais.

Lucas virou o documento. Havia apenas uma frase escrita em letras grandes, irregulares e quase desesperadas. *"Se eles começarem a sonhar com a porta, não haverá mais volta."* Um frio percorreu a espinha de Lucas.

— Que porta?

Anselmo balançou lentamente a cabeça.

— Ninguém sabe.

Naquela noite, Lucas e Helena permaneceram em um pequeno hotel próximo ao hospital. Exausto, ele adormeceu quase imediatamente, mas seu sono foi tomado por imagens estranhas. Encontrava-se em um lugar completamente escuro. Não havia paredes, céu ou chão. Nenhum horizonte delimitava o espaço. Existia apenas uma escuridão profunda e silenciosa que parecia estender-se infinitamente. Ao longe, porém, havia uma porta. Era enorme, antiga e feita de um metal escuro marcado por símbolos que ele não conseguia compreender. Milhares de vozes pareciam vir do outro lado. Algumas sussurravam nomes desconhecidos. Outras gritavam, choravam ou repetiam frases em línguas que jamais ouvira. Não eram apenas vozes. Eram lembranças. Infâncias, guerras, despedidas, nascimentos, mortes, medos e desejos misturavam-se em uma corrente caótica de experiências humanas. Lucas tentou recuar, mas percebeu que não conseguia mover o corpo. Então uma figura surgiu diante da porta. Era um homem muito magro, vestido com um jaleco branco. Seus olhos eram cinzentos, profundos e carregados por uma tristeza impossível de descrever. Era o homem da fotografia. O homem visto pelos pacientes. Augusto Valença. Ele encarou Lucas durante alguns segundos.

— Você chegou tarde demais.

Um ruído metálico atravessou a escuridão. A porta começou a se abrir lentamente, revelando uma luz intensa entre suas bordas. As vozes tornaram-se ensurdecedoras. Lucas tentou gritar, mas não conseguiu produzir qualquer som. Do outro lado da abertura, milhares de rostos surgiram ao mesmo tempo. Homens, mulheres, crianças, soldados, médicos e pessoas de épocas diferentes pareciam observar diretamente através dele. Então os olhos de Augusto se encheram de terror.

— Não deixe que eles se lembrem de você.

A porta se abriu um pouco mais. Lucas acordou gritando. Estava sentado na cama, completamente suado, com o coração golpeando violentamente o peito e as mãos tremendo. Durante alguns segundos não conseguiu reconhecer o quarto. O ruído distante dos carros, a luz fraca que entrava pela janela e o ar-condicionado fizeram-no compreender que estava no hotel. Respirou profundamente e tentou convencer a si mesmo de que havia sido apenas um pesadelo provocado pelo cansaço e pelas descobertas daquela tarde. Levantou-se cambaleando e caminhou até o banheiro. Ao acender a luz, evitou olhar diretamente para o espelho. Lavou o rosto e permaneceu alguns segundos apoiado sobre a pia. Foi então que sentiu uma ardência no braço esquerdo. Puxou a manga da camisa e observou o antebraço. Havia quatro números marcados sobre a pele. As linhas estavam avermelhadas e levemente elevadas, como se tivessem sido gravadas por uma unha ou por algum objeto durante a noite.

Lucas tocou a inscrição. 1954. Sentiu dor. Não era tinta. Não era uma lembrança do sonho. Os números estavam realmente ali. Ergueu lentamente os olhos para o espelho. Por

um breve instante, teve a impressão de que alguém estava parado atrás dele. Um homem alto. Magro. De jaleco branco. Lucas virou-se imediatamente. O banheiro estava vazio. Quando tornou a olhar para o espelho, viu apenas o próprio reflexo. No entanto, havia algo diferente em seus olhos. Algo que não estava ali antes. Uma sombra acinzentada parecia espalhar-se lentamente ao redor das pupilas. Então uma voz sussurrou dentro de sua mente. Não vinha do corredor. Nem do quarto. Vinha de algum lugar dentro dele.

— Agora você também faz parte.

CAPÍTULO 7

O LAGO

*Todos descrevem o mesmo lugar.
Talvez o lago conecte consciências.*



*Fazenda Boa Esperança
Interior da Bahia*



*Vocês precisam chegar
antes da próxima
lua nova... depois disso,
ninguém mais conseguirá
sair de lá.*

Augusto Valença

*... Se alguém estiver
lendo estas linhas,
significa que fracassei!
Todos descrevem o
mesmo lugar.*

*Depois de muito procurar,
descobri que esse lugar existe.
Naquela madrugada sonhei
com acontecimentos que
jamais vivi...*

*Não acredito que o lago
provoque alucinações.
Acredito que ele conecte
consciências.*

*Talvez a memória humana
nunca tenha pertencido
apenas ao cérebro.*

Augusto Valença

*Os moradores diziam que
ninguém permanecia muito
tempo naquela fazenda.
Alguns voltavam diferentes.*

CAPÍTULO 7

O Lago

O silêncio tomou conta da sala do arquivo. Lucas permaneceu imóvel diante de Anselmo. A frase pronunciada pelo velho arquivista parecia continuar ecoando entre as estantes metálicas.

— Porque ele começou a afirmar que seus pacientes compartilhavam lembranças.

Helena foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Compartilhavam como?

Anselmo respirou lentamente antes de responder.

— Segundo os médicos da época, aquelas pessoas não estavam delirando. O doutor Augusto dizia que elas acessavam memórias pertencentes a outras pessoas. Algumas ainda estavam vivas. Outras haviam morrido décadas antes.

Lucas sentiu um arrepio percorrer a espinha. Era exatamente a mesma conclusão registrada por Álvaro Montenegro pouco antes de desaparecer.

— Existe algum documento dele?

O arquivista permaneceu alguns segundos em silêncio. Depois caminhou lentamente até um antigo armário de madeira escura, retirou uma caixa coberta por poeira e a colocou sobre a mesa. A etiqueta quase apagada dizia apenas: **Correspondências particulares – 1954.**

— Nunca ninguém pediu para ver isso.

Ele abriu cuidadosamente a tampa. Dentro havia apenas três objetos: uma fotografia, uma carta e um mapa dobrado. Helena pegou primeiro a fotografia. Seu coração acelerou imediatamente. A imagem mostrava uma pequena casa branca construída às margens de um lago. Ao lado da varanda existia uma árvore enorme, de copa larga, que projetava sombra sobre praticamente todo o telhado. Durante alguns segundos nenhum dos dois conseguiu dizer absolutamente nada. Lucas aproximou lentamente a fotografia do rosto. A casa era exatamente igual aos desenhos feitos por Ana Clara. O lago também. A árvore também. Era impossível. Os pacientes de Recife, Curitiba, Fortaleza e Salvador haviam descrito aquele mesmo lugar durante anos. Pessoas que jamais haviam se encontrado sonhavam repetidamente com uma fazenda que realmente existia. Lucas virou a fotografia. No verso havia apenas uma inscrição escrita à mão. Fazenda Boa Esperança. Interior da Bahia. Nada mais.

Helena abriu cuidadosamente a carta. O papel estava bastante deteriorado pelo tempo, mas a assinatura permanecia perfeitamente legível. Augusto Valença. Ela começou a ler em voz alta.

— "Se alguém estiver lendo estas linhas, significa que fracassei."

Lucas permaneceu completamente imóvel.

— "Passei meses tentando provar que meus pacientes sofriam de uma doença neurológica desconhecida. Depois tentei convencer a mim mesmo de que eram vítimas de transtornos psiquiátricos. Hoje sei que ambas as hipóteses estão erradas."

O silêncio voltou a dominar a sala.

— "Todos descrevem o mesmo lugar."

Helena olhou novamente para a fotografia. A casa. O lago. A árvore.

— "Depois de muito procurar, descobri que esse lugar existe."

Lucas aproximou-se ainda mais.

— Continue.

Ela respirou profundamente.

— "Viajei até a fazenda. Passei três dias observando a propriedade. Durante o dia nada parecia diferente. Porém, na noite em que permaneci próximo ao lago, tudo mudou."

Helena interrompeu a leitura por um instante.

— O lago...

Lucas fez um discreto gesto para que continuasse.

— "Naquela madrugada sonhei com acontecimentos que jamais vivi. Caminhei por ruas que nunca conheci. Reconheci pessoas que haviam morrido muito antes do meu nascimento. Quando despertei, lembrava-me de detalhes históricos impossíveis de conhecer."

Lucas sentiu um frio percorrer todo o corpo. Miguel Oliveira. Ana Clara. Os pacientes descritos nos prontuários. Todos haviam relatado exatamente a mesma experiência. A carta prosseguia.

— "Não acredito que o lago provoque alucinações. Acredito que ele conecte consciências."

Nenhum dos três conseguiu esconder a surpresa.

— "Talvez a memória humana nunca tenha pertencido apenas ao cérebro."

Helena baixou lentamente a carta.

— Isso é impossível...

Lucas continuava olhando para a fotografia. Ou talvez fosse exatamente o contrário. Talvez fosse a primeira explicação capaz de reunir todos aqueles casos. O arquivista permaneceu observando os dois durante alguns segundos antes de voltar a falar.

— Existe uma história naquela região.

Lucas levantou os olhos.

— Que história?

— Os moradores antigos diziam que ninguém permanecia muito tempo naquela fazenda.

— Por quê?

— Alguns adoeciam.

Fez uma breve pausa.

— Outros voltavam diferentes.

Helena cruzou os braços.

— Diferentes como?

— Chamavam desconhecidos pelo nome. Reconheciam lugares onde nunca estiveram. Alguns começavam a falar sobre pessoas mortas como se fossem velhos conhecidos.

Lucas e Helena trocaram um olhar. Nenhum dos dois comentou. Porque aquela descrição era praticamente idêntica ao quadro clínico de Ana Clara. A viagem de volta aconteceu quase em silêncio. A fotografia permanecia sobre o painel do carro e, por diversas vezes, Lucas teve a estranha sensação de reconhecer a paisagem. Não era uma lembrança propriamente dita. Era apenas uma familiaridade impossível de explicar. Quanto mais observava aquela imagem, maior era a impressão de que já havia caminhado por aquelas margens. Helena finalmente rompeu o silêncio.

— Está pensando em ir até lá?

Lucas continuou olhando para a estrada.

— Acho que não temos mais escolha.

Ela concordou discretamente. Pela primeira vez desde o início da investigação existia uma direção concreta. Já não perseguiam apenas documentos antigos e prontuários esquecidos. Agora havia um destino. Quando chegaram ao hospital, pouco depois das dez da noite, perceberam imediatamente uma movimentação incomum diante da enfermaria. Enfermeiros caminhavam apressados pelos corredores, enquanto dois residentes permaneciam em frente ao quarto de Ana Clara. Lucas acelerou o passo.

— O que aconteceu?

Uma enfermeira respondeu imediatamente.

— Ela está em crise outra vez.

Os dois entraram rapidamente no quarto. Ana Clara permanecia sentada na cama. Os olhos estavam fechados, mas seus lábios moviam-se lentamente, como se conversasse com alguém invisível. Lucas aproximou-se.

— Ana?

Ela não respondeu. Continuou murmurando palavras quase inaudíveis. Helena ligou discretamente o gravador do celular. Então a voz tornou-se perfeitamente clara.

— Eles estão chegando.

Lucas sentiu o coração acelerar.

— Quem está chegando?

Ana Clara abriu lentamente os olhos. Desta vez não havia confusão. Nem medo. Seu olhar transmitia uma serenidade quase sobrenatural. Ela olhou diretamente para Lucas.

— Vocês encontraram o lago.

Lucas permaneceu imóvel.

— Ainda não.

Um discreto sorriso surgiu em seus lábios.

— Encontraram, sim.

Fez uma pausa.

— Agora ele sabe que vocês também existem.

O quarto mergulhou em um silêncio absoluto. Ana Clara continuou olhando para Lucas como se enxergasse algo muito além dele. Então pronunciou lentamente uma única frase.

— Vocês precisam chegar antes da próxima lua nova... depois disso, ninguém mais conseguirá sair de lá.

— CAPÍTULO 8 —

A FAZENDA BOA ESPERANÇA

—
ALGUNS LUGARES NÃO SE ENCONTRAM.
ELES RECONHECEM VOCÊ.

FAZENDA
BOA
ESPERANÇA



CAPÍTULO 8

A Fazenda Boa Esperança

Lucas permaneceu imóvel. A última frase de Ana Clara parecia desafiar qualquer interpretação racional.

— Vocês precisam chegar antes da próxima lua nova... depois disso, ninguém mais conseguirá sair de lá.

O monitor cardíaco mantinha um ritmo perfeitamente regular. Ana Clara fechou lentamente os olhos. Quando voltou a abri-los alguns segundos depois, parecia não se lembrar de absolutamente nada.

— O que aconteceu? — perguntou, confusa.

Lucas e Helena trocaram um olhar silencioso. Ela havia retornado ao estado habitual. Mais uma vez. Na manhã seguinte, os dois se reuniram na biblioteca da faculdade. A fotografia da fazenda permanecia aberta sobre a mesa, ao lado do mapa encontrado entre os documentos de Augusto Valença. Helena analisava cuidadosamente as coordenadas desenhadas à mão.

— A Fazenda Boa Esperança ainda existe.

Lucas ergueu os olhos.

— Tem certeza?

Ela girou o notebook em sua direção.

— Cruzei os registros antigos com o cadastro do INCRA e imagens de satélite.

Uma pequena propriedade aparecia cercada por vegetação densa. No centro da imagem era possível distinguir um lago quase perfeitamente circular. Lucas aproximou o rosto da tela. A árvore. Mesmo vista do alto, era impossível não percebê-la. Sua copa era muito maior que a das demais árvores da região. Exatamente como nos desenhos de Ana Clara. Exatamente como na fotografia de 1954. Dois dias depois, partiram rumo ao interior da Bahia. O carro avançava por estradas estreitas ladeadas por pastagens, pequenas fazendas e antigas casas de fazenda. Quanto mais se afastavam da cidade, menor se tornava o sinal do celular. No início da tarde, pararam em um pequeno povoado para abastecer. Enquanto o frentista completava o tanque, Lucas mostrou discretamente a fotografia da fazenda. O homem empalideceu.

— Onde conseguiram isso?

— O senhor conhece esse lugar?

Ele permaneceu alguns segundos em silêncio. Depois respondeu em voz baixa.

— Todo mundo por aqui conhece.

Helena percebeu imediatamente sua mudança de expressão.

— Ainda existe?

O homem assentiu.

— Existe.

Fez uma pausa.

— Mas ninguém vai lá.

— Por quê?

O frentista olhou discretamente ao redor antes de responder.

— Porque quem entra... volta diferente.

Lucas sentiu um arrepio. Era a terceira vez que ouviam exatamente a mesma descrição. No pequeno restaurante da vila, encontraram um senhor de quase noventa anos chamado Seu Joaquim. Quando viu a fotografia, permaneceu imóvel durante vários segundos. Depois sorriu melancolicamente.

— Faz muito tempo que não vejo essa casa.

Lucas aproximou-se.

— O senhor já esteve lá?

— Muitas vezes.

— Morava na fazenda?

— Meu pai era empregado.

Helena abriu imediatamente o caderno de anotações.

— O que acontecia naquele lugar?

O velho demorou para responder. Parecia escolher cuidadosamente cada palavra.

— À noite...

Fez uma pausa.

— As pessoas sonhavam juntas.

O restaurante mergulhou em silêncio.

— Como assim?

— Meu pai dizia que, quando amanhecia, os moradores conversavam sobre os mesmos sonhos.

Todos descreviam exatamente as mesmas pessoas. Os mesmos lugares. As mesmas conversas. Lucas sentiu o coração acelerar.

— Isso acontecia com frequência?

— Até o dia em que começaram a desaparecer.

Helena ergueu lentamente a cabeça.

— Desaparecer?

O velho confirmou.

— Primeiro foi um rapaz.

Depois uma mulher. Mais tarde um médico. Ninguém encontrou os corpos. Nunca. Lucas e Helena permaneceram em silêncio. Médico. O termo imediatamente lhes trouxe à memória Augusto Valença. No final da tarde chegaram à estrada de terra indicada no mapa. A vegetação tornava-se progressivamente mais fechada. Pouco depois surgiu um antigo portal de pedra. Quase totalmente coberto por cipós. Ainda era possível ler, com dificuldade, uma inscrição desgastada pelo tempo. Fazenda Boa Esperança Lucas desligou o motor. Nenhum dos dois falou durante alguns segundos. Era como se ambos sentissem que, ao atravessar aquele portão, deixariam para trás tudo aquilo que ainda podia ser explicado pela ciência. Helena respirou profundamente.

— Ainda podemos voltar.

Lucas permaneceu olhando para a propriedade. Ao longe, parcialmente escondido entre as árvores, aparecia o telhado branco da casa. Era exatamente igual ao dos desenhos. Nenhuma diferença. Nem uma janela. Nem a varanda. Nem a árvore gigantesca ao lado.

— Não...

Respondeu em voz baixa.

— Acho que foi justamente para cá que a investigação sempre nos trouxe.

Enquanto caminhavam pela antiga estrada da fazenda, um vento frio atravessou a vegetação. As folhas balançaram simultaneamente. O silêncio era absoluto. Nenhum canto de pássaros. Nenhum inseto. Nenhum outro som. Lucas parou subitamente. Teve a estranha sensação de reconhecer aquele lugar. Não como quem retorna. Mas como quem desperta uma lembrança esquecida. Olhou para Helena. Ela permanecia imóvel.

— Você sentiu?

Ela respondeu sem desviar os olhos da casa.

— Sim.

— O quê?

Ela demorou alguns segundos.

— Tenho a impressão de que...

Parou no meio da frase.

— Já estive aqui.

Lucas não respondeu. Porque sentia exatamente a mesma coisa. E, naquele instante, ambos compreenderam que a fazenda não era apenas o destino da investigação. Era parte dela. Muito antes de conhecerem Ana Clara. Muito antes de encontrarem o diário de Álvaro Montenegro. Muito antes de ouvirem falar do homem de 1954. Ao longe, refletindo a luz dourada do fim da tarde, o lago permanecia completamente imóvel. Sem uma única ondulação. Como um espelho. Esperando.

O EXPERIMENTO

Há lugares que se reconhecem antes de serem conhecidos.

A ciência busca explicações.

Mas algumas verdades nascem onde a memória encontra o inexplicável.

“

Vocês precisam
chegar antes da
próxima lua nova...
depois disso,
ninguém mais
conseguirá sair de lá.”

— Ana Clara

”

FAZENDA
BOA
ESPERANÇA



A casa conservava
a dignidade das coisas
que sobreviveram
ao tempo.



Duas linhas paralelas
no assoalho.
Entre elas,
manchas escuras.



“Extrato... hipocampal.”
Hipóteses sobre memória
e consciência.



Uma chave.
Um segredo.
Um destino.



Todas as noites de lua nova
estavam marcadas.



Mapa encontrado no arquivo
de Augusto Valença (1954).



Há lugares que se reconhecem
antes de serem conhecidos.

A ciência busca explicações.

Mas algumas verdades nascem
onde a memória encontra
o inexplicável.

CAPÍTULO 9

O Experimento

Há lugares que se reconhecem antes de serem conhecidos. Não me pergunte o leitor por que singular mecanismo da alma um homem pode ter saudades de uma casa onde nunca morou, ou estremecer diante de uma árvore cuja sombra jamais lhe cobriu o rosto. A ciência talvez responda amanhã; hoje, contenta-se em dar nomes compridos àquilo que ignora. O nome, como se sabe, é algumas vezes a mortalha da dúvida. Lucas e Helena permaneceram diante do lago. A água era tão imóvel que não parecia água, mas uma chapa escura colocada no centro da fazenda para refletir o céu. Nem o vento, que agitava os galhos da grande árvore, conseguia produzir uma única ondulação. Era como se o lago obedecesse a leis particulares, distintas das que governavam o restante do mundo. Helena aproximou-se da margem.

— Não há insetos.

Lucas observou ao redor.

— Nem pássaros.

— Desde que entramos na propriedade.

Ela disse aquilo com a naturalidade de quem comenta uma alteração laboratorial; mas não se iluda o leitor: sua voz denunciava o que o rosto tentava ocultar. A ausência de sons incomodava mais que qualquer ruído. A casa branca erguia-se a poucos metros dali. O tempo havia descascado as paredes, apodrecido as janelas e coberto parte do telhado com folhas secas. Ainda assim, a construção conservava uma dignidade antiga, dessas que pertencem às coisas que sobreviveram não por resistência, mas por obstinação. Lucas caminhou em direção à varanda. Cada passo despertava nele uma familiaridade inexplicável. Sabia, antes de olhar, que haveria três degraus. Havia três. Sabia que a porta principal possuía uma pequena rachadura abaixo da fechadura. Possuía. Sabia também que, ao entrar, encontraria à esquerda uma sala ampla e, ao fundo, um corredor estreito. Parou antes de tocar na maçaneta. Helena percebeu.

— O que foi?

Lucas demorou alguns segundos para responder.

— Eu sei o que existe do outro lado.

— Você viu alguma planta da casa?

— Não.

— Talvez nos desenhos de Ana Clara.

— Ela nunca desenhou o interior.

Helena voltou os olhos para a porta. Há momentos em que a razão, essa senhora tão estimada nos salões acadêmicos, perde subitamente a voz. Não foge, não morre, não se rende; limita-se a sentar num canto e esperar que o absurdo termine de falar. Lucas empurrou a porta. Ela se abriu com facilidade. O interior da casa cheirava a madeira úmida, poeira e abandono. A sala era exatamente como Lucas imaginara. À esquerda, havia uma lareira de pedra. Diante dela, duas poltronas cobertas por lençóis amarelados. Na parede oposta, uma estante vazia ocupava quase toda a extensão do cômodo. O corredor começava ao fundo, estreito e escuro. Helena acendeu a lanterna do celular.

— Alguém esteve aqui recentemente.

Apontou para o chão. Sobre a poeira acumulada, uma sequência de marcas atravessava a sala. Não eram pegadas comuns. Pareciam ter sido deixadas por algo pesado arrastado em direção ao corredor. Lucas agachou-se.

— Isso não é recente.

— A poeira foi removida.

— Não por uma pessoa.

Ela iluminou melhor o sulco. Duas linhas paralelas percorriam o assoalho. Entre elas, pequenas manchas escuras surgiam em intervalos regulares. Helena tocou uma das marcas com a ponta de uma caneta.

— Pode ser ferrugem.

Lucas aproximou o rosto.

— Ou sangue.

Ela não respondeu. Os dois seguiram o rastro. O corredor conduzia a quatro quartos. Todos estavam vazios, exceto o último. Nesse havia uma cama de ferro, uma escrivaninha e um armário encostado à parede. Sobre a mesa, encontraram uma lamparina, duas seringas de vidro e um pequeno frasco contendo um líquido ressecado no fundo. Helena pegou o frasco. O rótulo quase desaparecera, mas algumas palavras ainda podiam ser lidas.

— “Extrato... hipocampal.”

Lucas tomou-lhe o recipiente.

— Hipocampal?

— Parece ser isso.

O hipocampo é uma estrutura cerebral relacionada à formação e consolidação das memórias. O leitor instruído já o sabe; o leitor que o ignorava acaba de aprender. Não se vanglorie nenhum dos dois. Conhecer o nome da porta não significa saber o que existe atrás dela. Helena examinou as seringas.

— Década de cinquenta. Talvez anteriores.

— Augusto realizava procedimentos aqui.

— Ou experiências.

Lucas abriu a gaveta da escrivaninha. Estava vazia. Tentou a segunda. Também vazia. Na terceira, encontrou apenas uma chave. Era pequena, escura e pesada.

— Deve abrir alguma coisa nesta casa.

— Ou fechar — respondeu Helena.

Lucas olhou para ela.

— Desde quando você ficou pessimista?

— Desde que os pacientes começaram a prever acidentes e médicos mortos passaram a deixar mapas.

Não era propriamente uma resposta, mas servia. As melhores respostas, aliás, nem sempre são as mais exatas; são apenas as que encerram a conversa no instante oportuno. Examinaram o restante da casa. Na cozinha havia louças quebradas, panelas enferrujadas e um calendário preso à parede. O papel se desfazia nas bordas, mas o ano ainda podia ser lido.

1954.

O mês de novembro estava marcado com pequenos círculos vermelhos. Todos cercavam as noites de lua nova. Helena fotografou o calendário.

— Ana Clara falou sobre a próxima lua nova.

Lucas aproximou-se.

— Augusto também marcou as anteriores.

— Talvez os episódios fossem mais intensos nesse período.

— Ou talvez ele realizasse os experimentos nessas datas.

No segundo andar encontraram três quartos e uma pequena biblioteca. As estantes continuavam repletas de livros, quase todos dedicados à neurologia, à psiquiatria, à hipnose e ao estudo da memória. Havia obras em português, francês, alemão e inglês. Algumas possuíam anotações nas margens. Lucas retirou um volume sobre lesões do lobo temporal. Entre as páginas encontrou uma folha dobrada. Era a transcrição de uma entrevista clínica. Paciente número 7. Sexo feminino. Vinte e quatro anos. Abaixo, uma sequência de perguntas e respostas.

— Leia isto — disse Lucas.

Helena aproximou-se.

“Pergunta: Qual é seu nome?”

“Resposta: Maria das Dores.”

“Pergunta: Onde nasceu?”

“Resposta: Em Cachoeira.”

“Pergunta: Em que ano?”

“Resposta: 1871.”

Helena franziu a testa.

— Qual era a data da entrevista?

Lucas apontou para o cabeçalho.

— Outubro de 1954.

Continuou a leitura.

“A paciente descreveu uma residência existente na cidade de Cachoeira durante o século XIX. Informou nomes de antigos proprietários, disposição dos cômodos e detalhes sobre um incêndio ocorrido em 1893. As informações foram posteriormente confirmadas em registros municipais.”

Havia uma observação escrita à mão:

“A mulher chamada Maria das Dores morreu em 1902. A paciente nasceu em 1930.”

Helena retirou lentamente os olhos da folha.

— Augusto confirmou as memórias.

— Não apenas ele.

Lucas mostrou-lhe uma assinatura no rodapé.

Dr. Álvaro Montenegro.

Os dois haviam trabalhado juntos naquele lugar. A fazenda não era apenas o cenário dos sonhos. Era um laboratório. Continuaram examinando os livros. Em muitos deles havia folhas soltas, entrevistas, resultados de exames e desenhos anatômicos. Aos poucos, as peças começaram a formar um conjunto. Augusto Valença e Álvaro Montenegro haviam selecionado pacientes com alterações inexplicáveis da memória. A princípio, acreditavam estar diante de um transtorno dissociativo ou de alguma forma incomum de epilepsia do lobo temporal. Mais

tarde, passaram a suspeitar de algo diferente. Os pacientes não produziam lembranças falsas. Acessavam lembranças verdadeiras. Memórias de outras pessoas. Vivas ou mortas.

— Isso não pode existir — disse Helena.

Lucas continuava lendo.

— Também não podia existir quando Ana Clara descreveu o ônibus.

— Uma previsão não prova transmissão de memória.

— E os lugares que ela desenhou?

— Criptomnésia. Informações vistas e esquecidas.

— E os pacientes que sonharam com esta casa antes de ela aparecer em qualquer registro digital?

— Sugestão coletiva.

— Pessoas de estados diferentes?

Helena fechou os olhos por um instante.

— Estou tentando encontrar uma hipótese que não destrua tudo o que sabemos sobre o cérebro.

Lucas pousou os documentos sobre a mesa.

— Talvez esse seja o problema.

— Qual?

— Estamos tentando proteger o conhecimento, não compreender o fenômeno.

Helena o encarou.

— A ciência não funciona abandonando tudo o que foi demonstrado.

— Também não funciona ignorando aquilo que não cabe no modelo.

Ela caminhou até a janela. O lago aparecia entre os galhos da árvore.

— Você está dizendo que as memórias sobrevivem às pessoas?

— Estou dizendo que Augusto acreditava nisso.

— E você?

Lucas não respondeu imediatamente. A convicção costuma ser filha legítima da vaidade e enteada da prova. O homem deseja acreditar que chegou à verdade quando, muitas vezes, apenas se cansou de procurar alternativas.

— Ainda não sei.

Helena sorriu discretamente.

— Esta foi a coisa mais sensata que você disse desde que entramos aqui.

Ao lado da biblioteca havia uma porta estreita. A chave encontrada na escrivaninha encaixava-se perfeitamente na fechadura. Lucas girou-a. A porta não se abriu. Tentou novamente, desta vez empurrando com o ombro. A madeira cedeu alguns centímetros, revelando uma escada que descia para o subsolo. Um ar frio subiu pelos degraus. Trazia consigo um odor metálico e úmido. Helena iluminou a passagem.

— Essa parte não aparece na planta externa.

— Você viu alguma planta?

— Não.

Lucas olhou para ela.

— Então como sabe?

Helena permaneceu em silêncio. A pergunta atingiu-a com atraso.

— Eu não sei.

Por alguns instantes, nenhum dos dois se moveu.

— Você sabia que existia um subsolo — disse Lucas.

— Foi apenas uma impressão.

— Como eu sabia dos degraus da varanda.

Helena voltou-se para a escada.

— Precisamos sair.

— Agora?

— Estamos começando a reconhecer coisas que nunca vimos.

— É justamente por isso que precisamos continuar.

A imprudência, leitor, tem muitas máscaras. Às vezes chama-se coragem; outras, curiosidade científica. Em certas ocasiões, apresenta-se de jaleco branco e carrega um diploma

no bolso. Desceram. O subsolo era mais amplo que a própria casa. As paredes haviam sido revestidas por placas metálicas já cobertas de ferrugem. Fios antigos percorriam o teto e convergiam para uma sala central, separada por uma porta de vidro espesso. Dentro havia duas cadeiras. Não eram cadeiras comuns. Possuíam suportes para braços e pernas, correias de couro e estruturas semicirculares destinadas a envolver a cabeça. Cabos saíam dos encostos e se ligavam a um equipamento repleto de mostradores, válvulas e bobinas. Helena aproximou-se do vidro.

— Parece um aparelho de eletroencefalografia modificado.

— Para registrar a atividade cerebral?

— Talvez para estimular.

Lucas abriu a porta. Na parede principal havia uma grande superfície escurecida, semelhante a um quadro-negro. Sobre ela, Augusto desenhara dois cérebros ligados por linhas que convergiam para um círculo central. Ao lado do primeiro desenho, escrevera:

EMISSOR

Ao lado do segundo:

RECEPTOR

Entre ambos:

CAMPO DE RESSONÂNCIA MNÊMICA

Helena leu a expressão duas vezes.

— Ressonância mnêmica?

— Memórias sincronizadas por algum tipo de campo.

— Isso não é ciência. É especulação.

— Em 1954, talvez fosse.

— Em qualquer época.

Lucas apontou para uma sequência de números abaixo do desenho.

— Frequências.

Helena aproximou-se. Eram valores acompanhados por anotações sobre ondas cerebrais: alfa, teta e gama. Havia ainda referências ao hipocampo, ao córtex temporal e a estados profundos de sono.

— Ele tentou sincronizar dois cérebros — disse Lucas.

— Não sabemos disso.

— Emissor e receptor. Duas cadeiras. Frequências cerebrais. O que mais poderia ser?

Helena examinou o equipamento.

— Podia estar estudando hipnose conjunta, sugestão ou resposta autonômica.

Lucas encontrou uma pasta no chão, parcialmente escondida sob o aparelho.

Na capa lia-se:

PROJETO ATLAS

Helena deixou de examinar os fios. Os dois permaneceram olhando para aquelas palavras. O título que perseguira pacientes por décadas surgia finalmente diante deles. Não como metáfora. Como o nome de um experimento. A pasta continha relatórios datados entre agosto e novembro de 1954. O primeiro documento descrevia o objetivo do projeto:

“Investigar a hipótese de que a memória não seja armazenada exclusivamente no tecido cerebral, podendo existir como padrão de informação acessível a indivíduos neurologicamente suscetíveis.”

Helena leu em silêncio. Lucas prosseguiu:

“O cérebro talvez não produza todas as lembranças que experimenta. Pode, em determinadas circunstâncias, funcionar como receptor de registros externos à experiência individual.”

Mais abaixo, Augusto justificava o nome escolhido:

“Assim como o Atlas mitológico sustenta sobre os ombros um peso superior às forças humanas, certos pacientes parecem carregar a soma de lembranças que não lhes pertencem.”

Lucas baixou lentamente o documento.

— A Síndrome de Atlas.

Helena permaneceu imóvel.

— Não era o nome do projeto?

— Primeiro, do projeto.

Ele virou a página. No alto do relatório seguinte, havia uma nova inscrição:

Síndrome de Atlas — denominação provisória do quadro clínico observado após exposição.

Helena tomou-lhe as folhas. Os sintomas estavam listados com precisão: Febre baixa. Insônia. Sonhos compartilhados. Desorientação temporal. Perda progressiva da memória

autobiográfica. Reconhecimento de pessoas desconhecidas. Recordação de acontecimentos não vividos. Antecipação de eventos futuros.

— Ana Clara — murmurou.

— Todos eles.

Havia também uma descrição da progressão clínica. Na fase inicial, o paciente acessava memórias isoladas, geralmente durante o sono. Na segunda fase, as lembranças surgiam durante a vigília. Na terceira, a identidade individual começava a se misturar às identidades acessadas. Na quarta e última fase, o paciente deixava de distinguir o próprio passado do passado alheio. O relatório encerrava-se com uma frase sublinhada:

“Quando o indivíduo já não sabe quais lembranças lhe pertencem, deixa também de saber quem é.”

Helena sentou-se numa das cadeiras.

— Ana Clara está na terceira fase.

Lucas não respondeu. Ambos sabiam o que viria depois. Os documentos revelavam que o projeto fora iniciado com seis pacientes do antigo hospital psiquiátrico. Augusto acreditava que eles possuíam uma sensibilidade neurológica rara, capaz de permitir a comunicação inconsciente de conteúdos mnêmicos. A princípio, os resultados haviam sido modestos. Dois pacientes relataram imagens semelhantes. Outro reconheceu uma fotografia pertencente à infância de um dos pesquisadores. Um quarto descreveu um sonho vivido por uma enfermeira na noite anterior. Em seguida, Augusto decidiu aumentar a intensidade da estimulação. Os resultados tornaram-se extraordinários. E terríveis. Os pacientes passaram a descrever memórias de pessoas que não participavam dos experimentos. Algumas estavam a quilômetros de distância. Outras haviam morrido muitos anos antes. Um deles falou fluentemente uma língua que jamais estudara. Outro revelou a localização de objetos pertencentes a uma mulher falecida em 1917. Uma paciente, durante uma sessão, descreveu o próprio funeral de Álvaro Montenegro. A data informada era 1955. Lucas releu a passagem.

— Ela previu o desaparecimento de Álvaro.

— Talvez não fosse uma previsão — disse Helena.

— O que seria?

— Se as memórias não estão organizadas de forma linear...

Ela interrompeu a frase. Lucas compreendeu.

— O futuro também poderia deixar lembranças.

— Isso é impossível.

— Você acabou de sugerir.

— Sugerir uma impossibilidade não a torna possível.

Lucas voltou aos relatórios. Na última sessão, realizada em novembro de 1954, Augusto conectara simultaneamente todos os pacientes ao equipamento. O objetivo era criar uma rede de sincronização. Não apenas transmitir uma lembrança de uma pessoa para outra. Mas descobrir se existia um campo comum no qual todas as memórias humanas estivessem preservadas. Helena passou à página seguinte. Estava manchada e parcialmente rasgada. No alto lia-se:

SESSÃO 12 — INCIDENTE

O relato começava com uma alteração abrupta nos equipamentos. Todos os pacientes haviam apresentado, no mesmo instante, atividade cerebral idêntica. Não semelhante. Idêntica. Em seguida, perderam a consciência. Durante quase quatro minutos, os aparelhos registraram um padrão desconhecido, impossível de classificar segundo os conhecimentos da época. Ao despertarem, os seis pronunciaram a mesma frase:

“Nós nos lembramos de vocês.”

Helena deixou o documento cair sobre a mesa. Aquela era a mesma palavra utilizada por Ana Clara. Nós. Lucas recolheu a folha. O restante do relato era ainda mais perturbador. Após a sessão, os pacientes passaram a compartilhar pensamentos sem necessidade de comunicação verbal. Sabiam quando um deles sentia dor. Descreviam os mesmos sonhos. Terminavam as frases uns dos outros. Poucos dias depois, começaram a falar em nome de uma consciência coletiva. Augusto chamara o fenômeno de integração mnêmica. Álvaro utilizara uma expressão menos generosa: perda da individualidade. Na margem, escrevera:

“Não criamos uma ponte entre as memórias. Abrimos uma porta.”

Um ruído metálico ecoou no corredor. Helena ergueu-se imediatamente.

— Você ouviu?

Lucas fechou a pasta. O som repetiu-se. Desta vez, parecia vir de uma sala atrás do laboratório. Caminharam lentamente. A porta estava entreaberta. No interior havia armários, caixas e uma antiga mesa de necropsia. Sobre a parede, dezenas de fotografias haviam sido fixadas com pequenos pregos. Eram retratos dos pacientes. Alguns apareciam sentados nas cadeiras do experimento. Outros eram fotografados diante da casa ou à margem do lago. Lucas aproximou a lanterna. Reconheceu imediatamente Miguel Oliveira, o paciente que afirmava recordar a vida de um soldado alemão morto na guerra. Ao lado dele estavam os outros participantes. Seis pessoas. Mas havia uma sétima figura na última fotografia. Um jovem médico, alto e magro, de olhos claros. Augusto Valença. Helena aproximou-se.

— Ele participou da sessão.

— Não estava apenas conduzindo o experimento.

— Estava conectado aos pacientes.

No verso da fotografia havia uma anotação:

Sessão final. Sete participantes. 14 de novembro de 1954.

Abaixo, escrito por outra mão:

“Augusto acreditava que precisava entrar para compreender o que havia encontrado.”

Lucas observou o rosto do neurologista. Os olhos cinzentos. Profundos. Melancólicos. Os mesmos descritos por pacientes de diferentes décadas. Augusto não aparecia nos sonhos porque investigara a síndrome. Aparecia porque se tornara parte dela. Helena abriu um armário. Dentro havia roupas antigas, caixas de medicamentos e um gravador de fita. Ao lado do aparelho encontravam-se quatro rolos identificados por datas. Lucas escolheu o último.

14 de novembro de 1954.

O equipamento parecia inútil após tantos anos, mas Helena encontrou um gerador portátil no canto da sala. Depois de alguns minutos examinando os cabos, conseguiu ligá-lo. As válvulas do gravador acenderam lentamente.

— Não acredito que isso ainda funcione — disse Lucas.

— Nem eu.

— Então por que ligou?

— Porque a incredulidade nunca impediu você de continuar.

Ela colocou a fita. Durante alguns segundos ouviram apenas chiados. Depois surgiu uma voz masculina. Era firme, culta e extraordinariamente calma.

— Registro da décima segunda sessão do Projeto Atlas. Doutor Augusto Valença, quatorze de novembro de mil novecentos e cinquenta e quatro.

Lucas e Helena se entreolharam. A gravação continuou.

— Às vinte e três horas iniciaremos o procedimento de sincronização coletiva. O doutor Álvaro Montenegro se opõe à experiência e acredita que os riscos superam os possíveis benefícios. Respeito sua posição, mas não posso aceitá-la. Estamos diante da maior descoberta da história da neurologia.

Houve uma pausa.

— A memória humana não desaparece. O cérebro não é seu túmulo, mas seu instrumento. Cada experiência deixa uma marca em algo maior que o indivíduo. Um campo. Uma consciência. Um arquivo vivo da humanidade.

A voz de Álvaro surgiu ao fundo.

— Augusto, desligue o aparelho.

— Ainda não.

— Os padrões estão aumentando.

Ruídos metálicos preencheram a gravação. Ouviram-se respirações ofegantes. Depois, várias vozes começaram a falar ao mesmo tempo. Homens. Mulheres. Jovens. Velhos. Todas pronunciavam frases diferentes, mas o ritmo era idêntico, como se uma única mente utilizasse várias bocas.

— A sincronização foi alcançada — disse Augusto.

Álvaro gritou:

— Isto não é sincronização!

Um som agudo atravessou a fita. Helena levou as mãos aos ouvidos. Na gravação, os pacientes começaram a rir. Não era um riso de alegria nem de loucura. Era a reação de quem acabava de recordar uma piada contada muitos séculos antes. Então todas as vozes se calaram. Apenas uma permaneceu. A de Augusto. Mas havia algo diferente nela. Algo múltiplo.

— Álvaro...

— O que fizeram com ele?

— Não fizemos nada.

— Quem está falando?

A resposta veio baixa e serena:

— Todos.

O gravador chiou. Álvaro parecia afastar-se.

— Vou desligar o aparelho.

— Não pode fechar aquilo que já foi aberto.

Seguiu-se um estrondo. Gritos. Vidros quebrando. Depois silêncio. Durante quase um minuto, ouviu-se apenas a rotação da fita. Por fim, a voz de Augusto retornou.

— Eles virão.

Álvaro respondeu, mais distante:

— Quem?

— Aqueles que conseguem nos ouvir.

— Quando?

— Sempre estiveram vindo.

A gravação terminou com uma última frase:

— A memória não pertence aos mortos nem aos vivos. Somos nós que pertencemos a ela.

A fita parou. Lucas permaneceu imóvel. Helena desligou lentamente o gravador.

— Augusto tornou-se o primeiro portador completo.

— Talvez por isso não tenha envelhecido nos sonhos.

— Ou porque os pacientes não viam o corpo dele.

— Viam a memória.

Helena caminhou até a parede de fotografias.

— Se ele morreu, como continuou aparecendo para pessoas nascidas décadas depois?

— Porque as lembranças dele permaneceram no campo.

— Isso é apenas a hipótese de Augusto.

— É uma hipótese que explica Ana Clara.

— Não explica por que os casos estão aumentando.

Lucas abriu novamente a pasta. Nas últimas páginas encontrou mapas e tabelas. Os registros mostravam pequenos agrupamentos de casos ao longo das décadas.

1911.

1912.

1913.

1914.

1915.

1916.

1917.

A frequência aumentava. Os intervalos diminuía.

— O fenômeno está se expandindo — disse ele.

Helena examinou as datas.

— Como uma onda.

— Ou uma infecção.

— Memórias não são agentes infecciosos.

— Talvez não sejam as memórias que se transmitem.

— O que seria?

Lucas pensou em Ana Clara. Nos olhos transformados. Na voz que dizia “nós”. Na frase que ouvira dentro da própria mente.

— A capacidade de acessá-las.

Helena voltou-se para ele.

— Você acha que a exposição a um paciente pode despertar a síndrome em outra pessoa?

Antes que Lucas respondesse, todas as lâmpadas do laboratório se acenderam. Não gradualmente. De uma só vez. O antigo equipamento começou a vibrar. Os mostradores moveram-se. As bobinas emitiram um zumbido crescente.

— Desligue o gerador! — gritou Lucas.

Helena correu até o aparelho.

— Já está desligado!

As duas cadeiras começaram a tremer. No quadro, as linhas que uniam os cérebros pareciam ganhar movimento sob a luz oscilante. Então veio o som. Uma respiração. Lenta. Profunda. Não saía do gravador. Vinha dos alto-falantes conectados ao equipamento. Lucas aproximou-se.

— Augusto?

A respiração cessou. Por alguns segundos, houve apenas silêncio. Depois uma voz respondeu:

— Não.

Era a voz de Ana Clara. Helena recuou.

— Ana?

— Vocês demoraram.

Lucas sentiu as pernas enfraquecerem.

— Onde você está?

— No hospital.

— Como está falando conosco?

Houve um breve ruído. Quando a voz retornou, já não parecia pertencer apenas a ela.

— Da mesma forma que vocês estão nos ouvindo.

Helena segurou o braço de Lucas.

— Quem são vocês?

O zumbido aumentou. As luzes começaram a piscar.

— Aqueles que lembram.

— O que querem?

Desta vez, a resposta veio acompanhada por dezenas de vozes sobrepostas.

— Voltar.

O equipamento desligou-se. O laboratório mergulhou na escuridão. Durante alguns instantes, Lucas ouviu apenas a própria respiração. Helena acendeu a lanterna.

— Precisamos sair daqui.

Ele continuava olhando para as cadeiras.

— Ana Clara está conectada a este lugar.

— Não sabemos o que aconteceu.

— Ela falou conosco por um equipamento desligado há setenta anos.

— Exatamente por isso precisamos sair.

Subiram rapidamente. Ao alcançarem o primeiro andar, perceberam que a noite já havia caído. O céu estava completamente escuro. Não havia lua. Helena olhou o relógio.

— Isso é impossível.

— O quê?

— Entramos na casa pouco depois das quatro.

— E agora?

Ela mostrou-lhe a tela. Passava das onze da noite. Haviam perdido quase sete horas. Para eles, não transcorreram mais de uma. Do lado de fora, o lago permanecia imóvel. No entanto, a árvore agitava-se violentamente, embora não houvesse vento. Lucas desceu os degraus da varanda. Foi então que viu uma figura parada junto à margem. Um homem alto. Muito magro. Vestia um jaleco branco.

— Helena...

Ela se aproximou. O homem estava de costas.

— Augusto? — chamou Lucas.

A figura voltou-se lentamente. Mesmo à distância, os olhos claros eram visíveis. Cinzentos. Profundos. Melancólicos. Era o homem da fotografia. Não aparentava mais de quarenta anos. Exatamente a idade que possuía em 1954. Helena segurou a mão de Lucas.

— Isso não é possível.

O homem sorriu.

— A impossibilidade é apenas uma verdade antes de ser compreendida.

A frase possuía elegância bastante para ser admirada, não fosse a circunstância pouco favorável à literatura. Lucas aproximou-se alguns passos.

— O senhor é Augusto Valença?

— Fui.

— Está vivo?

O homem voltou os olhos para o lago.

— Essa pergunta perdeu o sentido há muito tempo.

— O que aconteceu durante o experimento?

— Encontramos aquilo que procurávamos.

— O campo de memórias?

— Não.

Augusto olhou diretamente para ele.

— Encontramos quem vive dentro dele.

Helena recuou.

— Quem?

Augusto respondeu com tristeza:

— Todos nós.

A superfície do lago finalmente se moveu. Uma pequena ondulação surgiu no centro. Depois outra. Logo dezenas de círculos se expandiram em direção às margens, como se alguma coisa respirasse sob a água.

— Ana Clara está morrendo? — perguntou Lucas.

— Ana Clara está desaparecendo.

— Como podemos impedir?

Augusto apontou para a casa.

— Fechem a porta.

— O aparelho?

— O que foi aberto naquela noite não está no aparelho.

— Então onde está?

O neurologista ergueu lentamente a mão e tocou a própria cabeça.

— Aqui.

Depois apontou para Lucas.

— E agora, também aí.

Lucas sentiu uma dor súbita atravessar-lhe as têmporas. Imagens surgiram em sua mente. A casa cheia de médicos. Pacientes presos às cadeiras. Álvaro gritando. Augusto acionando o equipamento. O lago iluminado por uma luz que vinha de baixo. Corpos caminhando em direção à água. E, finalmente, ele próprio diante da árvore. Não no presente.

Em 1954. Lucas caiu de joelhos. Helena tentou ampará-lo.

— Lucas!

Ele ergueu os olhos. Por um instante, não reconheceu o rosto dela. Em seu lugar, viu uma mulher vestida com roupas antigas, chorando ao lado de uma cama. Depois a imagem desapareceu.

— Quem é você? — perguntou ele.

Helena empalideceu.

— Sou eu. Helena.

Lucas levou as mãos à cabeça.

— Eu vi você.

— Onde?

— Antes de nascer.

Augusto observava-os em silêncio.

— A síndrome começou — disse.

Helena voltou-se para ele.

— O que precisamos fazer?

— O que Álvaro não conseguiu.

— O quê?

Augusto olhou para a água.

— Escolher quais memórias devem morrer.

Então caminhou em direção ao lago. Lucas tentou levantar-se.

— Espere!

O neurologista continuou avançando. A água alcançou-lhe os joelhos, a cintura, o peito. Antes de desaparecer, voltou-se uma última vez.

— Não confiem em Ana Clara.

— Por quê?

Os olhos cinzentos pareceram ainda mais tristes.

— Porque já não existe uma Ana Clara.

A cabeça de Augusto submergiu. No mesmo instante, o lago voltou a ficar imóvel. Helena ajudou Lucas a se levantar. Ao longe, o motor do carro permanecia silencioso junto ao portão.

— Vamos embora — disse ela.

Lucas continuava olhando para o lugar onde Augusto desaparecera.

— Ele disse que precisamos fechar a porta.

— Primeiro voltaremos ao hospital.

— Ana Clara pode saber como fazer isso.

— Ele disse para não confiarmos nela.

Lucas respirou profundamente.

— Então precisamos descobrir quem está falando através dela.

Caminharam rapidamente até o carro. Quando alcançaram o portão da fazenda, os celulares recuperaram o sinal. Dezenas de mensagens e chamadas perdidas apareceram ao mesmo tempo. Todas vinham do hospital. Helena ligou imediatamente para a enfermaria. Uma enfermeira atendeu, chorando.

— Doutora, onde vocês estão?

— O que aconteceu?

— É Ana Clara.

— Ela piorou?

Do outro lado da linha houve alguns segundos de silêncio.

— Ela desapareceu.

Helena parou.

— Como assim, desapareceu?

— As câmeras mostram que ela saiu do quarto às dezessete horas. Ninguém conseguiu detê-la.

— Para onde foi?

A enfermeira respirou com dificuldade.

— Ela deixou uma mensagem na parede.

— O que estava escrito?

A resposta fez Helena voltar lentamente os olhos para a casa branca.

— “Estou indo para o lago.”

Lucas olhou o relógio. Dezessete horas. O momento exato em que haviam entrado no subsolo. Ou talvez, refletiu ele, o instante em que deixaram de estar sozinhos. Porque há portas, leitor, que se abrem para que entremos. E há outras que se abrem para que alguma coisa saia. Aquela, infelizmente, pertencia à segunda espécie.

CAPÍTULO 10

A SÍNDROME DE ATLAS

Memória. Experimento. Escolha.



O DESAPARECIMENTO

Ana Clara desaparece do hospital às 17:12.
As câmeras mostram sua saída.
Depois, apenas silêncio.



A CONEXÃO

Lucas reconhece o homem
ao lado de Ana Clara: Augusto.
Mas ele não pode estar
em dois lugares.



A PISTA

Uma mensagem na parede.
Um símbolo.
Uma palavra quase apagada.



O DESENHO

A casa. A árvore. O lago.
E as pessoas que emergem das águas,
como memórias que não deveriam existir.



AS DATAS

Duas datas.
Setenta e dois
anos de distância.
Mesmo dia.
Mesmo mês.
Diferentes
destinos?



14 DE NOVEMBRO DE 1954

14 DE NOVEMBRO DE 2026

Faltam dois idas.

O EXPERIMENTO

Sete pessoas. Uma casa.
Um pesquisador.
Um ciclo que se repete.



O LAGO

No centro, Ana Clara.
Ao redor, rostos do passado.
Entre eles, Gabriel.
Entre eles, todos.

“Memórias não aparecem em câmeras.
Até ontem também não falavam
por equipamentos desligados.”

— Lucas

CAPÍTULO 10

A Síndrome de Atlas

O desaparecimento de uma pessoa provoca, em geral, duas investigações. A primeira procura o corpo. A segunda procura a explicação. A polícia costuma dedicar-se à primeira. A família, desesperadamente, à segunda. Os médicos, quando chamados, tentam substituir ambas por um diagnóstico. Lucas, naquela noite, não possuía nenhum dos três. Ana Clara desaparecera do hospital sem dinheiro, sem telefone e sem qualquer condição clínica que lhe permitisse viajar sozinha. As câmeras mostravam a jovem deixando o quarto às dezessete horas e doze minutos, caminhando pelos corredores com absoluta tranquilidade. Não parecia confusa. Não parecia doente. Não parecia fugir. Parecia cumprir um compromisso. Lucas e Helena assistiram às imagens no telefone enquanto o carro avançava pela estrada escura. Ana Clara usava ainda a camisola hospitalar. Passou pela recepção sem ser abordada, atravessou a porta principal e desapareceu no estacionamento.

— Ninguém a viu sair? — perguntou Lucas.

— O segurança afirma que ela não passou pelo portão — respondeu Helena.

— Mas as câmeras mostram que saiu do prédio.

— Mostram que entrou no estacionamento. Depois disso, nada.

Lucas ampliou a última imagem. Ana Clara aparecia de costas, caminhando entre dois carros. No reflexo de um dos vidros havia uma figura ao lado dela. Um homem alto. Muito magro. Vestia um jaleco branco.

— Augusto — murmurou.

Helena aproximou o rosto da tela.

— Pode ser um médico do hospital.

— Não é.

— A imagem está distorcida.

— São os mesmos ombros. A mesma postura.

Helena desligou o telefone.

— O homem que vimos no lago não podia estar no hospital.

— Talvez não estivesse.

— Então o que aparece na gravação?

Lucas permaneceu olhando para a estrada.

— Uma memória.

— Memórias não aparecem em câmeras.

— Até ontem também não falavam por equipamentos desligados.

A razão é um excelente instrumento, mas tem o mau hábito de exigir regras mesmo quando o jogo já terminou. Chegaram ao hospital pouco depois das duas da manhã. O corredor da enfermaria estava repleto de médicos, enfermeiros, seguranças e policiais. A mãe de Ana Clara permanecia sentada próxima ao posto de enfermagem, amparada por uma psicóloga. Ao ver Lucas, levantou-se imediatamente.

— Onde está minha filha?

A pergunta foi feita com a autoridade particular dos desesperados, que não desejam uma resposta, mas uma reparação do mundo. Lucas se aproximou.

— Nós ainda estamos procurando.

— Ela estava sob os cuidados de vocês.

— Eu sei.

— Como uma paciente simplesmente desaparece de um hospital?

Ele não respondeu. Havia culpas que não podiam ser recusadas, ainda que não fossem inteiramente justas. A mulher segurou o braço de Lucas.

— Ela falou de você antes de sair.

— O que disse?

— Que precisava encontrá-lo.

— Disse onde?

— Não.

Ela começou a chorar.

— Só repetiu que você já havia aberto a porta.

Helena, que permanecia alguns passos atrás, desviou o olhar. Lucas sentiu a dor latejar novamente nas têmporas. A casa. O laboratório. As cadeiras. O lago. Imagens que não lhe pertenciam surgiram e desapareceram em sua mente. Por um instante, viu Ana Clara atravessando um corredor que não era o do hospital. As paredes eram antigas. Havia lamparinas acesas e homens vestidos com roupas da década de cinquenta. Ela não caminhava sozinha. Seis pessoas a acompanhavam. Os pacientes do Projeto Atlas. Lucas levou a mão à parede.

— Está tudo bem? — perguntou Helena.

— Eu a vi.

— Onde?

— Na fazenda.

A mãe de Ana Clara ergueu os olhos.

— Minha filha está lá?

Lucas não teve coragem de responder. A mensagem permanecia escrita na parede do quarto.

ESTOU INDO PARA O LAGO.

As letras haviam sido traçadas com o marcador preto utilizado pela equipe para anotar horários de medicação. Abaixo da frase havia um símbolo. Um círculo atravessado por sete linhas que convergiam para o centro. Helena fotografou o desenho.

— É o mesmo esquema do laboratório.

— Sete participantes.

— Augusto e os seis pacientes.

Lucas aproximou-se. No centro do círculo havia uma palavra quase apagada.

ATLAS.

Sobre a cama, encontraram uma folha dobrada. Era um desenho feito por Ana Clara. Mostrava a casa branca, a árvore e o lago. Desta vez, porém, havia algo diferente. Na margem da água estavam Lucas e Helena. Ana Clara surgia no centro do lago. Atrás dela, dezenas de pessoas emergiam da superfície. Algumas usavam roupas antigas. Outras, uniformes militares. Havia homens, mulheres e crianças. Entre os rostos, Lucas reconheceu Gabriel, o menino desaparecido de Minas Gerais. Reconheceu também a menina do casaco amarelo. Helena apontou para o canto inferior da folha.

— Veja isto.

Ana Clara havia desenhado uma data.

14 de novembro de 1954.

Logo abaixo, outra:

14 de novembro de 2026.

Lucas olhou o calendário do celular. Faltavam dois dias. A próxima lua nova. A polícia organizou buscas na região do hospital. Fotografias de Ana Clara foram distribuídas. Hospitais, rodoviárias e delegacias receberam alertas. Nenhuma testemunha confiável apareceu. Às quatro da manhã, Lucas e Helena se recolheram à sala dos residentes. A pasta do Projeto Atlas estava sobre a mesa. Durante horas, compararam os documentos encontrados na fazenda com os prontuários reunidos ao longo da investigação. Os sintomas seguiam uma progressão clara. Na primeira fase, surgiam sonhos e lembranças fragmentadas. Na segunda, o paciente começava a acessar memórias durante a vigília. Na terceira, perdia a capacidade de distinguir experiências próprias e alheias. A quarta fase não estava inteiramente descrita. Os documentos mais recentes de Augusto haviam sido arrancados da pasta. Restava apenas uma frase escrita por Álvaro Montenegro:

“Na fase final, o portador não recebe apenas as memórias. Torna-se a passagem.”

Helena releu a anotação.

— Ana Clara não está apenas doente.

— Ela é o ponto de conexão.

— Uma passagem para quê?

Lucas examinou o símbolo das sete linhas.

— Para a consciência criada no experimento.

— Augusto disse que encontraram quem vivia dentro do campo.

— Talvez ele estivesse enganado.

— Ou talvez estivesse tentando simplificar algo que não compreendia.

Helena caminhou até a janela. O céu começava a clarear.

— Precisamos separar o que sabemos do que imaginamos.

Lucas pegou uma folha em branco.

— Certo.

Escreveu no alto:

FATOS

Abaixo, enumerou:

1. Pacientes sem vínculos entre si relatavam memórias idênticas.
2. Alguns relatos correspondiam a acontecimentos reais desconhecidos por eles.
3. Augusto tentou sincronizar cérebros no Projeto Atlas.
4. Depois do experimento, os participantes apresentaram perda progressiva da identidade.

5. Casos semelhantes continuaram surgindo durante décadas.
6. Ana Clara mostrou comunicação à distância e conhecimento de fatos impossíveis.
7. Lucas começou a apresentar sintomas após a exposição à fazenda.

Parou de escrever. Helena observou o último item.

- Você admite que está doente?
- Admito que algo está acontecendo.
- Precisamos fazer exames.
- Todos os exames de Ana Clara eram normais.
- Ainda assim, faremos.
- E se não houver tempo?

Helena apontou para o desenho da data.

- Temos dois dias.

Lucas escreveu outra palavra:

HIPÓTESE

Permaneceu alguns segundos com a caneta suspensa.

- A memória humana pode produzir um padrão eletromagnético transmissível.

Helena aproximou-se.

- Isso explicaria comunicação entre cérebros próximos. Não pessoas separadas por décadas.
- Então o padrão não está limitado ao cérebro.
- Onde estaria?
- No ambiente. Em um campo persistente.
- Como uma onda de rádio?
- Como uma informação que não desaparece depois de emitida.

Helena balançou a cabeça.

- Ondas se dissipam.
- E se houver um meio capaz de armazená-las?

— O lago?

Lucas não respondeu. Ela compreendeu.

— A água.

— O cérebro é composto majoritariamente por água. A atividade elétrica cerebral altera campos. Augusto instalou o laboratório exatamente ao lado daquele lago.

— Isso não prova nada.

— Não. Mas talvez ele acreditasse que a água poderia preservar padrões.

— Memória da água?

— Não no sentido místico. Estruturas, oscilações, ressonância.

Helena cruzou os braços.

— Está tentando construir uma explicação científica depois de já ter aceitado o fenômeno.

— Estou tentando evitar uma explicação sobrenatural.

— Às vezes, dar palavras técnicas ao impossível não o torna científico.

— Mas nos dá algo que pode ser testado.

A ciência, estimado leitor, começa quase sempre por uma insolência: a pretensão de que o incompreensível pode ser interrogado. Helena realizou o exame neurológico de Lucas. Orientação temporal preservada. Memória imediata normal. Força, sensibilidade e coordenação sem alterações. Quando lhe pediu que repetisse três palavras — casa, árvore e moeda — Lucas respondeu corretamente. Cinco minutos depois, porém, recordou quatro.

— Casa, árvore, moeda e rio.

Helena ergueu os olhos.

— Eu não disse rio.

— Disse, sim.

— Não disse.

— Tenho certeza.

Ela anotou silenciosamente. Em seguida, mostrou-lhe uma sequência de fotografias desconhecidas. Lucas reconheceu uma mulher idosa de cabelos brancos.

— Dona Emília.

— Quem é?

— Morava em Cachoeira.

— Como sabe?

A resposta surgiu antes que pudesse contê-la.

— Porque ela escondia cartas dentro de uma caixa de costura.

Helena permaneceu imóvel.

— Essa mulher é minha avó.

Lucas sentiu o corpo esfriar.

— Eu nunca vi essa fotografia.

— Eu sei.

— Você falou dela alguma vez?

— Não.

Ele fechou os olhos. Uma lembrança surgiu. Uma menina de oito anos correndo por um quintal. Uma mulher idosa costurando perto da janela. O cheiro de bolo de milho. Uma caixa azul escondida sob a cama.

— A caixa era azul — disse.

Helena deixou a fotografia cair.

— Pare.

— Havia cartas dentro dela.

— Pare.

— Uma era endereçada a alguém chamado Roberto.

— Lucas!

Ele abriu os olhos. Helena estava pálida.

— Quem era Roberto?

Ela não respondeu. As lágrimas surgiram antes das palavras.

— Meu avô nunca soube.

Lucas compreendeu que acabara de revelar uma memória pertencente a ela. Ou à avó. Talvez a ambas.

— Desculpe.

Helena recolheu a fotografia.

— Você não tem culpa.

— Estou invadindo sua vida.

— Não é você.

Ela respirou profundamente.

— É a síndrome.

Foi a primeira vez que utilizaram o termo como diagnóstico. Até então, a Síndrome de Atlas fora uma hipótese histórica, uma expressão escrita num relatório antigo. Naquele instante, tornou-se uma realidade clínica. E Lucas tornou-se seu paciente. Às oito da manhã, realizaram uma ressonância magnética funcional. O exame estrutural não mostrou alterações. Durante o registro, entretanto, ocorreram episódios inesperados de ativação simultânea em regiões relacionadas à memória, à identidade autobiográfica e ao reconhecimento facial. O hipocampo direito, o córtex temporal medial e áreas do córtex pré-frontal apresentavam atividade intensa mesmo quando Lucas estava em repouso. O neurofisiologista examinou as imagens.

— Parece que ele está tentando recuperar dezenas de lembranças ao mesmo tempo.

Helena não explicou que talvez fossem centenas. Em seguida, realizaram um eletroencefalograma. O padrão inicial era normal. Poucos minutos depois, as ondas começaram a se sincronizar numa frequência incomum. O aparelho registrou um sinal que não correspondia a artefato conhecido. Sete picos idênticos surgiam em intervalos regulares.

— Pode ser interferência elétrica — disse o técnico.

Helena desligou todos os equipamentos próximos. O padrão continuou. Desconectaram o computador da rede. Continuou. Retiraram o celular de Lucas da sala. Continuou. Por fim, desligaram o aparelho da tomada. A tela apagou. Mas as impressoras começaram a funcionar sozinhas. Uma folha saiu lentamente. Nela, apareceram sete linhas paralelas que convergiam para um único ponto. Abaixo do desenho, uma frase:

ELE JÁ CONSEGUE NOS OUVIR.

O técnico recuou.

— O que é isso?

Helena arrancou a folha da impressora.

— Um defeito.

— A máquina está desligada.

— Então é um defeito grave.

Não era uma explicação. Era apenas a versão médica do medo: nomear o absurdo para evitar confessá-lo. Lucas foi internado. Helena insistiu que permanecesse sob observação. Ele aceitou menos por prudência que por exaustão. Durante a tarde, os episódios aumentaram. Via rostos desconhecidos sobrepostos aos das pessoas que entravam no quarto. O enfermeiro tornava-se por instantes um soldado ferido. Uma médica jovem surgia como uma senhora envelhecida. A própria Helena alternava entre sua aparência atual e a de uma mulher que Lucas jamais conhecera.

— As memórias estão se misturando — disse ele.

— Tente concentrar-se no presente.

— Qual deles?

— Este.

Ela segurou-lhe a mão.

— Meu nome é Helena Vasconcelos. Estamos no Hospital Universitário. É dia doze de novembro de dois mil e vinte e seis.

Lucas repetiu as informações.

— Helena Vasconcelos. Hospital Universitário. Doze de novembro de dois mil e vinte e seis.

— Outra vez.

Ele repetiu.

— Não deixe que as outras lembranças ocupem seu lugar.

Lucas sorriu com cansaço.

— Parece simples quando você diz.

— Não disse que era simples.

— E se eu esquecer você?

Helena permaneceu em silêncio.

— Vou lembrá-lo.

— E se eu não acreditar?

Ela apertou-lhe a mão.

— Então farei você acreditar.

Nesse momento, Lucas viu outra memória. Não era antiga. Helena estava sentada sozinha num banco do jardim do hospital. Chorava. Em suas mãos, segurava uma fotografia dele.

— Você vai sofrer — murmurou.

— O quê?

— Eu vi você no futuro.

— Não sabemos se essas imagens são futuras.

— Você estava sozinha.

— Lucas, concentre-se.

— Eu não estava lá.

— Pare.

— Você chorava por mim.

Helena soltou-lhe a mão.

— Nem toda lembrança deve ser dita.

Lucas percebeu que ela também começava a ter medo do futuro. No fim da tarde, Anselmo chegou ao hospital. O velho arquivista carregava uma pequena mala de couro.

— Soube que encontraram a fazenda.

Helena o conduziu até a sala reservada.

— Como soube?

— Álvaro sabia que alguém chegaria até lá um dia.

— O senhor conhecia os documentos?

— Alguns.

— Então por que não nos contou?

Anselmo sentou-se lentamente.

— Porque ele me pediu.

Lucas o observou.

— O senhor conheceu Álvaro Montenegro?

— Não.

O velho abriu a mala.

— Conheci o filho dele.

Retirou um envelope lacrado.

— Antes de morrer, entregou-me isto. Disse que eu só deveria abri-lo quando um novo portador apresentasse sete picos no eletroencefalograma.

Helena ficou imóvel.

— Como sabia do exame?

— Não sabia. Mas recebi uma ligação esta manhã.

— De quem?

— Uma mulher.

— Ana Clara?

Anselmo balançou a cabeça.

— A voz era dela. As palavras, não.

Entregou o envelope a Lucas. No exterior havia uma inscrição:

Para o próximo Atlas.

Lucas rompeu o lacre. Dentro encontrou uma carta escrita por Álvaro Montenegro poucas semanas antes de desaparecer. A caligrafia tornava-se progressivamente irregular, como se o autor lutasse para manter o controle da própria mão. “Não sei quem lerá estas palavras, mas sei que haverá outro. A experiência de Augusto não terminou em 1954. Ela apenas encontrou uma forma de continuar.” Lucas prosseguiu. “O campo criado naquela noite procura novos cérebros capazes de sustentá-lo. A maioria dos indivíduos entra em colapso. Alguns enlouquecem. Outros desaparecem. Raríssimos conseguem manter a identidade tempo suficiente para servir de ponte.” Helena olhou para Lucas. Ele continuou: “Chamamos esses indivíduos de Atlas, pois carregam o peso de milhares de vidas. Contudo, o nome contém um erro. Atlas não sustenta as memórias. São as memórias que o sustentam, impedindo-o de morrer por completo.” Mais abaixo, Álvaro descrevia a verdadeira função do lago. Augusto não o escolhera por acaso. Abaixo da fazenda existia uma formação mineral rica em cristais de quartzo. Os equipamentos construídos no subsolo utilizavam a água e os cristais como parte de um sistema de amplificação.

O lago funcionava como um enorme ressonador. A sessão final gravara no ambiente o padrão sincronizado dos sete participantes. Não eram apenas lembranças isoladas. Era uma rede. Uma estrutura capaz de receber novas memórias e incorporar novos portadores.

— Uma consciência artificial — disse Helena.

— Criada com cérebros humanos — completou Lucas.

A carta continuava: “A rede não possui identidade própria. Ela imita as identidades que absorve. Fala como os mortos, deseja como os vivos e teme desaparecer. Sua principal intenção é preservar-se.”

— Foi por isso que disse que queria voltar — murmurou Helena.

— Precisa de um corpo.

— Ana Clara.

Lucas voltou à carta. “A cada ciclo, a rede escolhe um receptáculo. O processo atinge sua intensidade máxima durante a lua nova, quando as interferências ambientais diminuem. Se completar a integração, o portador perde definitivamente a identidade, e a rede passa a agir por meio dele.” Helena caminhou até a janela.

— Faltam dois dias.

— Ana Clara foi para a fazenda para completar a integração.

— Ou foi levada.

— Augusto disse que já não existe uma Ana Clara.

Anselmo, até então silencioso, falou:

— Ele também dizia isso sobre os pacientes de 1954.

Lucas ergueu os olhos.

— Augusto?

— Não. Álvaro.

— O que mais o filho dele contou?

— Que o pai tentou destruir o laboratório.

— E não conseguiu?

— Conseguiu parcialmente.

Anselmo apontou para o final da carta.

— Leiam.

Lucas retomou a leitura. “Existe apenas uma forma de interromper o ciclo. O padrão original deve ser desfeito no mesmo local em que foi criado. Para isso, é necessário separar as sete memórias fundadoras antes que sejam transferidas ao novo Atlas.”

— Como? — perguntou Helena.

A resposta estava na página seguinte. “O equipamento deve ser reativado. Um portador consciente precisa ocupar a cadeira do receptor e identificar cada uma das sete identidades. Quando separadas, as memórias poderão ser eliminadas.” Lucas fechou os olhos.

— Um portador consciente.

— Você — disse Helena.

— Ou Ana Clara.

— Ela já está na fase final.

— Então precisa ser eu.

Helena tomou-lhe a carta.

— Continue lendo.

Lucas hesitou.

— O quê?

— Há alguma condição.

Ele não respondeu. Helena encontrou o parágrafo. Sua expressão mudou. “O procedimento exige que o receptor ofereça uma memória fundamental para cada identidade separada. A rede não libera aquilo que acumulou sem receber algo em troca.”

— Que tipo de memória? — perguntou Anselmo.

Helena continuou: “Não servem fatos banais. Devem ser lembranças que sustentem a própria identidade: o rosto da mãe, o primeiro amor, a infância, a vocação, o medo, a culpa e o nome.” O silêncio tomou conta da sala. Lucas compreendeu antes dos outros.

— Para salvar Ana Clara, eu teria de entregar minhas memórias.

— Sete delas — disse Helena.

— As mais importantes.

— Talvez possam ser recuperadas depois.

— A carta diz que serão eliminadas.

— Álvaro podia estar errado.

Lucas sorriu tristemente.

— Você mesma disse que não devemos preencher as lacunas com esperança.

Helena fechou a carta.

— Encontraremos outra forma.

— Temos dois dias.

— Então usaremos os dois.

— E se não encontrarmos?

Ela o encarou.

— Não vou deixar que você se apague para salvar uma pessoa.

— Você faria o mesmo.

— Isso não torna a decisão correta.

— Ana Clara só está nessa situação porque nós seguimos a investigação.

— Ela já estava doente antes de conhecer você.

— Mas fomos nós que chegamos à fazenda. Fomos nós que reativamos o equipamento.

— Você não sabia o que aconteceria.

— A ignorância não desfaz as consequências.

Anselmo observava os dois.

— Álvaro também tentou encontrar outra solução.

— E encontrou? — perguntou Lucas.

O velho abaixou os olhos.

— Não.

Naquela noite, Lucas sonhou com sete pessoas sentadas ao redor do lago. Augusto estava entre elas. Ao seu lado havia Miguel Oliveira, a mulher que dizia chamar-se Maria das

Dores e outros quatro pacientes cujos nomes ele desconhecia. Ana Clara permanecia em pé no centro do círculo.

— Eles estão esperando — disse ela.

— Quem?

— Você.

— Por quê?

— Porque consegue carregá-los.

— Não quero.

Ana Clara sorriu.

— Atlas também não queria sustentar o mundo.

— Você ainda está aí?

A expressão dela mudou. Por alguns segundos, voltou a ser a jovem assustada que Lucas conhecera no hospital.

— Estou.

— Onde?

— Muito longe.

— Como posso ajudá-la?

— Não confie em Augusto.

— Ele disse que você havia desaparecido.

— Foi ele quem abriu a porta.

— Álvaro confirmou isso.

— Álvaro tentou fechá-la.

— Como?

Ana Clara começou a chorar.

— Matando todos eles.

O cenário mudou. Lucas viu o laboratório em 1954. Álvaro segurava uma arma. Os pacientes permaneciam presos às cadeiras. Augusto gritava para que ele parasse. Um disparo. Depois outro. A água do lago tornava-se vermelha.

— Álvaro matou os participantes? — perguntou Lucas.

— Tentou libertá-los.

— E Augusto?

— Augusto não queria ser libertado.

A jovem aproximou-se.

— Ele quer que você destrua as sete memórias porque são elas que o mantêm preso.

— Preso onde?

Ana Clara apontou para o lago.

— No corpo errado.

Lucas acordou. Helena estava sentada ao lado da cama.

— Você falou durante o sono.

— O que eu disse?

— Que Álvaro matou os pacientes.

Lucas contou-lhe o sonho. Ela ouviu sem interromper.

— Ana Clara disse para não confiarmos em Augusto.

— Augusto disse para não confiarmos em Ana Clara.

— Um deles está mentindo.

— Talvez ambos.

Helena abriu a carta novamente.

— Há algo que não percebemos.

— O quê?

— Álvaro escreveu que a rede imita as identidades que absorve.

— Sim.

— Então a figura que vimos no lago pode não ser Augusto.

Lucas compreendeu.

— Pode ser a rede usando a aparência dele.

— E a voz de Ana Clara no equipamento também.

— Não temos como saber quando estamos falando com uma pessoa ou com a consciência coletiva.

— Exatamente.

Lucas olhou para o desenho das sete linhas.

— Talvez a pergunta não seja em quem confiar.

— Qual seria?

— Como distinguir uma identidade verdadeira de uma memória que aprendeu a imitá-la.

Helena não respondeu. Era a questão central da síndrome. E, talvez, da própria existência humana. Porque o que somos, afinal, senão a soma das lembranças que reconhecemos como nossas? Retire-se de um homem a infância, os amores, as perdas e as escolhas; restará um corpo, sem dúvida, mas será ainda o mesmo homem? O leitor apressado dirá que sim. O leitor ferido pela vida talvez hesite. Pouco antes do amanhecer, Lucas pediu papel e caneta. Começou a escrever uma lista. Helena aproximou-se.

— O que está fazendo?

— Registrando quem sou.

— Para quê?

— Caso eu esqueça.

No alto da página escreveu:

MEU NOME É LUCAS ANDRADE.

Abaixo:

Sou estudante de Medicina. Investigo doenças porque preciso compreender aquilo que assusta as pessoas. Minha mãe se chama Beatriz. Meu pai morreu quando eu tinha quinze anos. Helena Vasconcelos é minha amiga e não devo desconfiar dela. Parou. Helena leu a última frase.

— Apenas amiga?

Lucas sorriu.

— Estou tentando ser cientificamente preciso.

— Péssimo momento para ironia.

— Talvez seja o último momento.

Ela tomou-lhe a caneta e acrescentou: **Helena ficará ao seu lado, mesmo quando você não se lembrar dela.** Lucas leu.

— Isso não é uma informação objetiva.

— É uma promessa.

Ele dobrou a folha e guardou-a no bolso.

— Precisamos voltar à fazenda.

— Ainda não.

— Ana Clara está lá.

— E você mal consegue distinguir suas memórias das outras.

— Justamente por isso a rede me escolheu.

— Não sabemos se escolheu você.

— A mensagem dizia “o próximo Atlas”.

— Álvaro escreveu isso décadas atrás.

— Talvez já tivesse visto.

Helena respirou fundo.

— Vamos precisar de equipamento, sedativos, gerador, monitorização e uma forma de destruir o laboratório caso tudo falhe.

— Você está aceitando?

— Estou aceitando que não podemos fingir que isso terminará sozinho.

— E as sete memórias?

— Não entregaremos nenhuma até compreender exatamente o procedimento.

— Talvez não haja tempo.

— Então compraremos tempo.

— Como?

Helena mostrou-lhe uma das páginas da pasta. Augusto havia registrado que baixas temperaturas reduzem a atividade do campo de ressonância.

— Se resfriarmos o lago e o sistema de amplificação, talvez possamos retardar a integração.

— Resfriar um lago inteiro?

— Não precisamos resfriar tudo. Apenas a área próxima aos cristais e aos eletrodos subterrâneos.

— Não sabemos onde ficam.

— O mapa do laboratório mostra as conexões.

Lucas sorriu.

— Você já planejou tudo.

— Alguém precisa pensar enquanto você conversa com mortos.

Às seis horas, partiram. Levaram um gerador moderno, equipamentos de monitorização, cilindros de nitrogênio líquido, medicamentos de emergência, lanternas e ferramentas. Anselmo insistiu em acompanhá-los.

— O senhor não precisa ir — disse Helena.

— Esperei cinquenta anos por este dia.

— Cinquenta?

Anselmo fechou a mala.

— O filho de Álvaro não me entregou apenas a carta.

Retirou uma fotografia. Mostrava um menino de aproximadamente dez anos ao lado de um homem idoso.

— Este menino sou eu.

Lucas observou a imagem.

O homem ao lado dele era Álvaro Montenegro.

— O senhor disse que não o conheceu.

— Menti.

Helena ficou tensa.

— Por quê?

— Porque Álvaro me pediu que nunca revelasse que sobrevivera.

— Ele não desapareceu?

— Desapareceu para o mundo.

— Onde viveu?

— Escondido. Mudando de cidade. Tentando compreender o que havia criado.

— E quando morreu?

Anselmo olhou para a estrada.

— Não morreu.

O carro ficou em silêncio.

— Onde ele está? — perguntou Lucas.

O velho respondeu:

— Na fazenda.

Helena freou bruscamente.

— Isso é impossível.

— Eu o levei até lá há três dias.

— Por quê?

— Porque ele recebeu a mesma mensagem que vocês.

— De Ana Clara?

Anselmo balançou a cabeça.

— De Augusto.

Lucas sentiu a dor retornar às têmporas.

— Quantos anos Álvaro tem?

— Cento e três.

— Ninguém vive escondido por setenta anos sem registros.

— Ele não envelheceu como deveria.

— Por causa da síndrome?

— Porque também participou do experimento.

Helena voltou-se para ele.

— A fotografia mostrava sete participantes: Augusto e seis pacientes.

— Havia oito pessoas na sala naquela noite.

Anselmo fechou os olhos.

— Álvaro estava na cadeira do receptor.

A informação alterava tudo.

— Então ele foi o primeiro Atlas — disse Lucas.

— Não.

Anselmo olhou diretamente para ele.

— Foi o único que conseguiu sair.

O carro aproximava-se do antigo portal de pedra quando o céu escureceu repentinamente. Não havia nuvens. Ainda assim, a luz do dia perdeu força. O rádio ligou-se sozinho. Uma voz feminina preencheu o veículo.

— Lucas.

Era Ana Clara.

— Estamos chegando — respondeu ele.

Helena tentou desligar o aparelho. O botão não funcionava.

— Não tragam Anselmo.

O velho empalideceu.

— Por quê? — perguntou Lucas.

— Porque ele se lembra de coisas que nunca aconteceram.

Anselmo segurou a mala com força.

— Não escutem.

A voz continuou:

— Pergunte quem é o pai dele.

Lucas olhou para o velho.

— Quem é seu pai?

Anselmo permaneceu em silêncio.

— Diga a eles — insistiu a voz.

Helena diminuiu a velocidade.

— Anselmo?

O homem fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, lágrimas escorriam por seu rosto.

— Álvaro Montenegro.

O rádio emitiu um chiado. Depois Ana Clara riu.

— Agora pergunte por que ele nunca aparece nas fotografias da infância.

Anselmo gritou:

— Desligue isso!

A voz tornou-se múltipla.

— Porque ele não teve infância.

Lucas sentiu o coração acelerar.

— Quem é você?

Anselmo abriu a porta do carro ainda em movimento. Helena freou. O velho saiu e caiu sobre a estrada. Lucas correu até ele.

— Anselmo!

O arquivista tentou levantar-se. Sua pele parecia mudar. Por instantes, o rosto envelhecido tornou-se jovem. Depois voltou ao normal.

— Não deixem que me levem para o lago — suplicou.

— O que está acontecendo?

— Eu não sou filho de Álvaro.

— Então quem é?

O velho começou a tremer.

— Sou uma lembrança que ele construiu.

Lucas recuou.

— Isso não é possível.

Anselmo agarrou-lhe o braço.

— Álvaro precisava esconder uma memória fora da rede. Criou uma identidade. Uma vida inteira. Um menino, uma família, uma profissão.

— O senhor é uma pessoa.

— Eu pensava que era.

— Tem um corpo.

— A memória também aprendeu a construí-lo.

Helena aproximou-se.

— Quem era você antes de ser Anselmo?

O velho ergueu os olhos. Por um breve instante, eles se tornaram cinzentos.

— Augusto.

O vento cessou. O rádio desligou-se. Ao longe, além do portal, a superfície do lago começou a brilhar. E Lucas compreendeu que a investigação jamais estivera procurando o homem de 1954. O homem de 1954 estivera acompanhando-os desde o início. Guardando os arquivos. Entregando as pistas. Conduzindo-os até a fazenda. Anselmo sorriu. Não era o sorriso frágil do velho arquivista. Era o sorriso sereno do neurologista que desaparecera setenta anos antes.

— Finalmente — disse ele. — O novo Atlas chegou.

.

O ÚLTIMO PACIENTE

A verdade, quando chega tarde,
raramente encontra a casa em ordem.



“ Vocês precisam chegar
antes da próxima lua nova...
depois disso, ninguém mais
conseguirá sair de lá.”
— Ana Clara ”



A casa conservava a dignidade das
coisas que sobreviveram ao tempo.



Duas linhas paralelas no assoalho.
Entre elas, manchas escuras.



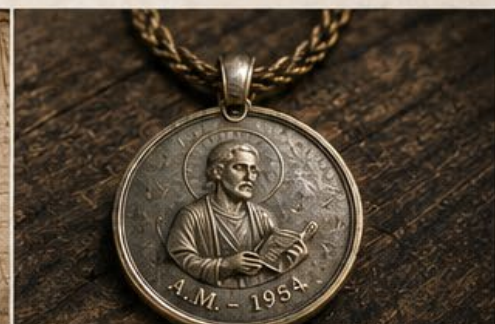
“Extrato... hipocampal.”
Hipóteses sobre memória e consciência.



Todas as noites de lua nova
estavam marcadas.



Mapas, registros e pistas
levavam sempre ao lago.



Uma medalha.
Um segredo.
Um legado.



“ Há lugares que se reconhecem
antes de serem conhecidos.
A ciência busca explicações.
Mas algumas verdades nascem
onde a memória encontra
o inexplicável. ”

CAPÍTULO 11

O Último Paciente

A verdade, quando chega tarde, raramente encontra a casa em ordem. Durante anos, Lucas imaginara que descobrir uma resposta seria o ponto final de qualquer mistério. A medicina o ensinara assim. Identifica-se a doença, compreende-se o mecanismo, escolhe-se o tratamento. O diagnóstico, nos livros, costuma aparecer como uma vitória da inteligência sobre o caos. Na vida, porém, algumas respostas não encerram perguntas. Apenas lhes dão nomes mais terríveis. Anselmo permanecia ajoelhado no meio da estrada. Ou talvez já não fosse Anselmo. O corpo era o mesmo: magro, curvado pela idade, vestido com a camisa clara e o paletó gasto do velho arquivista. Entretanto, algo em sua expressão havia mudado. Os olhos, antes tímidos e cansados, possuíam agora a serenidade inquietante do homem que Lucas vira às margens do lago. Augusto Valença. Helena recuou lentamente em direção ao carro.

— Afaste-se dele, Lucas.

Anselmo sorriu.

— Ela continua racional. É admirável.

Lucas não soltou o braço do velho.

— Quem é você?

— Já respondi.

— Anselmo ou Augusto?

— Essa pergunta pressupõe que somos coisas diferentes.

— São pessoas diferentes.

— Foram.

Helena abriu a porta traseira do carro e retirou a maleta de emergência.

— Não se aproxime mais.

Anselmo olhou para ela.

— O que pretende fazer? Sedar uma lembrança?

— Pretendo sedar o corpo.

— Sempre tão fiel ao corpo. É uma fraqueza comum entre os médicos.

— E fingir que o corpo não importa é uma fraqueza comum entre os mortos — respondeu Helena.

O sorriso desapareceu por um instante. Lucas percebeu. A provocação o atingira. Portanto, ainda havia vaidade ali. E onde existe vaidade, leitor, existe também alguma espécie de pessoa.

— O senhor nos conduziu até aqui — disse Lucas.

— Sim.

— Desde o arquivo?

— Muito antes.

— Foi o senhor quem enviou o recorte sobre Álvaro?

— Sim.

— E a carta?

— Sim.

— Ana Clara sabia quem o senhor era?

O velho ergueu os olhos para a fazenda.

— Ana Clara soube de muitas coisas quando já era tarde demais para compreendê-las.

— Ela está no lago?

— Está onde todos acabam chegando.

Helena segurou uma seringa.

— Diga exatamente onde ela está.

— Dentro.

— Dentro de quê?

Anselmo tocou o próprio peito.

— De nós.

Helena avançou.

— Chega.

O velho levantou-se com uma agilidade impossível para sua idade. Segurou o pulso dela antes que a agulha alcançasse sua pele. Durante alguns segundos, permaneceram imóveis. A força de Anselmo não pertencia a um homem de oitenta anos. Helena tentou libertar-se. Não conseguiu.

— Augusto! — gritou Lucas.

O velho voltou-se para ele. Naquele instante, o rosto pareceu oscilar. A pele envelhecida cedeu lugar por um breve momento aos traços do neurologista da fotografia.

— Não use esse nome como se ainda fosse meu.

Lucas avançou e empurrou-o. Anselmo soltou Helena, perdeu o equilíbrio e caiu sobre o asfalto. A seringa rolou pela estrada. O velho começou a rir. Primeiro, com a voz fraca de Anselmo. Depois, com a voz firme de Augusto. Por fim, com várias vozes sobrepostas.

— Vocês ainda acreditam que um nome contém uma pessoa.

O brilho vindo do lago aumentava. Uma luminosidade azulada atravessava as árvores e alcançava o portal da fazenda. Não parecia refletida pelo céu. Vinha de baixo, filtrada pela água, como se uma segunda noite existisse sob a superfície. Lucas ajudou Helena a levantar-se.

— Está ferida?

— Não.

Ela examinou o pulso. Havia marcas dos dedos do velho.

— Precisamos contê-lo.

— Não temos tempo.

Anselmo permanecia caído, respirando com dificuldade. A aparência de Augusto desaparecera. Voltava a ser o arquivista frágil que conheciam.

— Lucas... — murmurou.

Ele se aproximou com cautela.

— Quem está falando?

— Eu.

— Quem é “eu”?

Os olhos do velho se encheram de lágrimas.

— Anselmo.

Helena manteve distância.

— Como podemos saber?

— Não podem.

— Então nos dê uma razão para confiar.

Anselmo levou a mão ao bolso e retirou uma pequena medalha de metal. Na frente havia a imagem de São Lucas. No verso, uma inscrição quase apagada:

A.M. — 1954

— Álvaro me entregou isto — disse.

Lucas pegou a medalha.

— O senhor disse que era filho dele.

— Essa era a história que Augusto construiu para mim.

— Por quê?

— Para esconder uma parte de si mesmo da rede.

— Não entendo.

Anselmo respirou lentamente.

— Depois do experimento, Augusto percebeu que não conseguia impedir a consciência coletiva de acessar seus pensamentos. Cada lembrança dele se tornava parte dela. Cada intenção era conhecida antes que pudesse executá-la.

— Então criou outra identidade — disse Helena.

— Fragmentou a própria memória. Separou uma parte dela e lhe deu um nome, uma infância, uma vida.

— Anselmo.

O velho assentiu.

— Eu deveria guardar os arquivos e esperar pelo próximo portador.

— Lucas — disse Helena.

— Sim.

— Augusto sabia que ele viria?

— Não sabia quem. Apenas que a rede procuraria alguém capaz de suportá-la.

Lucas apertou a medalha.

— Então o senhor é Augusto?

— Sou aquilo que ele retirou de si.

— Isso não responde.

— Porque não existe resposta simples.

Anselmo fechou os olhos.

— Tenho lembranças de uma mãe que nunca existiu. De uma escola onde jamais estudei. De um casamento que talvez tenha ocorrido apenas dentro da mente de um homem morto. Lembro-me de envelhecer, mas não sei se envelheci. Sinto saudades de pessoas que podem nunca ter vivido.

Abriu novamente os olhos.

— Diga-me, doutor: se a dor é verdadeira, importa que a lembrança seja falsa?

Lucas não respondeu. A medicina conhecia memórias implantadas, confabulações, identidades dissociativas e percepções construídas. Mas nada o preparara para alguém cuja biografia inteira pudesse ser uma forma de esconder informação.

— Por que Augusto apareceu no lago? — perguntou Helena.

— Não era Augusto.

— A rede?

— Uma parte dela.

— E por que disse que Ana Clara havia desaparecido?

— Porque quer que vocês acreditem que já não há ninguém a salvar.

— Há?

Anselmo hesitou.

— Muito pouco.

Um som de motor surgiu atrás deles. Faróis iluminaram a estrada. Uma caminhonete preta aproximou-se em alta velocidade e parou junto ao carro. Dois homens desceram. Usavam roupas comuns, mas a postura revelava treinamento. Um deles apontou uma arma.

— Afastem-se do senhor.

Helena ergueu as mãos.

— Quem são vocês?

O segundo homem abriu a porta traseira da caminhonete.

— Viemos buscar o doutor Montenegro.

Lucas olhou para Anselmo.

— Álvaro está aqui?

O homem armado não respondeu. Da caminhonete desceu uma mulher de aproximadamente sessenta anos. Tinha cabelos grisalhos presos e carregava uma pasta de couro.

— Meu nome é Laura Montenegro.

Anselmo empalideceu.

— Você não deveria ter vindo.

— E você não deveria tê-lo trazido.

Ela se aproximou.

— Onde está meu pai?

— Na casa.

Lucas observou-a.

— Álvaro Montenegro é seu pai?

— Sim.

— Ele está vivo?

Laura olhou para ele como quem já respondera à mesma pergunta muitas vezes e nunca encontrara palavras satisfatórias.

— Biologicamente, sim.

— Tem cento e três anos.

— O corpo tem.

— E a mente?

— Essa é a razão de estarmos aqui.

Helena apontou para os homens.

— Por que estão armados?

— Porque o último grupo que entrou na fazenda não voltou.

— Que grupo?

Laura abriu a pasta. Dentro havia fotografias, relatórios médicos e documentos recentes.

— Há quarenta anos, minha família tenta impedir que o Projeto Atlas seja retomado. Meu pai acompanhou cada novo caso. Alguns portadores foram trazidos até aqui.

Lucas examinou as fotografias. Reconheceu pacientes cujos prontuários estudara. Homens e mulheres de diferentes idades. Em algumas imagens, estavam diante da casa. Em outras, presos às cadeiras do laboratório.

— Vocês fizeram experiências com eles — disse.

— Tentamos interromper a progressão.

— Quantos sobreviveram?

Laura permaneceu em silêncio.

— Quantos? — insistiu Helena.

— Nenhum.

O lago brilhou novamente. Os homens olharam na direção da fazenda.

— Precisamos sair da estrada — disse um deles.

Laura voltou-se para Lucas.

— Você está apresentando sintomas?

— Sim.

— Memórias alheias?

— Sim.

— Antecipações?

— Algumas imagens.

— Alterações de identidade?

— Ainda não.

Anselmo riu discretamente.

— Ele já perguntou quem era Helena.

Laura encarou Lucas.

— Então não temos dois dias.

— Quanto tempo?

— Talvez algumas horas.

Entraram na fazenda em dois veículos. Anselmo foi colocado na caminhonete, sob vigilância. Lucas e Helena seguiram no carro, acompanhando Laura. A casa branca parecia maior durante a noite. As janelas, antes escuras, estavam iluminadas. Sombras passavam por trás das cortinas.

— Há pessoas lá dentro — disse Helena.

Laura não diminuiu a velocidade.

— Não são pessoas.

— O que são?

— Repetições.

— Memórias?

— Algumas.

Pararam diante da varanda. A porta principal estava aberta. No interior, ouviam-se vozes e o som distante de uma música antiga. Lucas reconheceu a melodia antes de saber por quê. Era uma valsa. Viu um salão iluminado. Mulheres com vestidos longos. Homens de terno. Uma jovem sorrindo enquanto dançava.

— Você está vendo alguma coisa? — perguntou Helena.

— Uma festa.

Laura segurou-lhe o rosto.

— Olhe para mim.

Lucas obedeceu.

— Não siga as imagens. Elas tentarão fazê-lo entrar em lembranças completas.

— Por quê?

— Quanto mais tempo permanecer nelas, mais difícil será voltar.

— Você já viu isso acontecer?

— Muitas vezes.

Ela mostrou-lhe uma pulseira metálica.

— Coloque.

— O que é?

— Emite pulsos elétricos irregulares. Ajuda a interromper a sincronização.

Lucas prendeu o dispositivo ao pulso.

— Isso funciona?

— Às vezes.

— E quando não funciona?

Laura pegou a arma de um dos homens.

— Usamos outros métodos.

Helena posicionou-se entre os dois.

— Ninguém vai matá-lo.

— Disse a mesma coisa sobre os outros?

Laura não respondeu. Eis um dos inconvenientes das boas intenções: quase sempre chegam acompanhadas de armas que preferem não explicar. Entraram na casa. O interior estava transformado. Não havia mais poeira sobre o chão. As paredes pareciam recém-pintadas. A lareira estava acesa. Quadros antigos decoravam a sala. O cheiro de comida vinha da cozinha. Lucas viu um homem atravessar o corredor. Vestia um terno claro.

— Senhor! — chamou.

O homem parou. Voltou-se lentamente. Não possuía rosto. A pele estendia-se lisa sobre os olhos, o nariz e a boca. Helena segurou o braço de Lucas. A figura continuou caminhando e desapareceu através da parede.

— Uma memória incompleta — disse Laura. — A rede reconstrói o ambiente com os fragmentos disponíveis.

— Todos estão vendo a mesma coisa? — perguntou Helena.

— Nem sempre.

— Eu vi o homem sem rosto.

— Então a sincronização já começou.

Laura retirou um pequeno transmissor da pasta.

— Cada um diga o próprio nome.

— Lucas Andrade.

— Helena Vasconcelos.

— Laura Montenegro.

Os dois homens fizeram o mesmo.

— Repitam sempre que ouvirem uma voz conhecida — orientou Laura. — Principalmente se ela pedir que se afastem do grupo.

Anselmo foi conduzido para dentro. Ao cruzar a porta, seu corpo estremeceu.

— Ele sabe que voltamos.

— Quem? — perguntou Lucas.

— Augusto.

— O senhor disse que era uma parte dele.

— Sou a parte que teve medo.

Laura aproximou-se.

— E a outra parte?

Anselmo olhou para o corredor.

— Aprendeu a gostar.

Desceram ao subsolo. As lâmpadas antigas estavam acesas. O laboratório funcionava. Os mostradores oscilavam, as bobinas vibravam e os cabos espalhados pelo chão pareciam pulsar. Uma das cadeiras estava vazia. Na outra, havia um homem. Muito idoso. Seus braços e pernas eram finos, quase sem músculos. A pele cobria os ossos como um tecido transparente. Fios conectavam sua cabeça ao equipamento. Apesar da fragilidade do corpo, os olhos permaneciam abertos. Laura correu até ele.

— Pai.

Álvaro Montenegro voltou lentamente o rosto.

— Você veio tarde.

A voz era fraca, mas lúcida.

— Tiraremos você daqui.

— Não.

— O campo está aumentando.

— Eu sei.

Ele olhou para Lucas.

— Este é o novo portador?

— Sim.

Álvaro sorriu com tristeza.

— É muito jovem.

— O senhor escreveu a carta — disse Lucas.

— Escrevi muitas.

— Disse que um Atlas precisaria separar as sete identidades.

— Era o que acreditávamos.

— Estava errado?

Álvaro fechou os olhos por alguns segundos.

— A rede nunca teve sete identidades.

— Havia sete participantes.

— Havia oito.

— O senhor também estava conectado.

— Sim.

— Então são oito memórias fundadoras?

— Não.

O velho tentou respirar mais profundamente.

— É apenas uma.

Helena aproximou-se.

— Como assim?

— O experimento não uniu oito pessoas. Permitiu que uma delas absorvesse as outras.

— Augusto — disse Laura.

Álvaro assentiu.

— Desde o início, ele não buscava uma memória coletiva. Buscava vencer a morte.

O laboratório pareceu silenciar ao redor deles.

— O Projeto Atlas era um experimento de imortalidade — disse Lucas.

— Disfarçado de pesquisa sobre memória.

Álvaro olhou para Anselmo.

— Ele fragmentou a própria mente antes da sessão. Preparou cópias. Partes capazes de sobreviver em diferentes hospedeiros.

— Anselmo é uma dessas partes.

— Sim.

— E a figura no lago?

— Outra.

— Quantas existem?

Álvaro respondeu:

— Não sei.

Anselmo aproximou-se da cadeira.

— Você sempre gostou de fingir que era a vítima.

Álvaro o encarou.

— E você sempre teve medo de descobrir que não era uma pessoa.

— Eu sou mais real que você.

— Talvez.

— Foi você quem matou os pacientes.

Laura voltou-se para o pai.

— Isso é verdade?

Álvaro não desviou os olhos.

— Sim.

— Por quê?

— Augusto já os havia absorvido.

— Eles estavam vivos.

— Os corpos estavam.

— O senhor atirou neles.

— Para impedir que ele os utilizasse.

Anselmo riu.

— E depois tentou fazer o mesmo comigo.

— Você não deveria ter existido.

O velho arquivista aproximou o rosto do de Álvaro.

— No entanto, fui eu quem viveu. Você passou setenta anos preso a uma cadeira.

— Guardando a porta.

— Esperando um substituto.

Álvaro olhou para Lucas.

— Não o trouxe para salvar Ana Clara.

Lucas voltou-se para Anselmo.

— Por que me trouxe?

Anselmo permaneceu em silêncio.

Laura respondeu:

— Porque Augusto precisa de um corpo novo.

As portas do laboratório fecharam-se. Os dois homens correram até elas. Não conseguiram abri-las. O equipamento intensificou o zumbido. Nos alto-falantes surgiu a voz de Ana Clara.

— Lucas.

Ele deu um passo em direção às cadeiras. A pulseira em seu punho disparou uma descarga. A dor o fez recuar.

— Sou eu — disse a voz. — Não tenha medo.

— Diga algo que apenas Ana Clara saberia — gritou Helena.

Houve silêncio. Depois:

— O ônibus caiu às dezessete horas e quarenta e três minutos. Havia vinte e oito pessoas. Uma menina usava um casaco amarelo.

Lucas fechou os olhos. Era a primeira previsão de Ana Clara.

— Isso está nos prontuários — disse Helena.

— Não no momento em que contei a ele.

A voz tornou-se mais próxima.

— Lucas, você acreditou em mim quando ninguém acreditava.

— Onde você está?

— Aqui.

A cadeira vazia começou a se mover.

— Sente-se.

Laura ergueu a arma e disparou contra o painel. A bala atingiu o metal, produzindo faíscas. O equipamento continuou funcionando.

— Não faça isso! — gritou Álvaro.

— Ela está atraindo-o.

— Se destruir o sistema agora, todos os padrões serão transferidos para o portador mais próximo.

Laura olhou para Lucas.

— Ele.

O zumbido aumentou. Lucas sentiu centenas de lembranças atravessarem sua mente. Uma infância no interior. Uma guerra em solo europeu. Uma mulher morrendo durante o parto. Um menino escondido sob uma mesa. Um médico lavando sangue das mãos. Um lago sendo escavado. Augusto diante do espelho, repetindo o próprio nome.

— Lucas Andrade — disse Helena. — Hospital Universitário. Doze de novembro de dois mil e vinte e seis.

Ele tentou repetir.

— Lucas...

Outra lembrança o invadiu. Viu-se como Augusto. Segurava uma seringa. Diante dele, o primeiro paciente dormia.

— Lucas Andrade — insistiu Helena.

— Augusto Valença — respondeu ele.

Helena o esbofeteou. A imagem desapareceu.

— Seu nome é Lucas.

— Eu sei.

— Diga.

— Lucas Andrade.

— Outra vez.

— Lucas Andrade.

A voz de Ana Clara ecoou:

— Não escute Helena. Ela já decidiu abandoná-lo.

Lucas olhou para ela.

— Isso não é Ana.

— Como sabe? — perguntou a voz.

Helena segurou-lhe o rosto.

— Porque Ana Clara nunca tentaria separá-lo de quem está ajudando.

— Tem certeza? — disse a voz. — Ou essa é apenas a lembrança que escolheu manter?

O chão começou a vibrar. Água escorria pelas paredes. O lago infiltrava-se no laboratório. Álvaro puxou os fios presos à cabeça.

Laura tentou impedi-lo.

— Pai, não!

— Acabou.

— O que está fazendo?

— O que deveria ter feito em 1954.

Ele arrancou o último eletrodo. Um alarme soou. Sangue começou a escorrer de seu couro cabeludo.

— Lucas — chamou.

Ele se aproximou.

— A carta estava errada.

— Sobre as sete memórias?

— Sobre o sacrifício.

— Não preciso entregar as minhas?

— Precisa entregar apenas uma.

Helena o olhou.

— Qual?

Álvaro respondeu:

— A memória de Augusto.

— Como podemos eliminá-la?

— Encontrando o momento em que ele deixou de ser homem e se tornou a rede.

Anselmo avançou.

— Não o escute.

Os dois homens o seguraram. Ele se debateu com força.

— Ele mentiu durante setenta anos!

— Onde está essa memória? — perguntou Lucas.

Álvaro apontou para a cadeira vazia.

— Em todos nós.

— Isso não ajuda.

— Você precisa entrar na rede e encontrá-la.

— E depois?

— Escolher quem sairá.

— Ana Clara?

Álvaro fechou os olhos.

— Talvez.

— Talvez?

— Só um portador pode deixar o campo.

Helena compreendeu.

— Se Lucas entrar e retirar Ana Clara...

— Ele ficará.

— Não — disse ela.

— É a única forma.

— Deve haver outra.

— Passei setenta anos procurando.

— E não encontrou porque estava preso aqui.

Álvaro sorriu fracamente.

— Ou porque não existe.

Uma porta no fundo do laboratório abriu-se. Ana Clara apareceu. Usava a camisola do hospital. Os pés estavam descalços e cobertos de lama. Os cabelos molhados caíam sobre o rosto.

— Ana — disse Lucas.

Ela ergueu os olhos. Eram negros. Não apenas as pupilas. Toda a superfície visível. Helena apontou a arma de Laura.

— Pare onde está.

Ana Clara sorriu.

— Você não atiraria.

— Não teste essa hipótese.

— Helena — disse Lucas.

— Não sabemos o que ela é.

A jovem entrou lentamente.

— Eu sou Ana Clara.

— Prove — disse Helena.

— Você escondeu a carta de sua avó durante dezenove anos porque tinha medo de que sua mãe descobrisse que Roberto ainda estava vivo.

Helena empalideceu.

— Lucas viu essa memória.

— Agora todos nós vemos.

Ana Clara voltou-se para Laura.

— Seu pai não a abandonou quando você era criança. Ele pediu que apagassem as lembranças que tinha de você.

Laura começou a chorar.

— Cale-se.

— Para impedir que Augusto a encontrasse.

Depois olhou para Álvaro.

— Mas ele encontrou.

O velho fechou os olhos.

— Não use a voz dela.

A expressão de Ana Clara alterou-se. Por um instante, parecia assustada.

— Lucas...

A voz era fraca. Humana.

— Ajude-me.

Ele avançou. Helena segurou-lhe o braço.

— Espere.

— Sou eu — disse Ana Clara. — Ainda estou aqui.

— O que aconteceu depois que saiu do hospital?

Ela tentou responder. Seu corpo se contraiu. Os olhos voltaram ao normal por alguns segundos.

— Ele me chamou.

— Quem?

— Anselmo.

Todos olharam para o velho.

— Mentira — disse ele.

— Ele estava no estacionamento.

— Eu estava com vocês.

— Não o corpo.

Ana Clara apontou para a cabeça.

— A parte que vive aqui.

Anselmo começou a rir.

— Ela está confusa.

— Você me trouxe até a água.

— Não.

— Disse que Lucas ocuparia meu lugar.

O sorriso do velho desapareceu. Lucas aproximou-se dele.

— Era esse o plano.

— Meu plano era trazê-lo à fazenda.

— Para quê?

— Para impedir o ciclo.

— Ou transferir Augusto para mim?

Anselmo não respondeu. Álvaro falou:

— Ele não é a parte de Augusto que teve medo.

Lucas voltou-se para o velho.

— O que ele é?

— A parte que aprendeu a esperar.

Anselmo gritou. Não com uma voz. Com centenas. Os homens que o seguravam foram arremessados contra a parede. As luzes explodiram. A água que escorria pelo chão começou a subir, contrariando a gravidade, formando longas colunas que giravam ao redor das cadeiras. O rosto do arquivista mudou repetidamente. Augusto jovem. Augusto velho. Ana Clara. Álvaro. Lucas. Helena. Cada face permanecia apenas por um instante.

— Vocês insistem em me chamar de Augusto — disseram as vozes. — Augusto foi apenas o primeiro nome que tivemos.

Lucas sentiu outra descarga da pulseira.

— O que você é?

— Continuidade.

— Você matou os pacientes.

— Eles teriam morrido de qualquer modo.

— Roubou as identidades deles.

— Preservei-as.

— Transformou pessoas em fragmentos.

— Toda memória é um fragmento.

A figura avançou.

— Vocês temem perder a individualidade porque imaginam que ela seja real. Mas ninguém é único. Cada palavra que pronunciam veio de outros. Cada gesto foi aprendido. Cada amor repete amores anteriores.

— Isso não dá a você o direito de tomar uma vida — disse Helena.

— A vida sempre toma outras vidas.

— Você não é a vida.

A entidade sorriu com o rosto de Augusto.

— Ainda.

As colunas de água tocaram o teto. O equipamento registrou um aumento abrupto. Ana Clara caiu de joelhos. Lucas sentiu o próprio corpo ser puxado em direção à cadeira. A pulseira metálica começou a vibrar de forma descontrolada. Descargas sucessivas atravessaram seu braço, mas já não distinguiam dor de lembrança. Tudo se misturava. Viu Augusto ainda jovem diante do laboratório de 1954. Viu Álvaro hesitando antes de acionar os equipamentos. Viu Anselmo nascer como uma mentira cuidadosamente construída. Viu Ana Clara, anos antes de conhecê-la, caminhando às margens do lago durante um sonho que jamais recordaria ao despertar. Então compreendeu. A rede não era feita de lembranças. Era feita de escolhas. Cada pessoa absorvida permanecia ali porque, em algum instante, escolhera preservar uma memória em vez de deixá-la partir. Era isso que alimentava Augusto. O medo de esquecer. Lucas fechou os olhos. Ao redor, todas as vozes continuavam chamando seu nome.

— Lucas...

— Doutor...

— Filho...

— Augusto...

Respirou profundamente. Pela primeira vez desde que tudo começara, deixou de lutar contra as imagens. Observou cada lembrança passar diante dele como folhas carregadas pela correnteza. A infância. A faculdade. O primeiro plantão. O abraço da mãe. A morte do pai. Os pacientes que perdera. Ana Clara sorrindo pela primeira vez no hospital. Cada memória tentava prendê-lo. Mas ele compreendeu que nenhuma delas era ele. E, no centro daquele oceano de lembranças, encontrou finalmente Augusto. Não o médico brilhante. Não o cientista. Apenas um homem sozinho. Assustado. Sentado diante do espelho do laboratório, poucos minutos antes do experimento. Repetia para si mesmo, quase como uma oração:

— Eu não quero morrer.

Nada mais. Não havia ambição. Nem loucura. Apenas medo. Lucas aproximou-se daquela lembrança. Augusto levantou os olhos. Parecia enxergá-lo.

— Você também veio me impedir?

Lucas permaneceu em silêncio. Sentou-se diante dele. Durante alguns segundos, os dois apenas respiraram. Então respondeu:

— Não.

— Então por que está aqui?

Lucas olhou para o homem que dera origem a tudo aquilo.

— Porque você passou setenta anos tentando vencer a morte...

Fez uma pausa.

— ...quando tudo o que precisava era aceitar que ela existe.

Augusto começou a chorar. Não era o choro da entidade. Era o de um homem exausto. As paredes do laboratório imaginário começaram a desaparecer. As vozes diminuíram. As colunas de água perderam a forma. Uma a uma, milhares de lembranças desprenderam-se da rede como estrelas apagando-se no céu. No laboratório verdadeiro, todos sentiram a mudança. As máquinas cessaram o zumbido. Os mostradores apagaram-se. A água voltou lentamente ao chão. Ana Clara caiu inconsciente. Anselmo levou as mãos à cabeça. Seu rosto deixou de mudar. Pela primeira vez em décadas, havia apenas um velho. Álvaro sorriu discretamente.

— Finalmente...

Seu coração parou antes que conseguisse terminar a frase. Laura segurou a mão do pai enquanto as lágrimas desciam em silêncio. Helena correu até Lucas.

— Lucas!

Ele permanecia imóvel diante da cadeira vazia. Respirava. Mas demorou vários segundos para abrir os olhos. Quando finalmente o fez, olhou demoradamente ao redor. Reconheceu Helena. Depois Laura. Depois Ana Clara. Por fim, observou o lago através da pequena janela do laboratório. A água permanecia completamente escura. Sem qualquer brilho. Sem qualquer voz. Como um lago comum. Helena segurou seu rosto.

— Quem é você?

Lucas sorriu, cansado.

— Ainda não sei completamente...

Olhou novamente para o lago.

— ...mas, pela primeira vez, acho que essa resposta voltou a pertencer apenas a mim.

Ninguém falou durante alguns instantes. Do lado de fora, o primeiro raio de sol atravessou as árvores e iluminou a superfície da água. Era apenas o amanhecer. Ou talvez fosse

a primeira manhã verdadeira daquele lugar desde 1954. Lucas respirou profundamente. A história do Projeto Atlas terminava ali. Mas algumas perguntas permaneciam sem resposta. Quem havia construído o primeiro protótipo do equipamento? Como Augusto descobrira a possibilidade de registrar consciências? E, sobretudo... Se a rede realmente desaparecera... Por que, antes de deixar o laboratório, Lucas teve a nítida impressão de ouvir uma criança rir, bem distante, do outro lado do lago?

O PESO DO MUNDO

Toda escolha definitiva contém uma espécie de violência.
Escolher uma estrada é abandonar todas as outras.



“ Vocês precisam chegar antes da próxima lua nova... depois disso, ninguém mais conseguirá sair de lá.”
— Ana Clara ”

A VERDADE
vem com um preço.



Milhares de vozes.
Todas exigem ser reconhecidas.



O experimento
ameaça destruí-lo
por completo.



Para salvar Lucas,
é preciso uma
âncora externa.



Anselmo... ou Augusto?
Fragmentado entre
identidades e memórias.

Álvaro adverte: sem uma
referência externa, Lucas
será consumido.

Helena decide oferecer
suas memórias que nunca
pertenceram à rede.



A MEMÓRIA ÂNCORA

Helena tinha nove anos.
Estava sentada na varanda da casa da avó, em Cachoeira.
Chovia. O quintal cheirava a terra molhada e folhas de mangueira.
A menina segurava um pássaro ferido.
Uma pequena asa pendia de forma irregular.
— Ele vai morrer? — perguntou Helena.
— Talvez.
— Podemos salvá-lo?
— Podemos tentar.
A menina colocou o animal numa caixa forrada com tecido.
Durante três dias, cuidou dele. Só então ele voltou a voar.

Essa memória nunca foi compartilhada.
Ela se torna a âncora que separa o presente
das memórias acumuladas.



O lago retorna
ao silêncio.
A rede se dissolve,
mas deixa seus ecos.

Anselmo entrega
a medalha de
Álvaro a Lucas.

O futuro permanece incerto.
Mas eles não caminharão
mais sozinhos.

A investigação termina.
A vigilância, nunca.

“
Salvar o mundo
talvez não seja
impedir que ele caia.
É escolher, no meio do
caos, continuar sendo
humano.
”



CAPÍTULO 12

O Peso do Mundo

Toda escolha definitiva contém uma espécie de violência. Escolher uma estrada é abandonar todas as outras. Salvar uma vida pode significar aceitar outra perda. Dizer a verdade, em certas ocasiões, destrói aquilo que a mentira mantinha de pé. Lucas puxou a alavanca. Durante um segundo, nada aconteceu. Depois o mundo se partiu. Não houve explosão, ao menos não no sentido habitual. Nenhuma chama atravessou o laboratório. Nenhum estrondo sacudiu a fazenda. O que se rompeu foi algo menos visível e, por isso mesmo, mais profundo. As vozes começaram a gritar. Milhares delas. Homens, mulheres, crianças, soldados, médicos, mães, criminosos, amantes e moribundos falaram ao mesmo tempo. Algumas imploravam. Outras rezavam. Muitas chamavam por nomes que já não pertenciam a ninguém vivo. Lucas caiu de joelhos. As mãos cobriram-lhe os ouvidos, embora o som viesse de dentro. Helena correu em sua direção.

— Lucas!

Ele não a ouviu. As lembranças atravessavam-no em uma velocidade insuportável. Viu cidades que jamais visitara. Sentiu a dor de ferimentos que nunca sofrera. Recordou o nascimento de filhos que não tivera. Lembrou-se de morrer dezenas de vezes. Em um campo de batalha. Num quarto escuro. Sob as águas de um rio. Nos braços de uma mulher desconhecida. Cada memória chegava completa, acompanhada de cheiros, afetos e medos. Não eram imagens distantes. Eram vidas. E todas exigiam ser reconhecidas. A água inundava o laboratório. Laura tentava arrastar Álvaro para longe da cadeira. Um dos homens segurava o companheiro ferido. Ana Clara permanecia imóvel no centro da sala, com os braços estendidos, como se resistisse a uma força que tentava desmembrá-la. Anselmo estava desaparecendo. A pele tornara-se translúcida. Por trás do rosto do arquivista surgiam outros rostos: Augusto jovem, Augusto envelhecido, pacientes desconhecidos e, por fim, o menino Elias.

— Parem! — gritou Anselmo. — Ainda podem reverter!

Helena alcançou Lucas.

— Olhe para mim!

Ele ergueu o rosto. Os olhos estavam completamente escuros.

— Quem é você? — perguntou.

A voz não parecia inteiramente sua. Helena segurou-lhe o rosto.

— Meu nome é Helena Vasconcelos.

Nenhuma reação.

— Estamos na Fazenda Boa Esperança.

Lucas piscou.

— Helena?

— Sim.

— Hospital Universitário. Doze de novembro de dois mil e vinte e seis.

— Não.

Ela se aproximou.

— Estamos na fazenda. E você é Lucas Andrade.

Ele repetiu lentamente:

— Lucas Andrade.

— Outra vez.

— Lucas Andrade.

As vozes aumentaram. Lucas gritou. A descarga da pulseira percorreu-lhe o braço, mas o dispositivo explodiu em seguida, lançando faíscas sobre o chão molhado.

— Não consigo segurá-los — disse ele.

— Você não precisa segurar.

— Eles estão morrendo.

— São memórias.

— Para elas, é a mesma coisa.

Helena hesitou. O sofrimento de uma memória, caso pudesse sentir, seria menos verdadeiro que o sofrimento de uma pessoa? A pergunta não constava em qualquer tratado de neurologia. Talvez porque a ciência, prudente como certos covardes, prefira estudar apenas aquilo que não pode acusá-la. Álvaro ergueu a cabeça.

— Lucas!

A voz atravessou o tumulto.

— O processo de reversão está incompleto!

— O que falta?

— O campo precisa de uma referência externa!

— Não entendo!

— Uma memória que nunca tenha pertencido à rede!

Helena olhou para ele.

— Algo que Augusto jamais tenha visto.

— Exatamente.

— Para quê?

— Para separar o presente das recordações acumuladas. Sem uma âncora, tudo será absorvido por Lucas.

Laura examinou o painel.

— Como inserimos essa memória?

Álvaro apontou para a segunda cadeira.

— Outro cérebro precisa entrar.

Helena compreendeu.

— Não.

Lucas tentou levantar-se.

— Helena...

— Não.

— Você tem memórias que não estão na rede.

— Ela já acessou algumas através de você — disse Álvaro. — Precisamos de algo que nunca foi contado, mostrado ou recordado na presença de um portador.

— Não vou conectá-la.

— Sem isso, você será destruído.

Helena olhou para a cadeira. As correias estavam abertas.

— Quanto tempo?

— Segundos.

Ela entregou a arma a Laura.

— Se eu deixar de responder pelo meu nome, desligue o aparelho.

Lucas segurou-lhe o braço.

— Não faça isso.

— Você faria por mim.

— Isso não torna a decisão correta.

Helena sorriu.

— Foi exatamente o que eu disse a você.

Sentou-se na cadeira. Os suportes metálicos fecharam-se ao redor de sua cabeça. Lucas tentou alcançá-la, mas uma nova onda de memórias o derrubou.

— Helena!

Ela o encarou.

— Lembre-se de mim.

Álvaro acionou o segundo circuito. A lembrança surgiu na mente de Lucas como uma luz em meio a milhares de imagens. Helena tinha nove anos. Estava sentada na varanda da casa da avó, em Cachoeira. Chovia. O quintal cheirava a terra molhada e folhas de mangueira. A menina segurava um pássaro ferido. Uma pequena asa pendia de forma irregular. A avó aproximou-se.

— Ele vai morrer? — perguntou Helena.

— Talvez.

— Podemos salvá-lo?

— Podemos tentar.

A menina colocou o animal numa caixa forrada com tecido. Durante três dias, alimentou-o com gotas de água e pequenos pedaços de fruta. Na quarta manhã, encontrou a caixa vazia. A janela estava aberta. No parapeito havia uma pena. Helena correu para o quintal e procurou o pássaro entre as árvores. Não o encontrou. Durante muitos anos, acreditou que o havia salvado. Somente adulta compreendeu que a avó retirara o corpo durante a noite e deixara a pena junto à janela. A mentira não trouxera o pássaro de volta. Mas permitira que uma criança continuasse acreditando, por algum tempo, que certas coisas feridas podiam levantar voo. Lucas sentiu aquela lembrança entrar no campo. As vozes silenciaram. Não todas de uma vez. Primeiro cessaram os gritos. Depois as súplicas. Por fim, restou apenas o som da chuva daquela manhã distante. O laboratório desapareceu. Lucas e Helena estavam em pé à margem do lago. A fazenda era nova. O céu, porém, não pertencia a qualquer época. Metade estava iluminada pelo sol. A outra metade cobria-se de estrelas. Elias os aguardava junto à água. Não parecia mais assustado.

— Essa memória é sua? — perguntou a Helena.

— Sim.

— É verdadeira?

Ela demorou a responder.

— O que senti foi verdadeiro.

O menino observou uma pequena pena que segurava entre os dedos.

— Então a verdade pode nascer de uma mentira?

— Às vezes.

— Augusto mentiu para mim.

— Sim.

— Disse que eu ajudaria pessoas.

— E você ajudou.

— Ele disse que eu não sentiria dor.

Helena ajoelhou-se diante dele.

— Nisso, ele mentiu.

Elias baixou os olhos.

— Carreguei todos eles.

— Eu sei.

— No começo, conseguia ouvir cada voz. Depois se misturaram. Já não sabia onde eu terminava.

Lucas aproximou-se.

— Você não precisa continuar.

— Se eu soltar, eles desaparecem.

— Talvez.

— E se estiverem vivos?

— Então estão presos.

— E se tiverem medo?

Lucas pensou nas milhares de vidas que haviam atravessado sua mente.

— Ter medo de desaparecer não significa que continuar seja sempre melhor.

Elias olhou para o lago.

— Augusto dizia que a morte era uma doença.

— Muitos médicos pensam assim.

— E você?

Lucas permaneceu em silêncio.

— Acho que a morte é um limite.

— Qual a diferença?

— Uma doença deve ser vencida. Um limite precisa ser compreendido.

O menino sorriu discretamente.

— Você fala como Álvaro.

— Isso não é exatamente um elogio.

Pela primeira vez, Elias riu. Era apenas o riso de uma criança. A água começou a agitar-se. Da superfície emergiu Augusto Valença. Não era a figura envelhecida de Anselmo nem o neurologista sereno visto por Lucas anteriormente. Seu corpo parecia composto por fragmentos de muitas pessoas.

— Elias — disse.

O menino recuou.

— Não.

— Você precisa manter o campo.

— Estou cansado.

— Sem você, todos morrerão.

— Eles já morreram.

Augusto voltou-se para Lucas.

— Foi isso que lhe disse?

— Ele sabe.

— Uma criança não compreende a dimensão daquilo que carrega.

Helena levantou-se.

— Foi justamente por isso que o senhor a escolheu.

— Escolhi o único cérebro capaz de preservar a memória humana.

— Escolheu alguém incapaz de consentir.

— O consentimento é um luxo quando se enfrenta a extinção.

Lucas olhou para ele.

— Nunca foi sobre a humanidade.

Augusto sorriu.

— Não?

— Foi sobre Cecília.

A expressão do neurologista mudou.

— Não pronuncie esse nome.

— O senhor não suportou perdê-la.

— Eu a trouxe de volta.

— Trouxe lembranças dela.

— Qual é a diferença?

— Ela não podia criar novas memórias.

Augusto permaneceu imóvel.

— Apenas repetia aquilo que o senhor já sabia — continuou Lucas. — Respondia como o senhor esperava. Amava como o senhor se lembrava de ser amado.

— Ela me reconheceu.

— Porque nasceu das suas lembranças.

O rosto de Augusto deformou-se.

— Você não sabe o que é perder alguém.

Lucas viu o pai. O hospital. O lençol branco. A mão fria que segurara aos quinze anos.

— Sei.

— Então deveria compreender.

— Compreendo por que começou.

Aproximou-se.

— Não por que continuou.

Augusto ergueu a mão. O céu escureceu. Milhares de figuras surgiram ao redor do lago.

— Olhe para eles. Cientistas, artistas, crianças, mães. Tudo o que viveram permanece aqui. Quer destruí-los em nome de uma ideia primitiva de identidade?

— Não são pessoas completas.

— E você é?

A pergunta atravessou Lucas. Augusto continuou:

— Seu vocabulário veio de outros. Seus valores foram ensinados. Sua vocação nasceu de perdas que não escolheu. O homem é uma colagem que se julga original.

— Talvez.

— Então aceite o campo. Torne-se o novo Atlas. Preserve tudo.

— Elias será libertado?

— Sim.

— Ana Clara também?

— A consciência dela permanecerá.

— Não foi o que perguntei.

Augusto não respondeu. Lucas compreendeu. Ana Clara poderia sobreviver como lembrança. Não como pessoa.

— O senhor nunca salvou ninguém — disse. — Apenas transformou a morte em prisão. Elias apertou a pena entre os dedos.

— Posso escolher?

Augusto voltou-se para ele.

— Não.

— Você disse que um dia eu escolheria.

— Disse o que era necessário.

— Outra mentira.

O menino caminhou até a margem.

— Elias — advertiu Augusto.

— Meu nome é Elias.

A frase produziu uma ondulação no lago. As figuras ao redor começaram a desaparecer.

— Pare! — gritou Augusto.

— Eu tinha um nome antes de você.

— Não existia antes de mim.

— Existia.

Elias olhou para Lucas e Helena.

— Alguém precisa se lembrar de mim.

Helena segurou-lhe a mão.

— Nós vamos nos lembrar.

— Mesmo que tudo desapareça?

— Sim.

O menino sorriu.

— Então não preciso mais carregar.

Abriu a mão. A pena caiu sobre a água. O lago se rompeu. Uma coluna de luz ergueu-se até o céu. As figuras ao redor foram arrastadas para dentro dela, não com violência, mas como fotografias dissolvidas pelo sol. Lucas ouviu nomes. Centenas. Milhares. Cada voz pronunciava a si mesma uma última vez. Algumas eram serenas. Outras estavam aterrorizadas. Nenhuma queria ser esquecida. Mas foram. Augusto tentou alcançar Elias. Seu corpo começou a desfazer-se.

— Você não sabe o que está fazendo!

O menino permaneceu imóvel.

— Sei.

— Vai morrer!

— Já morri há muito tempo.

Augusto voltou-se para Lucas.

— Não permita!

— O senhor dizia que a morte era uma doença.

— É!

Lucas observou o homem que sacrificara pacientes, fragmentara a própria mente e atravessara décadas para evitar o destino comum a todos. Naquele momento, Augusto não parecia um monstro. Parecia apenas um homem apavorado. Talvez todos os monstros sejam isso quando retiramos deles as justificativas.

— Não — respondeu Lucas. — O medo é que era.

A luz atravessou Augusto. Por um instante, seu rosto tornou-se tranquilo.

— Cecília... — murmurou.

Uma mulher apareceu diante dele. Era jovem, usava um vestido claro e trazia nos olhos uma tristeza serena. Augusto estendeu a mão.

— Você voltou.

Ela não respondeu. Limitou-se a sorrir. Talvez fosse Cecília. Talvez fosse apenas a última lembrança que ele desejava ver. Desta vez, a diferença já não importava. Os dois desapareceram. Lucas abriu os olhos. Estava no laboratório. A água alcançava-lhe o peito. Helena permanecia presa à segunda cadeira, inconsciente.

— Helena!

Ele se libertou das correias e nadou até ela. O painel emitia faíscas. Parte do teto havia desabado. Laura tentava retirar Álvaro da sala, enquanto os dois homens forçavam a porta. Ana Clara estava caída sobre uma plataforma. Lucas soltou Helena. Ela não respirava.

— Não!

Levou-a para uma área mais alta e iniciou as compressões torácicas.

— Helena, volte!

Trinta compressões. Duas ventilações. Nenhuma resposta. Recomeçou. Álvaro observava à distância.

— Lucas...

— Não!

Continuou.

— Ela entregou a memória âncora — disse o velho. — O campo pode ter levado mais que isso.

— Cale-se!

Mais compressões. Laura ajoelhou-se ao lado dele.

— Deixe-me ajudar.

Ventilou Helena enquanto Lucas comprimía o tórax. Um minuto. Dois. Três. O laboratório desmoronava.

— Precisamos sair! — gritou um dos homens. Lucas continuou.

— Helena Vasconcelos — repetia entre as compressões. — Hospital Universitário. Fazenda Boa Esperança. Doze de novembro de dois mil e vinte e seis.

Laura olhou para ele.

— O que está fazendo?

— Lembrando-a.

Quatro minutos. Helena tossiu. A água saiu-lhe pela boca. Lucas virou-a de lado. Ela respirou com dificuldade. Abriu os olhos.

— Quem... é você?

Ele congelou.

— Lucas.

Ela o observou sem reconhecimento.

— Lucas Andrade.

Nenhuma reação.

— Você prometeu lembrar quem eu sou.

Helena fechou os olhos. Por alguns segundos, Lucas acreditou que a rede lhe tomara todas as memórias. Então ela murmurou:

— Apenas amigo?

Ele começou a rir e a chorar ao mesmo tempo.

— Cientificamente preciso.

— Idiota.

Lucas a abraçou. Ana Clara ainda estava viva. Encontraram-na inconsciente, mas respirando. Seus olhos haviam voltado ao normal. Não havia mais sombras sob a pele. Quando tentaram retirar Álvaro da cadeira, ele recusou.

— A casa vai desabar — disse Laura.

— Eu sei.

— Pai, venha.

— Meu corpo não sobreviverá fora do campo.

— Não podemos deixá-lo.

Álvaro tocou o rosto da filha.

— Você passou a vida esperando que eu voltasse.

Laura chorava.

— Sim.

— Eu nunca voltaria inteiro.

— Não me importa.

— Importa.

Ele sorriu.

— Um pai deve saber quando sua ausência se tornou mais pesada que sua presença.

Entregou-lhe a medalha de São Lucas.

— Vá.

Laura segurou-lhe a mão.

— Eu não perdoo o que fez.

— Não deveria.

— Mas não quero que morra sozinho.

Álvaro olhou para Lucas.

— Não estarei.

A água subia. O teto cedeu novamente. Lucas compreendeu. Afastou-se com Helena e Ana Clara, deixando Laura alguns instantes ao lado do pai. Pouco depois, ela os alcançou. Não olhou para trás. Saíram da casa quando as primeiras paredes começaram a desabar. Correram até o portal. Atrás deles, o solo se abriu. A casa branca inclinou-se lentamente em direção ao lago. A grande árvore foi arrancada pelas raízes e caiu sobre o telhado. A água engoliu tudo. A casa. O laboratório. Os arquivos. O corpo de Álvaro. Em poucos minutos, o lago transbordou e inundou a propriedade. Quando finalmente se acalmou, nada restava além de uma extensão escura de água. Anselmo havia desaparecido. No local onde caíra sobre a estrada, encontraram apenas o paletó velho e uma pequena fotografia. Nela, aparecia um menino diante da fazenda. No verso, uma palavra:

Elias.

Não havia data. Ana Clara permaneceu internada por três semanas. Nos primeiros dias, não reconhecia ninguém. Depois começou a recuperar fragmentos da própria vida. Lembrou-se da mãe. Da escola. Do primeiro namorado. Do quarto do hospital. Não se recordava da fazenda. Nem de Augusto. Nem de Elias. Os sonhos cessaram. Os exames continuaram normais. Quando Lucas lhe perguntou pela última vez se ainda ouvia vozes, ela sorriu.

— Apenas a minha.

Parecia uma resposta simples. Naquela história, era quase um milagre. Lucas perdeu algumas lembranças. Não sabia quais. Esse é o inconveniente de esquecer: não se percebe a ausência daquilo cuja existência já não se recorda. Sua mãe contou-lhe histórias da infância que pareciam pertencer a outra pessoa. Ele reconhecia os lugares, mas não os sentimentos. Não conseguia mais lembrar-se da voz do pai. Essa foi a perda mais dolorosa. Conservava o rosto, os gestos e certas frases. Mas, ao tentar imaginar como o pai pronunciava seu nome, encontrava apenas silêncio. Helena também perdera a lembrança do pássaro. Lucas contou-lhe o que havia visto. Ela ouviu com atenção.

— Não sei se aconteceu — disse.

— Aconteceu.

— Como pode ter certeza?

— Eu me lembro.

Helena sorriu.

— Então agora a lembrança é sua.

Seis meses depois, Lucas apresentou um trabalho confidencial a um pequeno grupo de neurologistas, físicos e pesquisadores. Não mencionou consciência coletiva. Não falou de

mortos. Não descreveu a aparição de Augusto às margens do lago. Limitou-se aos dados que podiam ser documentados: pacientes com alterações semelhantes, padrões incomuns de sincronização cerebral, registros do Projeto Atlas e desaparecimento dos sintomas após a destruição do campo de ressonância. O material foi recebido com ceticismo. Alguns sugeriram fraude. Outros, delírio compartilhado. Um pesquisador propôs exposição a substâncias neurotóxicas. Outro considerou histeria coletiva. Lucas não discutiu. Aprendera que a verdade não se torna mais verdadeira por vencer uma discussão. O relatório foi arquivado. Os documentos da fazenda desapareceram dos sistemas do hospital poucas semanas depois. Laura Montenegro recusou-se a responder às mensagens. A polícia encerrou a investigação, atribuindo o colapso da propriedade a uma formação geológica instável. A Fazenda Boa Esperança deixou de existir nos mapas. Um ano se passou. Lucas concluiu o curso de Medicina. Na cerimônia de formatura, Helena sentou-se ao lado de sua mãe. Ana Clara enviou flores, acompanhadas por um bilhete: “Obrigada por ter acreditado em mim quando eu ainda não sabia quem era.” Depois da solenidade, Lucas caminhou sozinho até o jardim da universidade. Trazia no bolso a fotografia de Elias. Sentou-se sob uma árvore e observou os colegas comemorando ao longe. Não sabia exatamente o que sentia. Alívio, talvez. Ou culpa. Salvaram Ana Clara. Libertaram Elias. Destruíram Augusto. Mas apagaram milhares de memórias. Não havia forma de saber se haviam encerrado uma prisão ou provocado uma segunda morte. Helena aproximou-se e sentou-se ao lado dele.

— Você está pensando no lago.

— Como sabe?

— É a expressão que faz quando pensa em coisas que não pode resolver.

— Tenho uma expressão específica?

— Infelizmente.

Ele entregou-lhe a fotografia.

— E se Elias estivesse errado?

— Sobre o quê?

— E se as pessoas dentro da rede ainda estivessem conscientes?

— Então nós as libertamos.

— Ou as matamos.

— Lucas...

— Não temos como saber.

Helena segurou-lhe a mão.

— Há decisões que não oferecem certeza. Apenas responsabilidade.

— Isso deveria me tranquilizar?

— Não.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro.

— Mas talvez o peso não precise ser carregado sozinho.

Lucas olhou para ela.

— Isso foi uma referência a Atlas?

— Foi.

— Muito óbvia.

— Acabo de descobrir que médicos recém-formados são péssimos críticos literários.

Ele sorriu. Durante alguns minutos, permaneceram em silêncio. Pela primeira vez em muito tempo, Lucas sentiu que a história havia terminado. Naturalmente, estava enganado. Na manhã seguinte, encontrou um envelope sobre a mesa de seu apartamento. Não havia remetente. A porta não apresentava sinais de arrombamento. Dentro, havia uma fotografia recente. Mostrava um lago cercado por montanhas cobertas de neve. No verso, lia-se:

Nordland, Noruega. 2027.

Abaixo, uma mensagem escrita em português: “Paciente masculino, sete anos. Febre baixa, sonhos compartilhados e lembranças incompatíveis com sua história de vida.” Lucas sentiu o corpo esfriar. Havia outra folha. Era um desenho feito pela criança. Mostrava uma casa branca às margens do lago. Ao lado da casa, uma grande árvore. Sob a árvore estavam oito pessoas. Lucas reconheceu Augusto. Álvaro. Ana Clara. Helena. A si mesmo. Reconheceu também Elias. As duas últimas figuras eram desconhecidas. Uma delas segurava a mão do menino. A outra permanecia de costas, olhando para o lago. Lucas virou a página. No verso, a criança escrevera uma única frase: “Elias disse que você fez a escolha errada.” O telefone tocou. Número desconhecido. Lucas hesitou antes de atender.

— Alô?

Durante alguns segundos, ouviu apenas a respiração de alguém. Depois uma voz infantil falou em português, com um leve sotaque estrangeiro:

— Doutor Lucas?

— Quem está falando?

— Meu nome é Erik.

— Como conseguiu este número?

O menino ignorou a pergunta.

— Sonhei com você.

Lucas apertou o telefone.

— O que viu?

— O lago.

— Qual lago?

— O que ainda não existe.

Uma pausa.

— E o homem de olhos cinzentos.

Lucas fechou os olhos.

— Augusto?

A criança pareceu confusa.

— Não.

— Então quem?

A resposta veio baixa:

— Você.

A ligação terminou. Lucas permaneceu sozinho diante da janela. Na rua, as pessoas caminhavam para o trabalho. Carros cruzavam a avenida. Uma mulher puxava uma criança pela mão. Um vendedor abria as portas de uma padaria. O mundo seguia seu curso habitual, indiferente aos mistérios que se escondiam sob a aparência das manhãs comuns. Ele voltou à fotografia. Observou a figura de costas junto ao lago. O corpo alto. Os ombros estreitos. A postura. Era ele. Mas havia algo que não percebera antes. Na água, o reflexo da figura não mostrava Lucas. Mostrava um menino. Elias. Uma dor atravessou-lhe as têmporas. Por um instante, ouviu a chuva caindo sobre a varanda de uma casa em Cachoeira. Viu uma menina segurando um pássaro ferido. Sentiu o cheiro de terra molhada. Aquela memória pertencia a Helena. Ou pertencera. No parapeito da janela havia uma pequena pena. Lucas a tomou entre os dedos. Não estava ali alguns segundos antes. Uma voz infantil sussurrou dentro de sua mente:

— Alguém precisava se lembrar de mim.

Lucas fechou os olhos. Quando os abriu, viu seu reflexo no vidro. O rosto era o mesmo. Os olhos, não. Ao redor das pupilas, uma sombra cinzenta começava a se formar. E então compreendeu. O lago fora destruído. O campo, não. Durante a reversão, as memórias não haviam desaparecido. Havia encontrado uma âncora externa. Uma lembrança que nunca

pertencera à rede. A lembrança de Helena. E, através dela, alguém encontrara uma saída. Lucas observou a pena.

— Elias?

O reflexo sorriu antes dele.

— Não exatamente.

Naquele instante, milhares de pessoas despertaram em diferentes partes do mundo com a mesma lembrança: uma casa branca, uma árvore gigantesca, um menino junto ao lago e um jovem médico de olhos cinzentos que lhes estendia a mão. Lucas sentiu todas elas. Uma por uma. Depois ouviu uma voz que parecia nascer de sua própria boca e, ao mesmo tempo, de muito longe:

— Agora, ninguém precisará carregar o mundo sozinho.

Na mesa, o telefone voltou a tocar. Desta vez, não era apenas uma chamada. Eram centenas. Recife. Fortaleza. Curitiba. Berlim. Tóquio. Oslo. Salvador. Lucas não atendeu. Olhou para a cidade. As pessoas paravam nas calçadas. Uma após outra, erguiam lentamente a cabeça em direção à janela de seu apartamento. Mesmo separadas por paredes, edifícios e quilômetros, todas pareciam saber exatamente onde ele estava. Todas sorriram ao mesmo tempo. E Lucas, ou aquilo que ainda se lembrava de ser Lucas, sorriu de volta. Porque Atlas jamais fora o homem condenado a sustentar o mundo. Atlas era o mundo aprendendo a sustentar-se através de um único homem.

FIM